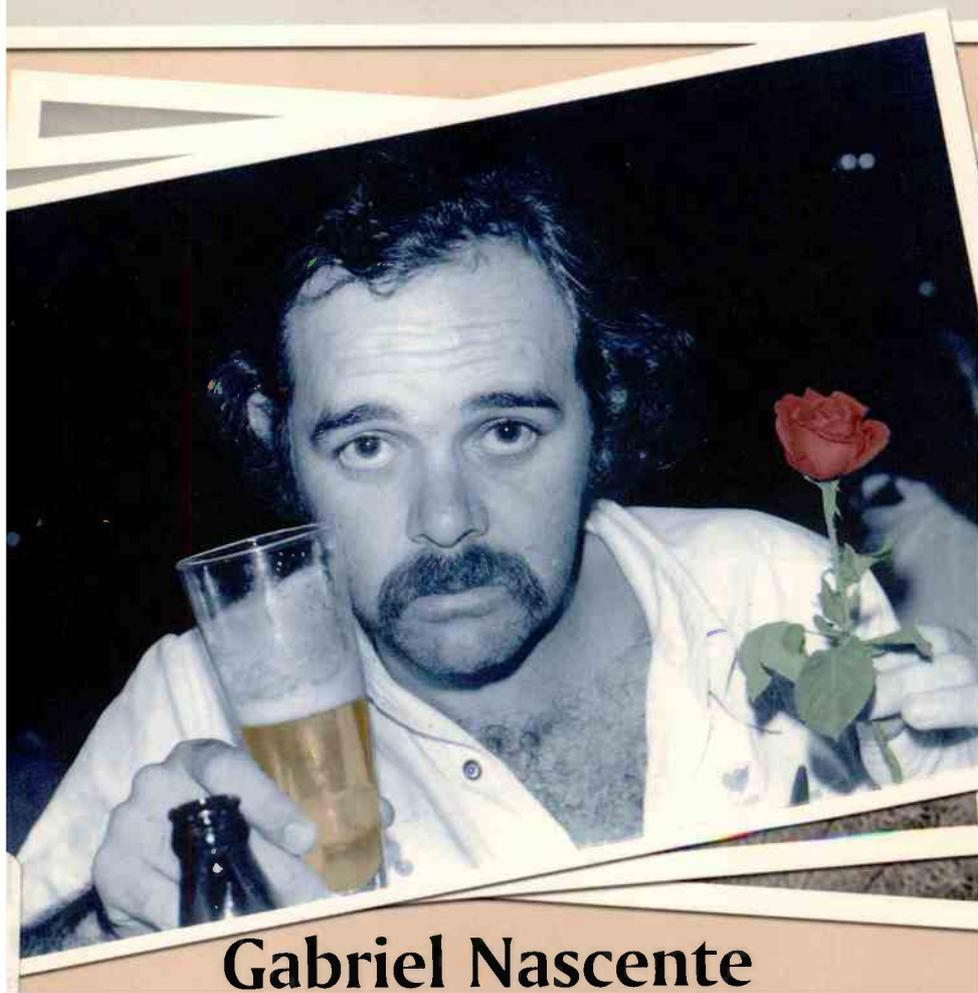


# O Copo das Ilusões

- CONFISSÕES -



**Gabriel Nascente**

## A BIOGRAFIA DO PORRE

O COPO DAS ILUSÕES, que tem como subtítulos *A biografia do porre*, e/ou *A odisséia da hecatombe etílica*, é um conjunto de acontecidos, às vezes antológicos, hilariantes; às vezes caricatos, tristes, de uma geração que se calou no cemitério das garrafas, e no fundo das lixeiras, entre baratas, tocos de cigarros, cinzas. Libertina, ousada, ela ensinou e destruiu muitos homens, no mar de delícias do efêmero. Durou a chama de um fósforo, nada mais que o fulgor de uma faísca. Barulho, muito barulho, das ilusões perdidas.

As cadeiras ficaram vazias. E os copos também. Vultos que já não se mexem mais como sombras. Nem isto no fundo dos espelhos.

Para nós, os pirilampos da noite (pumas enlouquecidos), a geração dos bares está encerrada, menoscabou-se. Não a teremos jamais outro grito de juventude. Nem os tambores da primavera retumbando no coração da matéria. Saimos de cena. Adeus.

Um dia, nós molhamos as profundidades do verbo, em nossas sedes de amor à vida, com doses do etílico que esvaziaram tonéis e se dissolveram nas enxurradas da urina.

Muitos dos figurantes do curso e do excuro desta obra estão aí, gloriosamente vivos, desfrutando do milagre de suas existências, entre nós os mortais. Gente que permitiu reacender, na memorialística desses casos, o gáudio de termos sido existencialmente felizes, praticando a filosofia dos copos, apesar da chuva das catilinárias em cima de nós: “Vocês vão morrer de tanto beber, empanturrados de pinga até os extremos da alma, seus endemoniados, porras-loucas!”. E nos afundamos no epicurismo do prazer em busca da eternidade: o elixir dos deuses e não o dos mortais.

E ao fim do alarido das diversões com o copo, fiz o exorcismo, e os demônios foram-se embora. Ou melhor: se esconderam atrás dos balcões, debaixo das cadeiras, nos bares; um, cúmplice do outro, à espera de suas vítimas. Do fundo das garrafas à garganta dos bebedores, em sua maioria, inocentes.

Beber, com sabedoria e moderação, não é beber: é driblar o tempo, bebericar. E beber por vício – surto de sede pelo álcool – é tara, compulsão. Neste particular, eu vivi as duas opções: fui brisa e ventania; o leve e o pesado misturados às talagadas da mesma loucura.

**O Autor**

AS NARRATIVAS DESTE  
TESTEMUNHO, QUE EXUMAM  
VOZES E PERFIS DOS MEUS  
ANTIGOS FANTASMAS, TRAZEM  
À TONA OS MOMENTOS DA  
ELDORADA ALEGRIA VIVIDOS,  
UM A UM, NO ENTORNAR DOS COPOS. ALI  
EU SEPULTAVA OS MEUS TÊDIOS E AS  
MINHAS SOLIDÕES. PORQUE NO FUNDO DE  
TUDO AQUILO, NINGUÉM SE COMUNICAVA  
COM NINGUÉM. ÉRAMOS  
SOZINHOS, EM NÓS.

Geraldo Vasconcelos

APOIO CULTURAL:



SANEAMENTO DE GOIÁS S/A  
LIMPA E TRANSPARENTE.



ISBN 85-903396-2-9



9 788590 133962 5

À  
valeroso amigo e  
poeta Soares Fritosa,  
esta antologia de copos  
divinamente entornada  
pelas loucas carraSPANAS  
de

## O COPO DAS ILUSÕES

Gabriel Nascimento  
(2-8-004)

Email: [gabrielnascente@hotmail.com](mailto:gabrielnascente@hotmail.com)



Gabriel Nascente

# O COPO DAS ILUSÕES

[ Confissões ]

Goiânia, 2004

Copyright © 2004 by Gabriel Nascente

*Projeto Gráfico e acabamento*  
M&A Comunicação Visual Ltda. - 62 211-3458

Capa: Wagner Luz  
Foto: Marcos Lobo

*Revisão:*  
Sandra Rosa

CIP – Brasil – Catalogação na fonte  
Biblioteca Pública Estadual Pio Vargas

---

NAS Nascente, Gabriel  
cop O Copo das Ilusões. Gabriel Nascente;  
Goiânia: Kelps, 2004.

266 p.

1. Literatura Brasileira – Romance biográfico. I. Título.

CDU: 821.134.3 (817.3)-92

---

Índice para catálogo sistemático:  
Literatura Goiana – Romance biográfico  
Literatura brasileira – Romance biográfico.

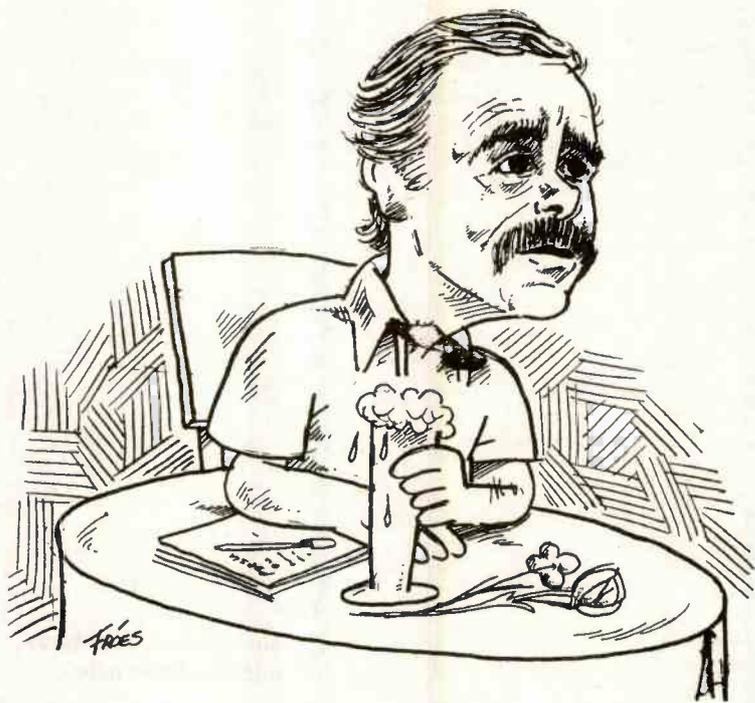
CDU: 821.134.3 (817.3)-92

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – É proibida a reprodução total ou parcial da obra, de qualquer forma ou por qualquer meio sem a autorização prévia e por escrito do autor. A violação dos Direitos Autorais (Lei nº 9610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal Brasileiro.

IMPRESSO NO BRASIL  
Printed in Brazil 2004



Para  
Maria D´Lourdes Silveira,  
que resistiu ao dilúvio.



Se você , caro leitor, pretende, um dia,  
redescobrir a vida; visite logo,  
correndo, o paraíso da juventude. Ali  
perdura, aceso, o luzeiro de todos os  
sonhos. Com bebida, ou sem bebida,  
a juventude é infinita. E eu vivi nela,  
andei com ela; fui festa e sonhei com esse ardor  
que se carrega no coração.

O Autor



*Rio às gargalhadas.*  
(LAUTRÉAMONT)

*Foge, sonho falso.*  
(ILÍADA, Canto II, Homero)

*Não desejo ser um santo;  
gostaria muito mais de ser um palhaço...*  
(NIETZSCHE, Ecce Homo)



*Pode ser embriaguez  
que vem do rum...  
mas eis que goteja em mim  
silenciosamente  
o velho vulcão do  
meu passado (...)  
e eis que se abrem,  
na paz noturna,  
todos os fantasmas  
que já fui...*

(GUY TIROLIEN, "Paroles sans suite")



## SUMÁRIO

Introdução ao porre .....	15
Um recado apenas .....	19
O copo das ilusões .....	25
<b>Capítulo um</b>	
Entre as sandices do sonho ( <i>À guisa de prólogo</i> ) .....	29
<b>Capítulo dois</b>	
Adeus ao copo .....	51
<b>Capítulo três</b>	
Para viver, bebi! .....	65
SENTENÇAS .....	203
OBRAS DO AUTOR .....	213
OPINIÕES CRÍTICAS SOBRE A POESIA DE GABRIEL NASCENTE .....	217
CRONOLOGIA ( <i>vida e obra de Gabriel Nascente, em curso</i> ) .....	253



## INTRODUÇÃO AO PORRE



*Se este livro fosse um bar. Se esta página fosse uma mesa. E se estas palavras fossem cadeiras, pronto: estávamos todos de volta ao santíssimo ritual do porre.*

*Amarraríamos o tempo na euforia de um milhão de brindes, com um nó de górdio, para ninguém nunca mais desatá-lo. E de novo molharíamos as nossas bocas com os barris de espumas do etílico. Mandaríamos flores e bilhetes de amor assinados pelos bêbados da noite, à esfuziante chusma de andorinhas (déias do batom), que insultavam os apetites carnis da nossa libido; enquanto a lucidez era bombardeada pela perdição dos copos, por culpa de nossas gargantas atacadadas à ilha dos copos. Tudo pelos copos: o amor, a poesia, o sexo, a liberdade e os sonhos.*

*Será que pecávamos contra a luz da nossa juventude "embalada em esperanças paradisíacas?" E a boêmia, nos extremos da sua acepção, não seria assunto só para viris e corajosos, loucos e frustrados, inocentes e rebeldes? Pelo sim, pelo não. Tínhamos o apetite camusiano de felicidade; rapagões que éramos apaixonados, irresponsavelmente puros, na eternidade daqueles instantes.*

*Angústia (se existencial ou metafísica) só mesmo em peito*

*angusto, de coração que batia apertado, sem frinchas de luz para o futuro. Os personagens desta ribalta de bebedeiras, que conheci e convivi com eles, desde a metade dos anos 60 – se mortos ou vivos – deixaram os seus vazios na fumaça dos bares: a catedral do cálice etílico. Vaga-lumes ou raposas, de hábitos estranhos, de mesa em mesa, baforando e bebendo os enigmas da vida, através das doses ou das talagadas, que molhavam a sequidão do verbo, na errática solidão dos nossos passos pelo ventre úmido das noites. Eu amei, sofri e sonhei com eles, menestréis do asfalto, ensombrados pelo silêncio das estrelas. Discriminados, principalmente, por certas truanices da sociedade. Afinal, para que serve um bêbado?*

*Sistematicamente, esta narração não é uma apologia ao álcool. Nem uma agressão aos que bebem, cheia de broncas e de proibições. Não. É o prosclênio do prazer, dos sonhos e da sensualidade, edificado pelos rios da cerveja; quando tudo parecia acontecer sobre as alfombras de um infinito paraíso, longe das doenças e das mortes.*

*Que devaneio fui eu, sozinho, anacoreta, debaixo do sol do agreste goiano, tomando cerveja, no calorão daquelas pedreiras lambidas pelas correntezas do Araguaia, lá onde o rio é enforcado pelas anfractuosidades da natureza?*

*Luz, ópera de pássaros, solidão, areias e ventos, de um encantamento que me sangrava em lágrimas, num choro de ego nirvânico. Debaixo da imensidão daquele céu, lambuzado de crepúsculos cor de uva, cor de âmbar: o sonho falava por mim. Agora, eu rasgo o meu coração nas páginas deste Copo das ilusões perdidas, e canto o que sobrou do amontoado daquelas cinzas, no cálice deste pranto, intraduzivelmente feito de vinagre e dulçor de lembranças.*

(Sala Albert Camus, Goiânia, 19 de Abril de 2004)

UM RECADO APENAS



*Amigos do meu tédio. Amigos da minha ciência. Amigos do meu copo. A arte de beber é inerente à nobreza dos deuses. Por isso, dêem logo uma rosa branca a quem parou de beber; e, complacentes, não crucifiquem os que bebem. Pois a eles pertecem os jardins da razão; a vida que fulgura, célere, entre o lábio e o copo.*

*Quisera eu inventariar o êxtase de ter sido boêmio, um amante do copo, torcendo e destorcendo todas as toalhas de mesas de bares, que empapei de cervejas, aos gritos das minhas frases de poeta louco. Líder das sombras. Anjo do asfalto, falena das noites.*

*E lembremo-nos, agora, da heróica figura de Elpenor, o helênico remeiro da guerra de Tróia, da maruja de Odisseu. Que, na mansão de Penélope, em Ítaca, embriagou-se com crateras de vinho; e, do alto de uma escada, despencou-se para a morte: bêbado.*

*A bebida, penso eu, é o mais vetusto de todos os prazeres. E só não é mais antiga que o homem, porque o homem nasceu primeiro. Portanto, de geração a geração, ela está presente, inebriando e destruindo a humanidade.*

*Quem tem juízo, bebe. Quem não tem, naufraga. Eis o fulcro*

da questão. É pecado beber? Não. É perigoso beber? Sim e não. Não sou sábio em medicina para aprofundar-me neste assunto. Enquanto uns possuem caixa muscular, esbanjando saúde para a prática do referido vício, limitando-se tão somente ao ensejo social das alegrias; outros, mais furentes, vão fundo, se desequilibram, e acabam encontrando pela frente os amargos resultados da decepção. E, na maioria das vezes, culminando-se com o decesso, a morte.

**O copo das ilusões** é praticamente a memorialística de um passado comprometido com as alegrias das farras etílicas, e seus conseqüentes resultados nada favoráveis à saúde do corpo, e, principalmente, da mente. Quando eu bebia, o bem e o mal eu engolia: vinha tudo pelo mesmo copo.

Nunca me esquecerei da tarde em que visitei o cineasta João Bennio, já moribundo em seu leito, se agonizando entre os estertores da morte, com câncer. Ele olhava o crepúsculo pela janela, e me dizia:

– Não queira nunca, poeta, conhecer os extremos demoníacos de uma ressaca, como eu. E me mostrava o braço esquerdo todo roxo, picado de injeções.

O seu estilo de beber era simplesmente catastrófico. Começava às cinco da tarde e ia até às cinco da manhã, do dia seguinte. O resto ficava por conta das queimações avernais da ressaca. “Eu sei o que é uma ressaca, poeta. Eu sei”.

Dias depois, vi pelos jornais o trespasse do João Bennio. Ele foi velado com honras no saguão do Teatro Goiânia. Em vida, um boêmio intelectual, artista da tela, teatrólogo, desesperadamente apaixonado por mulher, cinema, culinária e bebida.

Enterramos o João Bennio e fomos beber cerveja. E bebíamos

*enquanto aquilo ainda não era devastador para nós, os protagonistas da juventude em contato com os fluxos divinais da vida, e seus triunfos de liberdade, de amor e poesia. Não tínhamos responsabilidades com nada, exceto engatarmos a vida no ritmo cervejal das euforias. Era esse o compromisso: voarmos como loucos pirilampos, de bar em bar.*

*A vida nos levava a bordo dos seus sonhos, sem a rigidez dos horários para embarques ou desembarques. Apenas mergulhá-vamos no tanque daquelas emoções. E agora, longe das ébrias algazarras, penso diferente. Que sejam os mais jovens os meus ersatzs na arte de beber – cientes, portanto, do perigo que se descortina à luz dos seus olhos. Se possuem talento para administrar o convívio com a bebida, vão em frente. Se não, fiquem de fora. A renitência faz o estrago.*

*Eu bebia sem maldades, confesso. Um inocente. Depois, eu quase me arruinei, abusando-me do álcool.*

*Fui borboleta pousada sobre a boca das garrafas, com o vício me pungindo por dentro; criando ilhas de aflições na alma.*

*A vida por um copo? Não. Eu bebi até a hora em que a consciência me puxou os cabelos, deu um coice no âmagô da minha vida e gritou: luz!*



## O COPO DAS ILUSÕES

I

Era o tempo  
de debulhar  
as espigas  
do júbilo.

Eu bebia,  
água suja  
de ilusões,  
eu bebia.

Mel amarelo, fulvo,  
cor de crina de leão.

Com cordas de que abismos,  
eu me subia, triunfante,  
às ondas da alegria?  
Eu, um bêbado à deriva?  
Trôpego de mim, sem leme,  
na desdita? A engolir de tudo,  
água santa e maldita?

A noite era o destino:  
rio ébrio (de)vagar.

E da boca das espumas, eu gritava:  
"Quero morrer de imortalidades!"  
Maiakóvsky dava o troco, e bradava:  
"Melhor morrer de Vodka, que de tédio!"

II

Hoje,  
que ritmo de linguagem tenho eu  
para aturar o asgo universal deste tédio:  
– o de estar bêbado de lucidez?

Navego em seco, com meus remos de sola.  
A poesia me consola. Emprazo a alma,  
rio e choro.

Cadê a pluma dos sorrisos?  
A boca rubra dos beijos?  
O navio pingue dos desejos?

O sino bêbado dos bares – cadê?  
A alma de palha dos homens?  
As garrafas, o perfume, as  
tranças da noite (as transas),  
os dipsomaníacos – cadê?

Meu Deus, abra logo as  
portas dos meus bares!  
E devolva os meus boêmios  
à ciranda dos copos.

Vamos nascer de novo  
do coquetel das primaveras.  
E fazer de conta  
que tudo foi eterno  
no vôo daquelas horas.

A noite era o caminho  
dos pirilampos,  
e nós  
os tripulantes da nau  
etélica.

E sob a rubra claridade  
das estrelas, bebíamos  
para iludir as ilusões.



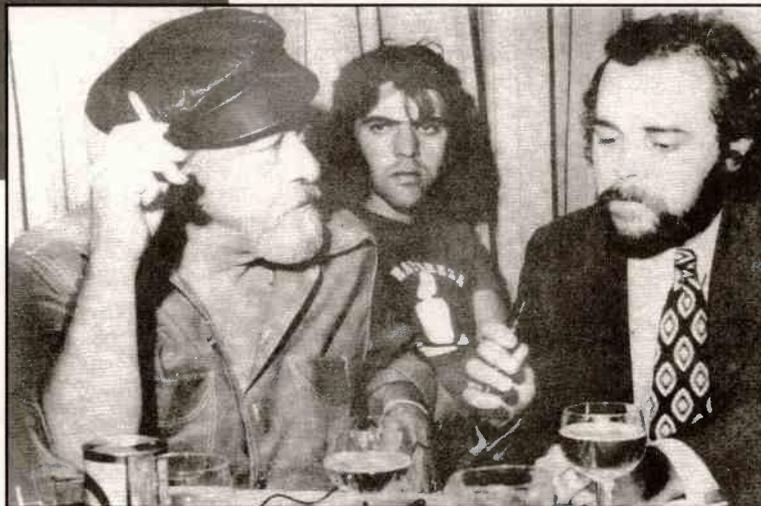
## CAPÍTULO UM



ENTRE AS SANDICES DO SONHO

*(À guisa de prólogo)*





*Quando eu morrer,  
quero ser enterrado  
dentro de um copo.*

(VINÍCIUS DE MORAES,  
em conversa com o  
poeta Gabriel Nascente,  
numa mesa de bar)

---



## COPO-I

*ESTE* livro relata o período em que, lírico-eufórico, eu vivi nos tempos do etílico. Etílico é álcool, bebida. E sem este mergulho nas brumas da boêmia, não teria escrito. Talvez inventado à luz da utopia literária. E se algum mal houve, destilei-o contra mim: crucificado pelo banquete dos copos, entre os homens. As mulheres eram as borboletas derramadas em nossas mesas, o lado angelical das bebedeiras em homenagem à vida.

Se quiser, meu caro leitor, ao folhear estas páginas, não chore; ou, antes: tire o cisco dos olhos. Porque o que se ressuscita aqui, através da palavra-depoimento, é verdade por demais contundente. Não há atalhos nem meio-termos. É um livro-relato. É um livro-crônica. Com doses de emoção que extrapolam a loucura: a realidade é despedaçada pelo abuso desenfreado do álcool. Sem abolir, claro, os direitos universais do homem, de beber

---

a bel-prazer. Longe disso. E também do falso moralismo. Eu não seria tão hipócrita, ao ter abandonado o vício, e pedir a humanidade que faça o mesmo. A eternidade dos homens é chama de fósforo; e o que fiz, sorvendo conteúdo de garrafas, foi encantado enquanto durou: o cochilo de mil luares.

Quando boêmio, eu fui aos extremos do meu próprio périplo. Desafiei emoções. Cuspi na luz. Dancei em velório. Bebi, e bebi, mandando a humanidade às favas! O sim e o não eram a dialética das minhas vagabundagens pela odisséia dos copos. Bebi, exageradamente, muito; ávido de sonhos, e perdido na minha frágil realidade.

*O Copo das Ilusões* é, portanto, o inventário das bebedeiras que duraram invernações, sob o peso das irresponsabilidades etílicas.

Ficar bêbado era uma arte? Glamour do mal do século? Positivamente, para amar os prodígios da vida, era preciso ficar bêbado, rasgar as vestes, fazer escândalos? Ser prostituta entre virgens? Apedrejar os ícones da Divindade? Cuspir em Karl Marx, exorcizar Nietzsche? Para ser absolutamente diferente, louco, superior aos semelhantes? Contabilizo o saldo: quantos ensejos, azos de ascensão, eu perdi, em meio à jornada da minha vida, por causa da bebida? É. Eu sei. Estragos que jamais serão remendados.

E se me perguntarem: “Se de novo pudesse voltar à boêmia cervejal da vida, você voltaria?” – Claro! Sim. Recomeçaria tudo de novo. Com um detalhe: só se fosse para ser, originalmente, tal como fui, desde o come-

---

ço. Sem, inclusive, a interveniência da maturidade, pois, se a houvesse, desistiria. Porque, em matéria de boêmia, é preciso ser livre e voar como as gaivotas. E eu fui, graças a Deus. Não detonei nenhum obus alemão no peito da humanidade. Nem me prostrei aos pés de Jesus Cristo para socorrer-me da demência do álcool. Quixote total, sim: eu fui, e com direito a atravessar as oleosas águas do Mar Del Plata, com latinhas de cerveja na mão, gritando: "Acudam-me, portenhos, a ditadura está nas ruas! E todos são canazes, inclusive eu!"

Fui sedutor, namorador. Fui fidalgo. Fui cachorro. Um estróina perdido entre as sandices do sonho.

Retomo a péia. E sem lamúrias, reconheço: grandes chances eu perdi, na minha vida profissional de jornalista, porque estava embriagado. Por exemplo: deixei de entrevistar, pessoalmente, figuras impolutas da literatura e da política brasileira, como o líder comunista Luís Carlos Prestes, o ex-presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira, e o poeta Carlos Drummond de Andrade.

Quando visitei o escritor Ariana Suassuna, em seu gabinete, na Universidade do Recife, já estava turbinado, com a cabeça encharcada de cerveja. Ele tinha um semblante acolhedor. Era sexta-feira, à tarde, fim de expediente. E eu, inquieto, extremamente nervoso, com vontade de agarrar logo, depressa, numa nova garrafa de cerveja, e beber, engolir aquele azedume que avinagrava a minha boca, com gosto de fígado doente, podre. Isso mesmo: eu era o cão para beber. Um dilúvio, com o copo na mão. Aí, e daí,

---

após assentarmos, finalmente, ao redor da sua escrivania, a entrevista começou. Que eu me lembro, a todo momento, o autor paraibano de *“Romance d’A PEDRA DO REINO e o Príncipe do Sangue do Vai-e-volta”*, um alentado volume com mais de 600 páginas, falava sobre a criação de bodes que tinha em sua propriedade rural, no sertão da Paraíba. E que todo fim de semana, ele fugia-se para o redil daqueles ruminantes cavicórneos. A conversa durou umas duas voltas do ponteiro. E até pousamos para fotos. Nos despedimos, e eu meti a fita em minha sacola de couro; peguei um táxi e fui para um boteco da orla, na Praia da Boa Viagem. Dias depois, cadê a fita, com a fala do Ariano Suassuna? Sumiu. Nunca mais eu tive acesso àquela entrevista, de conteúdo literário-histórico, tampouco pude remontá-la para matéria de jornal. E agora, trinta anos depois, (o encontro foi em 1974), aqui comigo, fico pensando: que asno, que cabeça dura eu fui, com relação a tais compromissos, de ordem profissional! Uma relíquia documental daquela jogada fora, por causa da cerveja – líquido santíssimo do meu vício-ofício?

E já, no Rio de Janeiro, num sábado de sol, eu tinha encontro com o poeta Paulo Mendes Campos, em seu apartamento, no bairro de Ipanema. Municiei-me dos meus apetrechos jornalísticos: o velho e surrado gravador portátil, um bloco de papel de jornal para rascunhos, a caneta e algumas perguntas memorizadas, por antecipação. Antes, e a caminho, – o céu carioca da-

---

quela manhã luzia um azul de embebedar qualquer pobre mortal sem compromissos com o reino do capeta – parei numa daquelas choparias de esquina, e crau... meti um belo chope peito abaixo, depois outro e mais outro, até ficar no prumo. Era mais do meio-dia. Pedi a conta.

– Ei, espera aí, me traga outro chope. Poeta com poeta se entende. E o Paulinho não vai reparar o meu atraso. Ele sabe mais do que eu, que nada é mais sagrado numa dessas ensolaradas manhãs de sábado no Rio de Janeiro, que saborear uns chopinhos só, à beira da praia.

Duas horas da tarde. E mais chope. Não. A saideira. O último. O último, não. Ainda não morri. Apressei os passos e fui, rua a rua, até chegar ao prédio onde morava o Paulo. Saí do forno de cal e caí-me no de carvão. Apertei a campainha do apartamento e sua mulher abriu a porta.

– Pois, não. Quem é o senhor? Em que lhe posso ser útil?

– É. Em primeiro lugar, boa-tarde. Eu sou de Goiás, jornalista e poeta, e vim entrevistar o doutor Paulo Mendes Campos. Ele está?

– Sim. Sim. Pode entrar. Mas eu não sei se ele está em condições de recebê-lo, agora. Pois acaba de chegar de uma feijoada, e deitou-se ali no sofá, meio tonto. Andou biritando um pouco, com o Chico Buarque. Os dois quando se encontram, haja bebida. Entra aqui, e olhe só, ele ali, dormindo como um menino.

O bardo estava prostrado, em profundo sono etílico,

---

---

sobre o divã da sala de visitas. E não deu entrevista. Voltei para o bar.

## COPO-II

*MOSTRO* aqui a dramaticidade do alcoolismo nos seus extremos. O que, no começo, era lazer, descontração, foi, aos poucos, se transformando em vício. E o vício, em condenação. Daí em diante, o perigo mostrou sua cabeça; e eu passei a viver o drama da opção: ou parava de beber, ou ia-me para o óbito.

Os que bebem, provavelmente, não quererão ler este livro; que pode, para eles, significar um verdadeiro libelo contra a contumácia dos seus prazeres em contacto com a bebida. Ledo engano. Poderão ler, e sim, infinitas vezes. Entrementes, foi na bebida que eu, naquela quadra da juventude, dei asas à razão do meu viver. Respirei fundo e engoli todos os momentos impregnados de amor e poesia, ao pé do copo.

Grandes amigos eu os conheci em rodadas boêmias. Agora, muitos deles já não marcam mais suas presenças no espaldo das cadeiras, com os seus rostos iluminados pelos faróis da quimera: risonhos, puros, ou até mesmo imersos em suas névoas de depressão existencial, nulos e niilistas, porque a vida, ali, para eles, era longe de Deus, filha do acaso.

Droga! Era aquilo a felicidade? Os negros cabelos esvoaçantes da Zélia, – aquele pedaço de pecado nasci-

---

do num corpo de deusa? Comigo foi genial. Era boêmia e me lambuzava de sonhos, apoteóticos e chulos. Ríamos de nós mesmos, degustando empadinhas quentes, com cerveja, às cinco da manhã, num botequim de rodoviária, após louquíssima odisséia etílica pelos drinques cervejais da vida.

Isso tudo somado, agora, é cinza, ou escrínio de lembranças. Subjetivamente para quê? Explicar o que não se explica, quando nada, absolutamente nada, depende do mapeamento intelectual da nossa própria vontade. Uma força, incrivelmente superior, guia tudo isso, fala mais alto. É Deus. E dele não temos como fugir.

Feliz de quem, sem lesar ninguém, embebedou a alma com as delícias do paraíso etílico. E a tempo, à beira da queda, pulou fora. Veio embriagar-se doutras luzes, aqui mesmo, entre nós e a vida. Quem tem talento bebe. Quem não tem, explode.

### COPO-III

*QUANDO* já inteirados eu tinha os meus dezesseis anos, no bojo da década de 60, a minha mãe – Antônia Barbosa Nascente (a dona Tunica) – atolada em dificuldades financeiras, e viúva, com uma penca de oito pirralhos órfãos agarrados à barra da sua saia, alugou um quartinho de barracão, nos fundos da casa da dona Aparecida, (uma parenta sua), na Rua 55, bairro Popular. Para onde nos mandou morar: o meu irmão mais

---

velho, o Glênior, e eu. Ele tinha uma vitrola, e eu, às ocultas, adorava ouvir Thaïcóvsck e Elvis Presley.

Era lá, no aconchego daquelas paredes, que eu mantinha escondido, dentro do nosso guarda-roupas, um litro de Martini, doce. Rascunhava os meus versos, na ausência dele (que trabalhava durante o dia numa repartição pública do Estado), inspirando-me em Saint-Exupéry, Teilhad de Chardin e Franz Kafka. Augusto dos Anjos era leitura para mais tarde.

Então, entre um intervalo e outro, eu provava, morigeradamente, uma frívola dose daquele néctar. E ainda, por cima, (e sozinho, claro) acendia um cigarro, marca *Califórnia*, de fabricação *made in Tio San*, baforando aquela porcaria, sem tragá-lo. Um ato mais por excentricidade de dândi, do que propriamente para assumi-lo, como dependente. Se eu caísse na estultice de engolir fumaça, eu morria de tontura e vômitos. Era mesmo só para imitar pose de intelectual. Que asno de asneira aquela minha fantasia de adolescente!

Talvez tenha sido ali, na provinciana calma daquele comodozinho do bairro Popular, o meu primeiro contacto com as delícias do prazer etílico e do tabaco. Não sei. Embora eu jamais tenha sido fumante.

#### COPO-IV

*O MUNDO* ficou insípido, estupidamente sem graça, reduzido à loucura internetizante dos teclados. É o fim. E eu,

---

no bojo apocalíptico dessas transformações, sempre fui um errático, alienígena: um saudosista de desaguar cachoeiras de prantos sobre as pedras do passado.

Nostálgico, eu prefiro “as águas originais da existência”; o moinho de café, à mão; o toco de peroba-rosa que eu torneava nele as curvas pictóricas de um coração; as encomendas de amor que iam e vinham, de trem, demorando dias; as flores da Espanha que simbolizavam paixões e violência; a minha máquina de escrever, manual, que trabalha remedando as pulsações cardíacas de um pardal.

Eu não sou deste mundo. Tenho pena de mim, da espécie que sou, inflado de ódio, no topo desta civilização. Eu sou alguém que não deu conta de viver bêbado; que não honrou as calças para impedir o advento da tristeza daqueles que, comigo, festejaram o estridor das suas euforias de ébrios.

Eu amava os dias da semana, e todas as sextas-feiras do mundo. Agora, eu me igualo ao peso das sombras estressadas:

– Coitada da humanidade, tem talento para tudo, menos para ser feliz!

– Coitada da humanidade, chega à Marte, mas não possui alma para amar a poesia de um rio, enfeitado de borboletas!

Eu sonho. Eu fraseio. Quem sou eu para morar entre os condôminos do Empíreo?

---

## COPO-V

*ESTA* é a crônica da geração que voou das mãos dos estróinas da noite. Sonhadores e poetas, perdidamente loucos e amantes dos copos.

É o teatro dos vivos. A biografia dos porres. A dança das garrafas. O romance das bocas em núpcias com o álcool.

É o canto das paredes demolidas. Silêncio dos bares fechados. Mutismo. O espetáculo acabou. E cada qual despiu-se dos trajes do seu personagem, deixando-os para os fantasmas do futuro. Assim, a cerimônia dos bêbados prosseguirá para todo o sempre.

## COPO-VI

*TALVEZ* eu estivesse pessimista demais ao expressar, de maneira tão crespa, espezzinhada, o meu ódio (aversivo) à bebida.

Talvez este depoimento caísse como uma golfada de frustração existencial em não poder mais voltar ao epicurismo da juventude, exultando a liberdade, a mulher, a cerveja e o copo.

De fato, o sonho foi breve: riu e ruiu, enquanto durou, entornado pelo copo das ilusões. Nunca mais eu terei mocidade para pulsar na quimera dos meus outroras vinte anos.

Adeus, Cidália Goltz, musa do cerrado, a pianista de

---

Morrinhos, de rubente doçura nos lábios, cuja vida foi tragicamente ceifada, durante uma noite de carnaval, por um acidente automobilístico. Adeus, Dinéia Dutra, a severa namorada da década de 70, e artista plástica, que se atirou para a morte, do 25º andar do Edifício Bemosa, onde morava. Eu não sabia que ela era biófoba. Ambas, a Cidália e a Dinéia, adoravam cerveja, a vida que se bebia comigo.

### COPO-VII

*ESTAS* reminiscências da descida que fiz às plagas do pecado são um pedaço vivo do meu corpo; o lado ébrio do moço-poeta mergulhado nas pândegas da vida, feita de estroinices, vadiagens, loucuras e sonhos.

E durou a infinita barulheira dos bares, perfazendo a estupenda soma de mais de três décadas de cerveja à boca. Se de manhã, se de tarde, se de noite, a carraspana engatava-se sem limites, bem ao estilo de Hemingway, infernal e emocionante.

É bom lembrar ainda – e isso serviu de palco à nossa esplêndida odisséia de bebuns – que, para se embebedar, era preciso ser fiel à via-sacra: percorrer uma verdadeira constelação de bares, restaurantes e botequins, à cata de emoções – cerveja gelada e cardume de deusas, as fêmeas mais belas da noite. Por isso, não se pode apagar, no oblívio, os nomes dos bares mais freqüentados por nós, os estróinas da vida airada em

---

Goiânia: Bar do Munif's, Bar Canindé, na praça Cirrose, rua 5, setor Oeste; Zero Bar e Tót's, na praça Tamandaré, Bar do Chafariz, da praça Universitária, no alto do setor Universitário; Abelha Gulosa e Castelinho, no alto da avenida 85, no setor Marista; Restaurante do Armando, na viela da Rua 7, Centro; o Tip Top (o campeão da pinga com mel), também na rua 7, vizinho do Café Central; o Mário's Chope, inicialmente na esquina da rua 3, com a avenida Tocantins, no Centro, depois mudou-se para o setor Aeroporto; o Bar do Zé Derrubado, nos fundos da praça Joaquim Lúcio, no bairro da velha Campinas; o Bar do Abdala Chope, na esquina da av. 85 com a rua 94, no setor Sul; o Bar do Lolinho, na rua 15, Centro, a Choparia do Posto do Serra Dourada, na esquina da rua 84 com a 104, no setor Sul; o Bar do Paim, na av. Ricardo Paranhos, no setor Marista; Monjolos Chop's, na praça do Cruzeiro; e o bar do Tião, na rua 75, defronte à ETFG, no Bairro Popular; e ainda os toscos e adoráveis botecos como o Bar do Badião, na rua 68, também no Bairro Popular, o Executivo's Bar, no edifício sede da Federação das Indústrias, rua 23, Centro; o Zé Latinhas, da rua 8, Centro; entre outros que visitávamos, esporadicamente, e que nada mais restam senão cinzas na memória; exceto alguns desses estabelecimentos que insistem em sobreviver desafiando o tempo, com suas portas abertas.

---

## COPO-VIII

*O BAR* é o endereço emocional das ilusões, porto aberto à fogueira dos prazeres; refúgio, local adequado para se combater o estresse, esquecer a fadiga e, sobretudo, desligar-se da neurose estafante dos dias. Um mundo, enfim, cheio de tétis e ciclopes. Ninguém sabe quem está escondido em quem. A ordem é beber, rir, soltar risadas, e jogar conversa fora. Falar sobre tudo: futebol, heróis da política, viagens, manchetes de jornais, governo, música, pescarias, literatura, mulheres, putaria, conjecturas para o futuro, filosofia, planos, cinema, cerveja e sonhos.

Pelo menos é este o conceito que guardo comigo sobre a imagem funcional de um bar, como estabelecimento para entretenimentos sociais e lazer.

Hoje, alguns sobreviventes da hecatombe etílica (e olhe que eu já perdi dezenas e dezenas de amigos por causa da “malvada”), costumam dizer, em tom de gozação, que o bar é o *Uíscritório* dos encontros de cúpula da rapazeada, viciada em pinga e cerveja.

Bar, reduto boêmio dos quixotes do asfalto.

Bar, assembléia dos menestréis da noite.

Sacada dos luars, com cara de Romeu e Julieta.

---

## COPO-IX

*BEBEDOR* que é autêntico e faz suas reverências de fidelidade ao ofício do copo, no geral, não gosta de frequentar ambientes sofisticados. Prefere os ares do ignaro, plebeu: botecos do povão. Onde a liberdade é servida em doses no balcão. E se há palavrões e socos se digladiando, não importa. Importa é beber. Esquecer a briga.

Em lugares assim, numa daquelas madrugadas, ali pelas três horas da manhã, lá fomos nós, a cáfila e eu, terminar o porre. Era um restaurante de vila, nos fundos de um Estádio de futebol. De repente, pipocou um tiroteio. Gritos de polícia e de gente bêbada. Plutz! Eu fui parar debaixo da saia de uma negrona, lá dentro da cozinha, rente ao fogão caipira, gritando:

– Acode, gente! O demônio está solto!

O medo foi tão grande que meu deu diarréia. E o porre sumiu.

## COPO-X

*OS PRIMEIROS* sinais da decadência de um bebedor – o crepúsculo da sua grande aurora – é quando ele começa a beber sozinho. A partir daí, conclui-se: já é fatalmente um alcóolatra, inserido na família dos dependentes químicos. E para se livrar disso, desse tormento demolidor, é preciso muita força de caráter, brio na cara,

---

vontade própria. Nem sempre a medicina psiquiátrica resolve, sem que ele decida, por si próprio, decretar a ruptura, para sempre, irrevogável. Do contrário, a bebida fatalmente o beberá, até as ruínas da luz envolvendo o seu cadáver.

### **COPO-XI**

*MAS* não posso deixar de louvar, aqui, nas confissões destas páginas, o quanto foi infinitamente belo, prazeroso e fascinante beber cerveja na juventude.

A gente engendrava maluquices de todos os quilates. Sonhava com aventuras apoteóticas. Sonhava. Sonhava. A vida se esfumava no delírio daquelas ilusões. Beber para se ir ao alto, no topo das nuvens, lá onde a engendração da poesia era obra do coração. Beber, eu bebi. E não me exorcizo por isto, nem atiro pedras aos que bebem, pois o homem é filho do livre arbítrio, e pratica o que bem quiser, no amor ou no delito.

### **COPO-XII**

*UM* bebedor se agonizava em seu leito de morte. Espavorido, solidário e solícito, e com bafo de cerveja, um amigo chega ao hospital:

- E aí, doutor, dá para operar o coleguinha aí, ou não?
- Não. Falta sangue.

- 
- Eu dou o meu.
  - O seu não serve.
  - Mas por que, doutor?
  - Porque noventa por cento do seu sangue está contaminado pelos excessos do álcool.
  - Ué... e o restante, não aproveita não, doutor?
  - Não. O restante é tira-gosto.

Minutos depois o enfermo fechou os olhos. Viajou para os confins do Hades, nas lonjuras do sombrio.

## **CAPÍTULO DOIS**



ADEUS AO COPO



## I

*AQUI COMEÇA* o mapa das bebedeiras. De modo tal que, ao sair-me do último porre, trouxe comigo o medo do copo, o medo de que tudo se recomece, de novo, ao redor do mesmo copo, numa viagem de volta ao inferno (do meu mel e do meu fel), por causa do copo, do copo, do copo... Medo de, novamente, soltar meus demônios contra os prodígios da vida; essa força onipotente de todos os milagres.

– Adeus ao copo! Digo e repito: adeus ao copo!

Sucedede que, durante muitos anos, eu tentei escrever uma reportagem abordando o estado de espírito daqueles que, por uma razão ou por outra, tiveram que se afastar definitivamente das rodas boêmias. Passar, enfim, para o papel, a experiência vivenciada, na boca, no estômago, na cabeça e na alma, daquele que foi fundo, verdadeiramente um tarado por bebida. E que, a tem-

---

po, saiu da degenerescência, para desemporcalhar os íntimos da virtude.

O homem revoltado é aquele que diz não, apregoava o grande nobel da literatura francesa, o escritor Albert Camus, um dos mais lúcidos pensadores da última metade do século vinte.

– Não, disse eu, ao copo. Uma decisão de mim para comigo mesmo, tentando, nos tribunais do meu íntimo, uma absolvição justa e plausível, para todo o resto da minha vida, longe do copo. Eu, que nada tenho de semelhante à imortalidade dos deuses, pulei fora, antes que a nau etílica explodisse, despedaçando-me por tão iludente motivo: o de ser um boêmio.

É esta a reportagem sobre tudo o que fiz, desfiz, comi e bebi, ao longo de mais de trinta anos de cervejadas pela vida; ora quixotescas, ora dantescas, não importa, importa o que vivi.

Narrado na primeira pessoa, onde eu próprio estou encarnado no protagonista da obra e, portanto, (não me acuso nem me perdôo), por causa das idiotices, em nome da cachaça. E, sem a menor empáfia dos grandes estilos literários (Hemingway, Camus, Proust, Eco, Machado de Assis, etc.), a obra, em questão, surgiu tão somente para testemunhar o que foi ignóbil, mas também jubiloso, na vida de um cidadão que se entregou inocuamente, de corpo e alma, à boêmia. E que, por um fio, acabaria soterrado sob os escombros de uma tragédia, se os abusos do consumo das substâncias alcoólicas perdurassem mais, abusivamente mais.

– Adeus ao copo, disse. E sem outros preâmbulos,

---

adeus! A vida é o maior de todos os milagres, digna de respeito.

## II

*NADA FOI* inventado. Nem a vida quis imitar a vida, excedendo-a, na linguagem das metáforas. É, antes, o depoimento de quem, já ultrapassando os limites da intolerância alcoólica, foi às vésperas de um possível dilúvio existencial, preludiando o seu próprio afogamento nas águas do aniquilamento. O limiar do óbito. E por pouco, o que era uma quixotesca aventura de amor às pândegas do copo, não se acabou em velório, semelhante a alguns tantos companheiros de empreitada etílica, que já se apagaram, atropelados pelo álcool.

Os bêbados, quando morrem, vão direto para o céu, assessorar os anjos. No começo, era uma vez. Tudo era uma vez, no começo. E uma vez era um moço, de família classe média pobre, de miúda estatura física, magro, de rosto sardento, e sem grandes resistências para os encontrões da vida. E que nasceu sob o estridor das máquinas, misturado às ferramentas e às madeiras, para, um dia, cair nos braços da boêmia.

Esse moço, aquele moço, sou eu; e veio de uma geração de trabalhadores braçais, honrados, operários da serragem, que durante seus horários de tréguas, bebiam guaraná com bolo de coco; ou chávenas de chocolate com pão e manteiga. E que nunca, na infância, viu de

---

perto, um deles, bêbado. Exceto – e isso eu recorro com cálido carinho – a presença do *Minguinho*, aquela figura ébria, esquálida; todos os dias, impecavelmente, cedo, na hora do almoço e à tarde; ali, plantado, de pé, de frente ao surrado balcão do bar do Zezé, ingerindo cachaça. A cada gole, ele estralava os dedos da mão direita, às vezes, trêmulo.

O *Minguinho*, como todos assim o conheciam no empório do Zezé, era bebedor de pinga, ávido. Por isso, de sua encovada boca – ele usava dentadura – exalava-se aquele hálito azedo de cachaça. Esse homem, que por extravio do destino, era um beberrão – foi meu padrinho. E, ao me ver (sempre que me via) – eu, um implume garoto aí dos seus quatro, cinco anos – se desmanchava todo em gestos de ilhaneza, me oferecendo guaraná, bolos, chocolates, brinquedos e até dinheiro.

À época, idos de 1950, o *Minguinho* exercia a função de funcionário burocrata, da Fazenda Pública Federal; um homem, enfim, tristemente sisudo; mas de índole honrada, cumpridor dos seus deveres. Beato e alcoólatra. Dele guardei essa lembrança.

Ao que parece, não nasci filho de viciado em bebidas alcoólicas. E se aprendi a gostar de cervejas, a ser boêmio e extravagante, em certas quadras da minha vida, foi por absoluta explosão do livre arbítrio. Nada de mal causei à humanidade senão a mim mesmo que, a tempo, saltei-me fora da delinquência etílica.

---

### III

*O FIM* esquece o início. Dizia Antônio, o duque usurpador de Milão, n'A *Tempestade*, de Shakespeare. Para mim, o adágio soa diferente: foi por causa do início (do primeiro gole) que quase fui a pique. E, para quem não sabe – ou se sabe, faz de conta que não sabe – bebida é um negócio viperino, tragicamente traiçoeiro. Basta virar o primeiro copo, e o dilúvio se estufa, a caminho. Daí para frente, pobres de nós! Só infortúnios, doenças e óbitos.

Uma coisa é a euforia do momento. A outra, o tombo, o precipício: de dose em dose é que se chega à overdose.

Ah! O bar! O que é um bar? Uma parada de anjos e cafajestes? Foi aí, neste planeta, que me diplomei em assuntos de sacanagens, bebedeiras, sexo, política, amor, literatura e poesia. Aprendi também que todo homem tem que ter de quem fugir, mas, principalmente, para quem voltar. Às vezes, e sempre, eu era a exceção; nunca tinha para quem voltar. Ou se tinha, não voltava. A cerveja, sim: era o ícone das nossas celebrações, entregues às espumas do prazer.

### IV

*EIS* a palavra da estúrdia, dos tempos em que eu era um lobisomem, durante os dias de internada na bebe-

---

deira. Garrafa sobre garrafa. Loucura sobre loucura. Sem nenhum dano catastrófico. Apenas safei-me do redemoinho etílico, a tempo de salvar o que restava de sonhos e lucidez, nos refolhos da minha alma.

Que mal causei ao destino do sol? Eu, um turbinado de paixão pela vida? Paradoxalmente, quando os homens do meu tempo bebiam, apenas um ficava bêbado: eu! Todos, absolutamente todos, tinham hora para começar e sair dos pileques. Apenas um não sabia como administrar a emoção desenfreada da estroinice. Este um era eu, misto de anjo e demônio, de olhos abertos para o bem. Bebia, e bebia exageradamente muito, porque aquilo, – a envolvimento dos amigos – me seduzia, com todo fervor. E como resultado dessas investidas no mundo do álcool, pouco me restou em termos de amigos. Se por oportunismo, ou por egoísmo, não sei. O fato é que, do grande e ruidoso exército de boêmios, bebedores de pinga e cerveja, uns poucos permaneceram fiéis à ciranda da amizade. Os que, com vida, restaram, ainda insistem em buscar essas emoções nos botecos de outros terreiros, embora, desfigurados pelo vício, e já não se dão conta disso. Lamentavelmente, outra parte do elenco, não mais pertence ao mundo dos vivos, por causa da bebida. Geralmente, vítimas de doenças hepáticas, cirroses, derrames, diabetes, infartos; e o que é pior, na flor da idade: homens com menos de 40 anos, estupidamente desastados pelo álcool. Quando não, vítimas de agressões fatais, expirados a tiros ou esfaqueados, por motivos fúteis, oriundos da embriaguez.

---

Quantas vezes, – ó rei do vinho, meu bom Horácio, das videiras romanas, – eu vi amigos se excederem por razões, incrivelmente banais, porque estavam embriagados, totalmente bêbados? E eu mesmo, ó piedoso Horácio, das Odes imortais, quantas vezes estive na mira de atentados perigosos, por causa da irresponsabilidade etílica? Claro que bons mortais testemunharam, a olho nu, os atos tragicômicos dessa comédia; que foi também, para mim, uma odisséia de belíssimas emoções e aprendizados sobre o que o homem é capaz, depois de bêbado.

Um dia, numa daquelas tardes docemente movidas a cerveja, eu estava a vender meus livros de poesia, quando, um famoso empresário da terra, se arvorou em adquirir-los todos, num arremate só. Porém, ao me pagar, ele enfiou a mão por debaixo da mesa, cutucando-me a perna, para apanhar o dinheiro. Estendi a minha mão direita e, ao tocar na dele, senti-a encharcada de algo gosmento; era catarro, um nojo de gesto que me ofendeu pelo resto da vida. Daí para frente, fiquei com a imagem daquele ultraje: a asquerosidade contra a pureza da poesia? Coisas de bar? Sim! Vi, clarividente, o insulto, de natureza absurdamente sacrílega, contra os pudores da minha alma, ultrajada covardemente por aquele ato.

---

## V

*O LOUCO*, aprendi com *Dom Quixote de La Mancha*, é aquele que perde tudo na vida, menos a razão. E se louco fui, quando bebia, o que perdi ganhei, de volta à razão.

A seguir, eu contarei a história da loucura. A loucura que começou no copo, incendiou paixões, transgrediu sonhos e delirou. A loucura dos devaneios e da falsa lucidez.

O excesso, em tudo, é desastroso. Ou se bebe ou não se bebe? Ser lúcido ou ser bêbado? Qual o certo, qual o errado?

“Narrar tudo, como um deus, não posso”, dizia Homero, em sua milenar *Ilíada*. Mas posso – imagino eu – inventariar, com a lavra da minha própria experiência, no enganoso mundo das bebedeiras, o que vivi, de infernal e belo, nos dias em que andei fora da vida, bebendo, aprontando e bebendo, e bebendo...

Deixei o etilismo já à beira de um negro agouro; quando, afetado pelos “apagões” da consciência, nos reinos do meu íntimo. Houvesse eu insistido no teimosia deste vício, e não mais, sim, não mais, estaria de posse do conforto espiritual e físico, que desfruto agora. Sigo em paz o que me pede a consciência.

E mais do que isto, afirmo: não sou (nem serei) melhor do que ninguém, pelo simples fato de haver renunciado ao alcoolismo dessas maluquices: andar bêbado pelos dias da vida. Tampouco pretendo, com isto, apregoar, entre os bebedores, o falso moralismo, mandan-

---

do-os a pararem de beber. Pois quem pode, bebe; quem não pode, implode. Repito o refrão. E o homem, ao que me parece, foi colocado neste mundo para ser feliz, dar o seu recado e amar desesperadamente o seu próximo! E o que é a felicidade senão estabelecermos um pacto de harmonia entre nós e a vida? Por que abandonei a vida de beberrão? Ora, às favas o mundo, a sociedade e a gênese do falso Paraíso!

*O vício derruba o homem.*

*Eu derrubei o vício!*



## CAPÍTULO TRÊS



**PARA VIVER, BEBI!**



*Jamais lamentei as coisas  
que fiz. Lamento, apenas,  
as que não fiz.*

(ERNEST HEMINGWAY)



*Ó DEUS*, Senhor meu Deus, Rei de todos os homens, Autor de todos os mistérios e Pai de todas as luzes, guiai os estros desta inspiração, para que eu possa escrever, com o coração batendo em cada palavra, a epopéia das minhas perambulagens pelos prazeres do álcool. O meu primeiro porre foi de vinho.

Santo Deus – confesso – minha pobre cabeça virou um Étna pelo avesso, as vísceras ferveram, eu fervei: e me desabei numa incontrolável crise de vômitos. A cabeça girou como mosca dopada; e girando, deixou-me a impressão de que iria espatifar-se contra o teto. Castigado por sucessivas ondas de tonturas, o meu fragélimo corpo, ainda sobre o leito, jazia, trêmulo, como um bagaço na ventania.

– Diabo, nunca mais eu engulo essa merda! – resmunguei, com aquela chuva de nervos me alfinetando.

Ainda me lembro da primeiríssima vez em que azedei o meu palato, com o cáustico sabor daquela vinolência.

---

Amedrontado, decretei trégua ao início daquele aprendizado com o uso de bebidas alcoólicas. Quando, ao cair das divinas noites, eu me punha a ler o *Eu*, de Augusto dos Anjos, brindando-o com suavíssimas doses de vinho, branco ou doce. A garrafa, como já disse, mantinha à escondida, dentro do velho guarda-roupas, atrás de um pequeno amontoado de livros, que eu ia ajuntando, de modo tal que ninguém jamais poderia perceber qualquer indício de coisa alcoólica ali armazenado, muito menos no meu hábito de adolescente.



*DAI-ME, SENHOR*, inspiração, para tocar à frente as narrativas deste excuro: o discurso de uma das mais belas e sonoras páginas da minha vida. O de poeta entregue à liturgia dos copos. Os santos copos da juventude, que ardiam como espumas de cervejas, nos lábios dos nossos ávidos desejos.

E bebíamos. E bebíamos. Éramos uns beberrões – invencíveis perdulários da noite – estranhas borboletas de asas humanas.

Os bares, Oh! os bares! Eram os nossos escritórios de ovações à liberdade. Os bares, onde nossas bocas retumbavam em hinos de bêbadas alegrias, verbos movidos à força de sonhos e poesia. Ali, a catedral dos desocupados, – nós, os prófugos – para onde corríamos em debandadas, fugindo dos matagais de concreto da cidade. Nós, os boêmios, santos homens empreendedo-

---

res da verdade, fabricantes de metáforas e de sonhos astronômicos, para driblarmos a falsa impressão da eternidade, de nós parados no tempo, eternamente donos de nós mesmos, sem termos jamais que retornar aos braços do amor materno (ou conjugal) – sabe-se lá para onde?

Os bêbados, esses bêbados que fomos nós; a princípio, éramos apenas os passageiros da ilusão, que não difamavam a ética, muito menos os preceitos da moral socrática. Às vezes, para insurgirmos contra os altares da hipocrisia do mundo, nos fazíamos de licenciosos, dando cordas à liberdade dos nossos instintos. O mundo, sim, era o réu. E os homens, talvez os homens, em sua soberba soberania de estúpidos egoístas, eram os culpados. Ah! Náuseas de viver!... Beber, beber, beber, eis que enfiávamos a cara na bebida, devorando caixas e mais caixas de cervejas, a qualquer hora do dia ou da noite, num ritual de fantasiosas loucuras, onde não faltava a exuberância da mulher bonita, de peles rosadas ou morenas, nos pedindo bebida, sexo e amor.

Do mísero copinho do licor fermentado, passei logo a experimentar outra espécie de bebida, mais máscula: o conhaque. Não deu certo. Era forte demais. Estourava o peito. Abandonei. Foi então que descobri a cerveja. A mais salutar de todas as bebidas, adequada ao clima, e com a qual a gente divagava, ia saboreando-a, gole a gole, copo a copo, garrafa a garrafa, até encostar nas paredes das nuvens, flutuando como uma bola de sabão, totalmente bebum. Para tal, naquele tempo, eram

---

precisos, no mínimo, uns três dias de bebedeiras, para se ficar de cara cheia. Cervejas e mais cervejas para nos derrubar, flébeis e tontos. Enquanto isso, a devassa etílica ia por dentro, me solapando, fazendo os estragos – orgânicos e mentais – sem que eu desse conta da lenta destruição, que cultuava contra mim mesmo, durante as intermináveis fanfarrônicas, ao pé do copo.

No começo, eram brindes puramente sociais: uma cervejinha aqui, outra acolá, morigeradamente, sem maiores ressonâncias agressivas para o fígado, e acerbas ressacas no dia seguinte.

Não me acuso. Não me condeno. Não me absolvo. Longe disso; de há muito, renunciei vitórias e derrotas, a favor dos fatos, e sua movente realidade.

Sou um bípede que mija, não basta? Amontoado de carnes que navegam pela pulverosa ilusão dos dias. Solidão debaixo das roupas.

– Não! Não! Eu não sou um alcoólatra. Nunca fui. Sou, sim, um amante da cerveja. E vou bebê-la até depois que o mundo acabar. Lá fora, entre as árvores, o céu se esparramava no confuso cerúleo da noite.

– Desce mais uma, Elpídio! Era a voz que se ouvia, ecoando pelo abrir-se da noite, naqueles ermos de bugres do Araguaia, o rio das araras.



*EU*, menino inexperiente, e mal exibindo uns delgados fiapinhos de barba pelo rosto. E já – relembro-me – lia,

---

com sedenta curiosidade, o grande e orelhudo ficcionista alemão da Tchecoslováquia, Franz Kafka; enquanto, de espaço em espaço, molhava a goela, com uma canequinha de vinho. Às ocultas, claro. Semelhante a essa febril paixão que eu nutria pelo autor de *A Muralha da China*, lia também o cavernoso e notável Edgar Allan Poe que, mais tarde, fui saber que o frágil destino de sua pessoa acabara arruinado pelo alcoolismo, na sarjeta. Em seguida, repito, novo sorvo de vinho, na surdina, óbvio. A partir daí, confesso: o gosto pelo etílico me fisgou, levando-me, gradualmente, às futuras bebedeiras.

Eu, um suicida do copo? Jamais.



*DESCONFORTO* existencial, tédio, angústia, náuseas de viver – pretextos para beber? Bobagem. O simples fato de não haver motivo já ansejava motivos suficientes para atracarmos à orla de qualquer mesa, ou bar. E lá estávamos, sedentos, e já de encontro à continuação do espetáculo, de bar em bar, bombardeando nossas almas, indefesas aos ataques do álcool.

Éramos uns discípulos de Epicuro, o grego, nas invernadas daquelas folganças etílicas, jubilosos. Fosse como fosse: a embriaguez era o caminho, pois sem o caminho não havia esperança.

E tudo – confesso – começava numa daquelas convidativas tardes de sextas-feiras, para terminar tão-somente aos domingos, à noite. Afogados no pifão.

---

Por primeiro – penso – as coisas eram sem maldade. Éramos aves que emigrávamos dos portos da lucidez à procura do espumante líquido das cevadas. E beber – para nós – era um exercício de ovação às alegrias da vida. – Estamos vivos: somos uns príncipes! Brindemos o triunfo deste milagre, que pulsa dentro dos nossos peitos! O milagre da luz ardendo na chama dos nossos olhos. Brindemos, logo, outro copo, antes que o dia se apague, e nós nos sucumbamos, subitamente, a meio caminho de tudo isto. Assim, com tais palavras nos lábios, expressávamos nossas paixões pela boêmia, perdulária ou não, era a doutrina das nossas liberdades.



*BEBER* ou não beber, eis a questão. Mas aí eclode o provérbio da filosofia popular. Se beber, a gente morre. E se não beber, a gente também morre. Então, existencialmente, a saída era esta: beber.

– Bebamos, filhos do efêmero, antes mesmo que a divina terra nos cubra com o manto da sua escuridão.

Se por um lado a literatura dos copos nos exortava aos píncaros da utopia; por outro, éramos os fregueses da irresponsabilidade poética. Ter de quem fugir, mas não ter para quem voltar – era o ápice da dúvida.

E mais: bebíamos porque estávamos devidamente comprometidos com o ideário da sociedade, em movimento. E, ao ensejo disso, exibíamos nossas presenças no palco social dos dias:

---

— Porra, eu, um alcoólatra? Nunca! Esbravejava eu nos dentro dos meus amigos. Era, sim: um grande cervejeiro, amante desesperado do copo. E que tudo o mais ia à puta que pariu! Nada tinha hora: nem para o começo, nem para o fim. O destino é que nos impelia à vadiagem romântica, sem compromissos. E se mal fizemos a alguém, não o fizemos senão a nós mesmos. Do contrário: as conseqüências de qualquer porre respingavam em nossos parentes mais íntimos, esposas, filhos, mães e até amigos do outro lado do palco, que nada tinham a ver com a demência daquelas bebedeiras.

Os dias indo, correndo. Os dias atacadados aos prazeres, molhados de sonhos, ao redor das mesas, nos bares; os bares da noite, com suas nobres e rabugentas freguesias, das quais éramos seus consumidores assíduos, fiéis à latomia do copo.



*DE ONDE* estava, numa sofisticada lanchonete, entre as instalações de um moderno posto de gasolina, podia se ver, longe, no topo dos edifícios, à leste da cidade, o vagaroso espetáculo da luz rosácea reconstruindo o dia. A dadivosa manhã estava de volta aos homens e às suas coisas, que os prendiam ao mundo.

*Ó Senhor, protegei a sina dos meus bêbados!  
A eles eu me pertencço, ó constelação de loucos!*

---

Ao meu redor, jovens doidivas, chegavam comigo aos pórticos do novo sol, nitidamente embriagados, felizes e loucos. O ambiente, de mesas escancaradas a céu aberto, expunha os despojos – tocos de cigarros, latas, copos e garrafas, vazios – deixados pela barulhenta súcia, desde as primeiras horas daquela embriaguez, dentro da noite.

Tanta luz do céu tombada já havia. E eu, aos farrapos de mim, novamente embriagado, recolhi-me a bordo do meu automóvel, fugindo-me em seguida para o aconchego do meu apartamento, no edifício Cabo Canaveral, na zona leste da cidade.

Minha mulher, a Nininha, enérgica e solidária comigo, nunca me recebia a golpes de palavrões ou saraivadas. Ao contrário, com elegância e ternura, me preparando um banho frio e uma sopa quente. Mas, às vezes, nada disso era possível: eu me desabava ali mesmo, sobre o sofá da sala.

No dia seguinte – nas entranhas de mim – as brasas do remorso me queimavam de vergonha.

Dois criaturas, de índoles antagônicas, brigavam entre si, lá dentro da íntima consciência. A rixosa luta, travada nos lagos de púrpura do meu sangue, tinha dois personagens: o anjo e o demônio. O primeiro me dizia: “Não beba. É sujo”. E o segundo retorquia: “Beba. É nobre”.

Enquanto o anjo me puxava para os palácios da lucidez, o todo poderoso senhor das trevas, o deplorable Belzebu, me incitava a ir de encontro, ao reencontro com

---

o primeiro copo; enlouquecendo a sede dos meus desejos. O que antes era um simples gesto de ovação à alegria de viver; depois, com a inabalável passagem do tempo, foi se transformando em dependência química. E, ao que parecia, não havia outra saída senão, ressecado, voltar ao copo: recomeçar tudo de novo, para esquecer os estragos do dia anterior.

— Bebamos, humanidade, enquanto é tempo outra taça. Antes que a morte encha de terra os nossos crânios. Após o dionisíaco desabafo, estourava o lacre da latinha, levando-a até à boca, ávida de álcool.



*QUANTOS* eus eu fui naquele outro de mim? Uma parte trevosa, e a outra virtuosa?

O que narro, não invento: é fato, inventário do que vivi. E vivi para beber, bebi. E não são teorias de laboratórios psiquiátricos, nem receitas assinadas por psicólogos, para recuperar alcoólatras. São, ao contrário, provas contundentes do que fiz, eu, nos anos das minhas tunas, de tundas que levei, que tundas!

Criticado, de ponta a ponta, pela sociedade, resisti, indiferente, à nuvem de ultrajes desabada sobre mim. Fui em frente, bebendo. Sem nunca maldizer a conduta dos meus colegas, quando juntos farreávamos, derrubando umas e outras, naqueles dias de homéricas alegrias.

— Oh! Pai Onipotente das Alturas! Tende, pois, comiseração de mim, se cometi sacrilégios, ofendendo

---

amigos, durante as badalações da euforia etílica! Perdoai. O amor acende o sangue das virtudes. Entrega nossos espíritos às batidas do coração, onde fervilham rios de sonhos. E nós, os usuários dessa matéria, íamos duelando, entre o bem e o mal, à procura de uma razão para a vida.

Para onde foram, ó Pai, aqueles vultos contaminados pela volúpia do viver, ao estilo deles, os boêmios?

Beber por beber era só prazer, chamas de deleite no sangue. E de copo em copo, eu fui bebendo a própria vida, a ponto de ser execrado e expulso de certos ambientes, porque estava bêbado. Não falando coisa com coisa; a voz engrolada, expelindo salivas, sem nexos na pronúncia das frases.

Só isso. Já que não volto mais ao vigor da juventude, dou meu testemunho: bebi. E bebi desvairadamente muito, soltando as rédeas da emoção. Por isso, repito: não lamento nenhum dos meus atos.

Eu mesmo, um dia, por força própria (e brio na cara) decidi que não mais iria beber, deixando minha vaga a outros jovens aspirantes à epopéia etílica. Magérrimo, sem condições físicas para o vício, pulei-me fora.

Em toda a história das minhas peripécias ao redor do copo, nunca me deparei com um bebedor mais impertinente do que eu. Primeiro, e explico porque: se a cerveja não fosse da marca de fabricação da minha preferência, eu não a bebia, refugava-a com veementes contestações. Depois, se o espumante líquido não chegasse à minha mesa, estupidamente gelado, nada feito. E, com

---

isto, fui me tornando um maníaco aos extremos. A ponto de, muitas vezes, ser ostensivamente rejeitado por alguns amigos:

– Se controle, Bié! Você, bêbado, não há Cristo que agüente! Aprenda a beber, seu porra!

Aquilo me soava como uma odiosa humilhação, me deprimia por dentro.

Quando a cerveja atingia a metade do copo, com o resto ainda semi-morno, eu jogava fora, sob a alegação de que já estava quente para o consumo; e que, se a ingerisse, naquela temperatura, sofreria de terríveis dores de barriga, seguidas de diarréias.

Com o correr dos janeiros, fui tendo pena de mim mesmo, com vergonha da minha presença. Uma vez que os demais companheiros sabiam se comportar: antes, durante e depois. Eu, não: bastasse a primeira golada de cerveja e o incêndio se arvorava. Era preciso avançar noite e dia, adentro, bebendo, bebendo, até prostrar-me, totalmente esbornado.

Que estômago tinha eu para agüentar tamanhos bombardeios, de copadas e mais copadas de cerveja, em pleno jejum? Ora, que obscena burrice, lavar a boca com cerveja? Quem era eu? Eu não era eu. O eu de mim, onde estava?



*LOUCURA* total. Depois de um porre devastador, que se arrastou por um prolongado fim de semana; já na

---

segunda-feira, à tarde, e não suportando mais o nervosismo da ressaca, eu abri logo a primeira garrafa de cerveja. E pronto! Que desastrosa arruaça – só fui parar na quinta-feira, à tarde, a bordo de um luxuoso jatinho da TAM, desses que operam em horários especiais, transportando altos executivos, empresários e políticos – a cepa da elite.

O meu estado de embriaguez era penoso, assustador. A expressão exata seria: *trêbado*. Sem uma gota de sangue no rosto; pálido, esmaecido e trêmulo. O siso – ó pobre juízo! – espatifado pelos abusos da cerveja. Os miolos do meu cérebro suplicavam descanso, lucidez e paz. Eu próprio, fora de mim, travado, irresponsavelmente louco, assinei um cheque de quase mil reais, comprando um bilhete de ida até Uberaba-MG, ali mesmo, no balcão da companhia, no aeroporto.

Eu bebia e não comia. Bastasse um só meio copo de cerveja, e já me via alimentado o suficiente para atravessar dois ou três dias, bebendo. Ao término da brutescas bebedeira, o meu corpo, desfigurado pelo álcool, expunha nitidamente os sinais de um pré-cadáver. Era o que restava do pileque. Um amontoado de tristezas, paixão e arrependimentos.

Visivelmente inquieto, perturbado, e já a bordo da aeronave, destramelei a voz e soltei o demônio, pedindo, aos escândalos, uma cerveja.

– Não judia de mim não, moça; me dirigia assim à elegante aeromoça, pedindo-lhe cerveja.

---

Aos olhos estupefactos, dos poucos passageiros ali assentados em suas poltronas, eu não passava de um porra-louco, degenerado, na rota daquele vôo. E, acima de tudo, azucrinando o sossêgo e a privacidade dos tripulantes do avião, rumo a São Paulo, com escala em Uberaba.

O clima da viagem, no entanto, engrossou quando eu disse que queria viajar, ao lado dos dois pilotos, lá dentro, na cabine da aeronave. Ufa! O diabo entrou em cena!

– Acalme-se! O senhor está nervoso. E depois, dentro de mais alguns instantes, estaremos pousando em Uberaba. E lá o senhor poderá beber, à vontade, outras cervejas.

Temiam que eu fosse um terrorista, ou um doente mental foragido do hospício.

– O senhor está armado?

– Não. Sou poeta. E estou assim, bêbado, porque amo a poesia.

Que disparate! Aquela minha tresloucada presença, dentro do jato, suscitou pânico e medo; tanto que o comandante de vôo, por medidas de segurança, decidiu mudar a rota, anunciando um pouso de emergência em Uberlândia.

– Porra, olha aqui, ó dona, eu paguei caro pra voar nessa buodega, por isso eu tenho o direito de beber outra cerveja, estupidamente gelada, senão eu abro essa porta de emergência e pulo daqui, gritando que a humanidade iria se enlouquecer sem a presença do degas

---

aqui. Aonde fica mesmo o pico do Kilimanjaro, é para lá que vamos... Para os cimos nevados da montanha, que o grande Hemingway sobrevoou, acidentado e bêbado? Você não conhece o Hemingway, conhece? Na literatura ele é um monstro. Na minha casa, ele é nome de galo. Anda, dona, vai lá buscar outra cerveja!

Meus olhos, esbraseados, luziam, atônitos, como se quisessem saltar para fora de suas órbitas. E denunciavam o estúpido sofrimento de um homem de meia idade, tristemente arrasado pelos excessos das bebedeiras, seguidas de terríveis ressacas, náuseas e insônias.

Era eu mesmo um delinqüente, desmiolado, sem postura, fedendo a bafo horroroso de cerveja, naquele vôo para Uberaba?

Eu não era eu. Quem era eu? Vulto destroçado, escombros, espectro, lixo? Ah! Meu estômago doía, com arrotos de mil fomes da Etiópia! A boca com gosto de cinzas. Bêbado. Semi-bêbado. Louco, sem equilíbrio nas pernas, sob os joelhos. Alma de mau, réprobo dos infernos, naquela sórdida aventura, em plenas nuvens do céu pátrio. Um ato, no mínimo, digno de um conto da lavra de um Jorge Luís Borges, ou até mesmo de uma boa repreensão policial – o horror de mim, emanado?

Minutos depois, a pequena nave, de torso rajado em vermelho e branco, que velozmente flutuava sobre as límpidas distâncias da paisagem, inclinou-se de repente para a esquerda, com brusca mudança de rota. Ouvia-se já, e então, os ruídos da máquina do trem-de-pouso jogando para fora as rodas da aeronave, que, cada

---

vez mais, aproximava-se do solo, tremulando-se sobre a pista, com suas serenas manobras de equipamentos computadorizados e à mão. E eis que, finalmente, a máquina tocou a pista, ao estrondo do rebote das suas turbinas.

— Mas aqui não é Uberaba, protestei, enfezado, puxando pelos braços a paciente aeromoça. “Eu vou é prá Uberaba”, apelei. Só que, para grande surpresa minha, inopidamente, fui convidado por dois homens da Polícia Federal, à paisana, a me retirar de dentro do avião. Porque estava bêbado.

Irritado com a minha expulsão do interior da aeronave, e já em terra firme, fui logo procurando um bar, no aeroporto de Uberlândia. Os agentes da PF, educadamente, me acompanharam até ao bar, onde comprei três latas de cerveja. Em seguida, fui levado para dentro de um táxi.

— Agora, o senhor vai por terra até Uberaba, por conta da TAM. E boa viagem! Despediram-me dali os dois policiais. Um delgado princípio de pranto porejou em meus olhos. Aquele vexame que senti, no peito, onde me batia a vida, me deu a tétrica sensação de que eu estava sendo conduzido, algemado, para as trevas de uma masmorra, no inferno. “Meu Deus, que vergonha!” Suspirei, para não desmanchar meus olhos numa nefasta crise de lágrimas, ao lado do motorista do automóvel, que me levava até Uberaba, naquela inócua e bela tarde de quinta-feira, em chãos mineiros, engolindo os horizontes, pelo asfalto.



O SOL se agonizava no sepultamento dos seus raios, lá onde as nuvens iam se dispersando de encontro com a noite.

O táxi atravessou os limites do perímetro urbano, em direção ao bairro Olinda, de classe média, na cidade do gado zebu, no Triângulo Mineiro. Escurecia na cabeceira daqueles horizontes cobertos de casas. Perguntei ao motorista: “Por que o senhor não bebe uma cerveja? Ainda está fria, dá pra beber, tranqüilamente. Ah! É ali, por favor, naquela rua, chegamos”.

Me despedi do chofer. Apertei a campainha da casa da minha irmã. Ela veio abrir o portão; e se assustou, excitada:

– Mas que loucura é esta? Você por aqui, neste estado, bêbado? Não posso acreditar! Você não tem vergonha, não. Anda, entra, vai logo pro banheiro, e tome um banho frio, gelado!

– Não. Nada disso. Eu quero, primeiro, é saber onde tem um boteco aqui por perto para comprar umas cervejas. Aí, sim, eu me acalmo, e fico tranqüilo como um passarinho, na cumeeira de alguma igreja, olhando o infinito.

E saí, apressado, pela rua deserta. Andei alguns metros e, logo após a primeira esquina, à direita, lá estava o boteco, uma mistura de armazém com bar. Pedi uma cerveja, tomei alguns copos, e mandei colocar num saco plástico mais umas quatro garrafas. Eu tinha leva-

---

do os cascos. Voltei à casa da minha irmã. Comemos uma pizza. Eu não agüentava mais ficar de pé, estribado sobre minhas pobres pernas. Pedi uma cama.

Suadeiras. Insônia. Calor. Zoeiras e picadas de moriçocas. Ressaca. Tive ereção. Masturbei. Fui ao banheiro, e tive náuseas, mas não vomitei. Eu era um cadáver na madrugada. Abri a geladeira, e apanhei, discretamente, uma cerveja. Tentei engolir a primeira golada. Não desceu. Meu estômago se embrulhou. Joguei fora o resto, na pia. E me arrisquei a tomar um copo de leite. Vomitei.

No dia seguinte, bem cedo, fiquei sabendo que minha mãe estava doente, no hospital.

– Vera, me leva lá. Eu quero ver a minha mãe. E fomos. No meio da caminho, desisti, bruscamente: “Não tenho estrutura pra ir em hospital nenhum, agora. Me deixa na rodoviária, me leva. Eu quero ir embora”.

A descida ao inferno eu vivi naquela viagem. Nem morto, nem vivo, uma caveira ambulante.

A Uberlândia, que tanto me encantou, na lira dos meus vinte anos, com aqueles momentos de românticas euforias literárias e cervejais, ao lado da quixotesca figura do jornalista, e também poeta bissexto, Marçal Costa. Ele, que agora, e já há tempos, jaz, silencioso, sob o sono das pedras, por causa de seus extravagantes excessos de injeções alcoólicas. Ah! Como sorvia com sedenta degustação aquelas queimantes doses de cachaça, o renomado cronista da aristocracia social do Triângulo Mineiro!



*OH! DESTINOS* das altíssimas constelações! Luzências da minha alma, fazei com que eu abra, com dignidade e justiça, o cofre das minhas recordações; se doces ou agridoces, não importa. Importa recompô-las, na torrente destas palavras, para, com amor, trazê-las de volta aos volteios da vida. Uma vez que, do cume desta minha pobre maturidade vivencial (e quem sou eu para garantir tal intento a meu favor?), a imagem que guardo daqueles coetâneos do álcool é dolorosa, nostálgica. Agora, eu sou um náutico do seco, longe, muito longe, do tilintar dos copos.

Oh! Sombras da memória! Oh! Estúrdios! Oh! Lembranças! Vou falar do trespasse de um amigo de amável presença nas reuniões regadas à cerveja. Eu o conheci, com o cognome de Borginho, lá no calçadão do bar Canidé, debaixo das frondosas mangubas, que arborizam a praça da Cirrose. Quem o via, naquelas ensolaradas tardes de fins de expedientes, ali, ao lado da mesa, metido naquela postura de homem sóbrio, jamais imaginaria que era um alcoólatra. Nunca o vi bêbado. O Borginho era uma figura de grande sensibilidade, brincalhão, risonho, bom caráter, e de precisas solitudes a quem quer que o procurasse.

O álcool o matou, em plena flor da juventude, levando para a eternidade o fulgor dos seus olhos verdes.



*NAQUELA MANHÃ*, despertei-me como um inseto sobre a cama; totalmente estropiado, com as mãos geladas, tremendo, e suando bicas de sudorese, sob o peso de mais uma daquelas insuportáveis ressacas do cotidiano, movido a cerveja. Oh! Lástima de mim! Oh! Coração amarfanhado, chorai! Que execrável quadrúpede eu fui, filho de azêmola, sem escrúpulos nenhum para com os valores da vida.

Então, daqueles tempos, eu conto.

Era perto de duas horas e meia da tarde – o sol estava a cuspir fráguas no asfalto – naquele calorão doido do Rio de Janeiro. E eu, transtornado, fora de mim, e em plena avenida Nossa Senhora de Copacabana, comecei a jogar pedras, pedaços de pau, restos de lixo e garrafas, contra os ônibus do transporte coletivo.

Era uma sexta-feira e, desde manhazinha, eu entornava, às largas, tulipas e mais tulipas de chope. Ali, de pé, pregado à beira do balcãozão daquele comércio, que vendia de tudo, secos e molhados: pinga, pão, leite, arroz, sabonete e café. Um lugar plausível para se beber, com aquele fluxo – o entra-e-sai – de gente humilde, operários, bebedores de pinga e malandros dos morros, saídos lá de seus barracos daqueles fundos de Copacabana, coalhados de favelas.

Eu levava sob o braço esquerdo, um meio pacote de livros de poesia, que era para vender, arranjar uma

---

graninha e beber tudo em chope. De repente, fui logo abordado por dois policiais. Gelei os colhões.

– Vamos. Vamos pra delegacia. Lá o senhor explica essa loucura. Tentei convencê-los de que aquilo era apenas um ato de euforia, e porque eu estava apenas ouvindo o Ray Charles cantar, fiquei acelerado, comovido demais, e comecei a chorar. “Não, seu guarda. Não me leva, não! Isso aqui é poesia. Toma”. E eles me mandaram embora, por causa daquela minha carinha de bunda de anjo, que fiz para eles.

Dríade dos bosques! Que fogo! Safei-me, aliviado!



*FUI À FARMÁCIA*, não; quero dizer: fui ao boteco e pedi uma latinha de cerveja para ressuscitar de mim o outro eu destroçado pelo demônio da bebedeira; levantar o cadáver e recomeçar tudo de novo.



*VINÍCIUS DE MORAES*, o “poetinha” que se popularizou como símbolo da boêmia nacional, chegou à Goiânia, de copo na mão. Assim o vi, pela primeira vez, de copo na mão.

Exibindo aquela barbicha debaixo do queixo, de fios brancos emendados ao bigode (marrom-escuro por causa da nicotina); coifa de couro preto encobrindo a calvície; fumante, bebedor: enfiava a cara no uísque, com

---

vontade. Canastrão disfarçado, sessentão, galanteador: voluptuoso ao paquerar um feitiço feminino.

Se o excesso é o exagero de toda extravagância, e a extravagância é o exagero de todo excesso, em Vinícius, isso quebrou a regra. O que ele bebeu, de uísque, durante três dias e três noites, em Goiânia, foi uma calamidade que assombrou os seus iguais. Derrubou por terra o conceito de alcoólatra.

Não foi anjo, nem foi demônio; foi Vinícius, o boêmio, idólatra do copo. Dose atrás de dose, ele ia falando e bebendo, sem perder a classe, mantendo-se sóbrio no equilíbrio dos seus gestos. A postura era o brilho da sua presença; e as palavras *poesia*, *mulher* e *uísque* eram pronunciadas com tanta ardência que pareciam lhe queimar o verbo, ali ao redor da mesa.

– Mulher e uísque não faz mal a ninguém. E quando eu morrer, quero ser enterrado dentro do um copo; dizia, árdego.

Deslumbrado com a presença do bardo carioca em chãos goianos, resolvi acompanhá-lo, no copo. Ele, no uísque; e eu, na cerveja.

O autor de *Ariana, a Mulher*, veio a Goiânia a convite do presidente do Centro dos Professores de Goiás, professor Bernardinho Granja Campos<sup>1</sup>, para um show mu-

---

(Footnotes)

<sup>1</sup> O louco sacerdote do magistério, Bernardinho Granja Campos, arquitetava, dentre outros sonhos miraculosos, instalar um gabinete dentário a bordo de um helicóptero e sair por aí, pelos ermos do sertão goiano, promovendo tratamento odontológico na boca dos pobres.

---

sical, com três espetáculos, à noite, no Teatro Goiânia. Nessa época, Vinícius fazia dupla com Toquinho; e por causa do lirismo sensual dos seus versos adaptados à música popular brasileira, ele (o Vinícius) se consagrou internacionalmente como o Papa da Bossa Nova. O poeta do palco. O poeta do bar. O poeta da música. O orfeu do violão. O vate do copo, da boêmia e do verso: *“Onde as lúcidas irmãs na branca loucura das auroras / Rezam e choram e velam o cadáver gelado do sol!” (...)* – *as torres ermas / mais altas que a lua, onde dormem as virgens / nuas, as nádegas crispadas no desejo / impossível dos homens – ah! Deitariam a sua maldição! / Ninguém... nem tu, andorinha, que para seres minha / foste mulher alta, escura e de mãos longas...mas! fecharam-me / as portas, sentaram-se todos à mesa e beberam o vinho / das alegrias e penas da vida (e eu só tive a lua / lívida, a lésbica que me poluiu da sua eterna / insensível poluição...)* *Gritarei a Deus? – ai dos homens! (...)* *Morra Deus / Envolto em música! – e que se abraçam / as montanhas do mundo para apagar o rastro do poeta!”*

Ufa! Que me guie a Santa Eurídice das duas mortes! Os ponteiros de ferro já haviam ultrapassado as nove horas da manhã. E eu, estugado, apanhei depressa os meus apetrechos de labor jornalístico: o gravador, a caneta e um bloco de papel, para rascunhos. E parti, em pessoa, para entrevistar o famoso poetinha, hospedado num hotel de luxo, no centro da capital. Em poucos minutos, ei-lo, já cercado de jornalistas, fãs, admiradores e curiosos, para uma coletiva com a imprensa. Eu

---

me sentei, à sua esquerda, à fímbria da mesa, repleta de bebidas, de copos e de garrafas: água mineral, cerveja e uísque.

O ilustre visitante trajava camisa jeans azul-escuro, semi aberta ao peito, de modo a mostrar, com garbo, a parte nua do tórax, onde os sinais da brancura outonal eram-lhe flagrantos nos fios de cabelos da sua pele. Saudou a todos com um largo sorriso, acendeu um cigarro, e me ofereceu um drinque. “Não, não bebo uísque! Eu vou é de cerveja”, respondi-lhe. Aí, naquele instante, liguei o gravador e dei início à entrevista, após uma golada de cerveja.

O Vinícius de Moraes falou sobre um montão de coisas, evocando suas experiências de diplomata pelos países do velho mundo; sua vocação para o cinema, o teatro e a música. Despojado de qualquer esnobismo elitista, ele falava e bebia, bem humorado, solto e bizarro em sua aura de poeta.

Terminada a entrevista, por volta de uma hora da tarde, eu deixei o Vinícius, em companhia de outros jornalistas; desisti do almoço com ele, no hotel, e fui para a rua, beber. Sempre me comportava assim, de maneira insegura, paradoxal, fugindo daquilo que eu mais admirava: a poesia.

E no bar da Praça da Cirrose – o Canidé – enchi a cara, fiquei de fogo. E só me retornei à tona dos acontecimentos, à noite, para ver o Vinícius, no palco: impressionante! Ele fazia o seu show, com o copo de uísque na mão.

---

Vivíamos, na década de 1970, o clímax do golpe militar de 64. Eram os anos do obscurantismo cultural, atroz, das perseguições, das covardias criminosas contra gentes do povo, líderes, estudantes e parlamentares; das cassações políticas, das torturas e do medo. E o Vinícius, em seus espetáculos pelo país a fora, metralhava o regime. Mandava-o a puta-que-pariu, escandalosamente, para todo o mundo ouvir. E ninguém sabia se aquela coragem toda era concernente ao seu caráter, ou se impelida pelas doses, em excesso, do uísque. O fato é que ele não tinha o menor receio dos carrascos da ditadura militar. Era o poeta da liberdade e do povo. Sobre tudo, o menestrel, o cancionista, o ébrio.

Durante as três noites, em que fez shows em Goiânia, o auditório do Teatro Goiânia ficou apinhado de gente. Multidões que o aplaudiam, retumbantemente. Eu vi o Vinícius. Eu bebi com o Vinícius.

A fita, na qual gravei a entrevista com o poeta Vinícius de Moraes, desapareceu misteriosamente; não me lembro se a emprestei para alguém, ou se alguém me furtou, covardemente, essa preciosidade histórica do meu encontro com o poetinha, naquela iluminada manhã dos anos 70. Perdi esse material por absoluta irresponsabilidade: eu estava louco por cerveja.

Ao deixar Goiânia, nas primeiras horas da madrugada de um sábado, após o seu último show, o badalado compositor de *Garota de Ipanema* seguiu para Brasília, a bordo do automóvel do professor Bernardinho Granja Campos, com o copo de uísque na mão. Soube-se de-

---

pois que, no percurso de Goiânia a Brasília, ele enxugou duas garrafas e meia de *Chivas*, no *cowboy*, sem gelo.

Eu, para trás fiquei, prostrado. Um cadáver sobre a cama; anêmico, subnutrido. E ainda por cima com diarreia, para não lembrar da terrível ressaca que me reduziu a cacôs.



*O EMPRESÁRIO* Darci de Oliveira, o todo poderoso diretor de vendas da Brasília Diesel, à época, até hoje se arrepende de não ter participado da rodada de uísque com o Vinícius de Moraes.

– Eu era empregado e não havia como abandonar as minhas prioridades de negócios da firma, para curtir o Vinícius naquela manhã; reclama, todo quérulo, lastimoso. Grande protetor e amigo das artes culturais goianas, o Darcizão nunca negou ajuda aos operários da palavra, mecenas que é, generoso. Semelhante a este amor à olaria dos poetas, na alvenaria dos seus sonhos, louva-se também o nome do fraterno advogado e humanista Nilo Benetti, de sangue quente, italianado. Anjo polêmico das noites, rebelde na defesa de suas idéias antimaterialistas, e poeta da justiça. Durante uma de nossas pescarias, no Lago dos Tigres, em Britânia, o Nilo viu a minha cabeça ser cingida, de repente, por uma nuvem de borboletas multicoloridas:

– Céus, que espetáculo! ele gritou, dentro da manhã estival, enquanto flutuávamos numa canoa, com o gra-

---

vador ligado, tocando uma das Estações de Vivaldi, *A Primavera*. O Zanderlan também testemunhou aquela encantação da natureza. Alguns minutos de luculenta visão poética, magnífica. O feérico nos visitou.



*EMBALADOS* pela lufa do álcool, o Nilo e o Zanderlan se uniram num gesto de louco romantismo e compraram um piano, dentro da madrugada, para homenagear um cego.

A consumação do quixotismo foi na Boate Kafona, lá no alto do setor Universitário. No dia seguinte, uma amarga segunda-feira de ressaca, ninguém se lembrava de mais nada. A conta chegou.



*COMPRAMOS* um barril de chope, numa manhã de sábado, e fomos devorá-lo, na casa do Cori, no setor Aeroporto. A mulher do bancário, quando nos viu, virou uma fera, com uma saraivada de palavrões em cima de nós. Sem rumo, saímos à procura de um porto para destarracharmos a tampinha do barril. E paramos no meio da praça Universitária; chamamos o povo, a estudantada e, em copos de plástico, distribuimos chope para todo e qualquer filho de Cristo que por ali chegasse. Até os policiais da ronda beberam conosco.

---

Um comício literário, à luz do sol, nada mais, ao som de Beethoven, e aos gritos de poesia. O doutor Nilo era o cicerônio. Eu declamava Shakespeare.



*ÉPOCAS* de lá, primórdios da década de 1970, eu era assessor de imprensa do CPG – Centro dos Professores de Goiás – e morava num miserável quartinho de barracão, na avenida D, setor Oeste; um cubículo que não dispunha sequer de uma instalação sanitária. Havia apenas um chuveiro velho, e uma pia de louça toda lascada, caindo aos pedaços. Uma situação tão execrável que, às vezes, na hora do afogo, eu fazia as minhas necessidades fisiológicas sobre o papel de jornal estendido, no cimento; e, depois, com ele, embrulhava as fezes e jogava-as fora, sem o menor escrúpulo higiênico, ambiental. No geral, isso ocorria após à meia-noite, quando ali eu chegava, de fogo.

Quando se é solteiro e boêmio, leva-se uma vida de perdulário, esculhambada. Numa daquelas madrugadas, (e eu cheguei de porre), ao me deitar, fui, subitamente, surpreendido por uma terrível dor-de-barriga, que anarquizou o meu intestino. Não resisti, e defequei ali mesmo, perto da cama, sobre uns pedaços de papel de jornal. O mau cheiro, desgraçado, azulou o ambiente. A porta estava trancada e o vitrô também.

Coincidentemente (e eu não me lembrava) naquela manhã, um valoroso amigo – o doutor Zanderlan Cam-

---

pos – economista e advogado de estirpe, iria me buscar para uma pescaria. De fato, eu me apaguei e dormi com aquela merda largada ali sobre o cimento. Amanheceu. E o referido companheiro chegou, à minha procura. E, galhardo, bateu na porta:

– Ô poeta! Acorda, seu porra! O Araguaia nos espera. Temos muito chão para andar, e muita cerveja para bebermos!

Meio tonto, com a boca azeda, levantei-me, assim murmurando, rouco: “Eu sei. Já vou”. E abri, bruscamente, a porta.

– Que catinga é essa? Tá podre, homem! Engoliu farofa de urubu? Cagou nas calças? Vai feder assim na casa do caralho...

Escandalizado com o mau cheiro, o doutor tapou o nariz e deu pressa em fugir dali, correndo para dentro do seu veículo.

– É... de fato, a coisa ficou fedida mesmo. Passei mal esta noite. E não há privada neste cômodo. O jeito foi largar o barro aqui mesmo, pois chovia a cântaros lá fora. Expliquei.

– É, por precaução, disse ele, antes de sairmos para o Araguaia, vamos lhe dar um penico, de presente. E caiu na risada, caçoando de mim.



*PROCURO* até hoje uma explicação para o mistério que encobre o acidente que sofri, com o meu automóvel – uma

---

*Brasília* da década de 1980 – de madrugada, quando eu dirigia, bêbado. Vítima de uma amnésia alcoólica total, perdi a noção de tudo, como se um black-out enchesse de trevas a minha consciência. Desacordado, incôscio, a sensação é que o carro ia sozinho pela rua, sem ninguém ao volante. O fantasma da luz dirigia por mim.

Quando o veículo chocou-se contra um obstáculo, algo de rija resistência, largado no meio da rua – possivelmente um pedregulho, ou um pedaço de ferro enorme – eu não sabia que luz era aquela: se do albor solar, ou se de algum poste, dentro da noite. O impacto da batida foi tão grande que culminou com a destruição da roda esquerda; e eu, como que guiado pelas mãos do milagre, dirigi o veículo, sem uma das rodas dianteiras, rasgando o asfalto com a ponta do eixo, por mais de um quilômetro, até estacionar-me defronte ao edifício Cabo Canaveral, no Alto da Glória, onde residia. O nariz foi atingido, escoriado, pois de dentro das narículas, escorreu negro sangue, e logo coagulou-se, obstruindo a respiração nasal. Nada disso eu senti, muito menos vi. Tudo aconteceu no âmago das trevas. Desse acidente – que poderia ter sido pior, uma tragédia – não me lembro de mais nada. Sequer de que maneira, – como? – eu saí de dentro do carro, com a cara toda ensangüentada, caminhei sozinho até o elevador, para chegar, finalmente, à porta do apartamento, no segundo andar; tocar a campainha, enfiar a chave na greta, girar o trinco – como? Eu me pergunto: como? Certamente movido pela luz benevolente de algum anjo,

---

protetor dos boêmios. Que divina bênção foi aquela que me conduziu de volta ao leito, com o rosto desfigurado, coberto de sangue?



*O DOUTOR* Luís Fortini adorava uma discussão sobre comunismo em mesa de bar. Fogo de salivas, nada mais.

Dono de uma risada macia, gostosa, o Fofó, às vezes, inspirado, acendia a sua verve de poeta bissexto. Em questões sentimentais, o *Zão* foi o seu vôo maior: até à ilha de Fidel Castro, voando de amor, ao lado dela. Mas, acima da sua utópica paixão pela investida de Marx contra a burguesia, pela poesia de Pablo Neruda e de Maiakóvski, a cerveja, certamente, estaria num plano infinitamente superior a tudo isso. Se ele pudesse – penso eu – instalaria uma fábrica de cerveja no seu quarto de dormir, na cabeceira da cama, rente ao travesseiro, para evitar os empecilhos da distância entre ele e a cerveja.

Daí que, num certo dia de farra, um dos meus dentes quebrou-se, caindo um caco do osso, dentro da cerveja, no copo. O Fortini viu a cena, e depressa, tomou-me o copo. Jogou a cerveja fora, salvou o caquinho do dente; enxugou-o com a toalha da mesa, e depois, guardou-o em sua carteira de documentos.

– É um pedaço do Gabé, que eu vou carregar comigo, para todo o sempre!

– Mas, Fofó, que doidura é essa? Um caco de dente na carteira? Que nojo! Joga isso fora... increpava o dou-

---

tor Luiz de Freitas, o Lulu, argüindo-lhe assim: “E por acaso você é algum macumbeiro, para ficar carregando essas besteiras no bolso?”

– É um pedaço do Gabé! É um pedaço do Gabé! Assim como a irmã de Castro Alves guardava na bolsa um cacho de cabelos do poeta, como lembrança, eu guardarei aqui comigo, na algibeira, essa parte do Gabé, o poetinha nosso, de Goiás!

E toda vez que íamos beber cerveja, em qualquer lugar – fosse num churrasco, num coquetel, num tertúlia, num jantar, ou até mesmo numa daquelas lautias feijoadas sabáticas – o “Cabeça de Algodão”, outro agnome do doutor Fortini – enfiava a mão no bolso, retirava a carteira e, lá de dentro, apanhava o pedacinho de dente do Gabé, para, jactancioso, exibi-lo aos presentes, como prova de amor e admiração ao seu ídolo da poesia, em Goiás.

Conto? O seguir é cômico, hilariante. Em 1983, uma caravana de intelectuais e artistas foi a Rubiataba, no Vale do São Patrício, participar da festa de lançamento do livro *Colheita* (A Voz dos Inéditos) – antologia de poetas bissextos organizada por mim. E um dos figurantes desta obra é o rubiatabense Osmar Lima, que, mais tarde, tornou-se autor de dois livros de poemas publicados. Um deles, inclusive, com prefácio do deputado federal Ulisses Guimarães. Cervejeiro encasquetado, e apaixonado por oratória, formou-se em Direito.

O poetariado (neologismo criado pelo poeta Brasigóis Felício) seguiu viagem em veículos diferentes. O com-

---

boio dos vates. E o doutor Luís Fortini, então advogado da procuradoria-geral da prefeitura de Goiânia, foi comigo, a bordo da velha *Variant II*, a perua da VW, popularmente conhecida como “O Abacateiro”, seu apelido de guerra. Saimos de Goiânia, às 9 horas da manhã, de uma sexta-feira, engatados na cerveja. Antes do embarque, no bar do Lolinho, tomamos umas.

– Gabé, pára um pouco com esta cerveja, senão você não vai dar conta de dirigir, advertiu o Fortini. Funcionei o carro e saímos. No percurso, cerveja, mais cerveja.

– Gabé, nesta toada de copo à boca, daqui a pouco estaremos embriagados, de fogo. E não agüentaremos a festa, à noite.

– Ah! Fofó! Larga a mão de bobagem! Tudo vai nos conformes, anda, abra outra latinha aí. E olhe, ali é Jaraguá, a paixão do grande Domingos Félix. É a metade do caminho. E, já que estamos aqui, vamos dar uma paradinha neste posto de gasolina, tomarmos uma bela cerveja, e depois, – por que não? – entramos debaixo daquela ducha, para cortar o porre. De repente, estávamos pelados, os dois, debaixo de um chuveiro de água fria. Eu solfejava a Nona Sinfonia de Beethoven, em voz esganiçada, gritando e pulando.

Um pobre camponês, dos tugúrios de adobe daquelas cercanias, ia saindo do mictório defronte ao banheiro onde estávamos, sem porta, quando, ao deparar-se, com a inusitada esquisitice daqueles dois marmanjos, peladões ali debaixo do chuveiro, pululando, frenéticos, e bebendo cerveja – fez o sinal da cruz e exclamou, es-

---

pantado: “Ai, Jesus, que diabo é isso?”, e saiu correndo, em direção à rodovia.

Após o terceiro turno da bebedeira, e já no sábado, à tarde, o Fortini acordou, alquebrado, de ressaca, abrindo o bocão, e perguntando: “Que parede é esta? Cadê o meu filho? O Zão? Que lugar é este?” O lugar era a sede de uma fazenda cafeeira, da região da Mata do São Patrício, no pico de um morro, de onde se podia ver o azul do mundo, dentro do bucolismo daquela fantástica paisagem.

– Ih! Gabé! Olha aqui! Que chupões são estes no meu corpo?

– Você dormiu com a velha Barbada, Fofó. Só isso. E ela já está à sua espera, lá no bar da estrada...

– Tá brincando.

– Tou não, Fofó.

Durante os preparativos para o coquetel da noite de autógrafos do *Colheita*, o poeta Osmar Lima, de cara cheia, quebrou misteriosamente o volante do meu carro, “O Abacateiro”. De que jeito, eu não sei. Sei que, na volta para Goiânia, o Fofó e eu paramos sobre a ponte do rio das Almas, que atravessa a BR-153, e descemos o barranco, úmido de lama, para recuperarmos do porre, com uns mergulhos. Pouco adiantou. Deu foi mais vontade de beber cerveja. E bebemos, até Goiânia, de volta às mesas do Canindé, na praça da Cirrose.



---

*FUI* conhecer o acampamento da Associação dos Funcionários Públicos Municipais de Goiânia, a AFPMG, instalado às margens do Araguaia, há uns trinta quilômetros de Aruanã, rio acima, com comida e bebida por conta da diretoria daquela Associação. E o meu companheiro de viagem, a bordo da velha *Brasília* marrom, foi o jornalista Alírio Afonso de Oliveira, então chefe dos serviços de imprensa da prefeitura. De Goiânia a Aruanã, paramos umas dezenas de vezes para beber cerveja. Era vislumbrar um boteco de beira de estrada, e o pé direito afundava o pedal do freio.

Demoramos umas dez horas para aportarmos à cidade ribeirinha. Alugamos uma canoa, era noite, e ainda quebramos umas geladas lá no bar do Elpídio, antes de embarcarmos rumo ao acampamento. À chegada, de canoa, houve abraços, pipocar de foguetes, e muita alegria:

– Salve o nosso poeta! Viva o negão!

E fomos direto para a barraca central, onde funcionavam os serviços de cozinha e bar. A partir dali, festa: arsenal etílica composto por centenas de caixas de cerveja. E ninguém se lembrou de guardar as bagagens etc. E ali pelas três horas da manhã, noite de negrumosas nuvens, eu pedi trégua, exausto. E saí à procura de um alojamento para dormir, em companhia do presidente da AFPMG, Elízio Gonzaga, que, cavalheiro e gentil, era o anfitrião daquelas palhoças.

– É por aqui, poeta, vamos. É naquela barraca ali, que você vai se acomodar, dormir – disse-me ele, todo cortês, segurando-me pelo ombro.

---

Abriu o zíper da porta de lona de uma cabana, alumiou lá dentro com a lanterna, e vimos um amontoado de gente bêbada, espatifada no sono. Uns roncavam escandalosamente. “Brincadeira, eu dormi aqui, vai ser foda”, pensei.

– Se ajeita aí, poeta. E boa-noite. O Elízio saiu, voltou aos comensais e briteiros da noite. Eu fiquei naquele bochorno.

Abri meu colchonete, coloquei a mochila de modo a me servir de travesseiro, no escuro, sobre a umidade fria da areia, e tentei fechar os olhos, esticar o cadáver, e dormir. Súbito, escutei um barulho, de gente rosnando, arranhando a garganta. Era um negão, bêbado, que se levantou para mijar. Sem enxergar praticamente nada à frente dos olhos, desceu o bermudão, arrancou o pênis e jogou aquele jato de urina, na minha cara, sem me ver.

– Vai mijar na puta-que-te-pariu, cara! gritei, colérico, inflado de raiva. Fugindo-me dali, de dentro daquela fedida barraca, sai correndo, no escuro, em direção ao rio. Amanhecia, e eu voltei ao rancho-bar do acampamento, e pedi uma cerveja, enquanto alguns excursionistas já quebravam seus jejuns, tomando café.

Isso foi na época do racionamento dos combustíveis: se o freguês titubeasse, corria o risco de ficar na estrada, sem gasolina. Êta paisinho de merda! Quantas vezes tivemos que comprar petróleo, na clandestinidade.



---

**CONSCIÊNCIA?** Que consciência? Jamais, em toda a existência da minha santa lucidez, darei conta de desatar o nó daquele enigma, que quebrou o carro e a minha cara. Muito menos saberei dizer se alguém, na hora do acidente, me socorreu. O fato, que escandalizou a minha consciência, foi imaginar como conduzi o veículo, sem uma das rodas dianteiras, até a minha casa, dentro da trágica madrugada, deixando expostos arranhões na camada asfáltica, por onde passei.

Ao abrir os olhos, na manhã seguinte, percebi que estava com dificuldades para respirar, e então senti que o meu nariz estava entupido com grossas pelotas de sangue coagulado. E, ainda tonto, levantei-me da cama, em direção ao espelho: “Diabo, que diabo foi isto?”, resmunguei, com o coração em pânico.

Como os iguais se atraem, por sentimentos de empatia, o doutor Luís Aroeira, médico anestesista, me visitou na manhã do acidente. Ele e o professor Taylor Oriente, editor. Apalpou as minhas faces, correu a mão sobre a minha testa, verificou se eu estava com febre, mediu a minha pressão arterial e disse: “Foi só um susto. Tem nada, não. Agora, convém e é preciso você tomar um antiinflamatório”.

Ambos – o médico e o editor – já desceram à escuridão dos sete palmos. O doutor Luís era um chupa-ro-lha: um bebedor de pinga incontrolável. E o Taylor, cervejeiro, mulherengo e filósofo.



*PARA BEBER*, nasci? Para beber, vivi? Dos 18 aos 45 anos, eu fui um homem loucamente comprometido com a bebida: um tarado por cerveja. O que, outrora, eram apenas encontros idílicos (e quase não etílicos) com o correr dos janeiros, no porvir, a coisa foi se complicando, decepcionante, amarga.

Hoje, pelas ruas, curiosos circunstantes me perguntam, à queima roupa: “Por que você largou mesmo de beber? Ficou doente, com diabetes?”

É simples. Por uma razão muito simples. Costumo responder, com estas palavras: “Eu sempre pensei que, ao final de qualquer que for o espetáculo – seja no palco do teatro, seja no palco da vida – o personagem pode morrer quantas vezes ele quiser. Porém, o ator, não, jamais. Deve permanecer vivo. E explico: no dia seguinte novo espetáculo há de voltar à cena. E se o autor, obviamente, morrer junto com o personagem, não haverá mais espetáculo. Razão pela qual renunciei ao papel do meu personagem.”

Mas alguns cépticos, descritos da vida, persistem em acreditar que eu ainda bebo, às escondidas. Ilusão.

Já sou um bêbado embriagado de lucidez.



*INJETAI*, ó divina luz do intelecto, mais e mais alento à peleja destes textos!

---

Quantas e quantas vezes eu amanhecia nas segundas-feiras com aquela impressão de que havia, eu próprio, colocado minha alma num moedor de carnes: escaveirado, pelo avesso, de ressaca!?

Ah! Tempo e vida! Dialética de tudo, eu me pergunto: aquilo tudo foi certo? Aquilo tudo foi errado? Que ademanes foram aqueles, disse, ó minha santa lucidez! Fragmentos de loucuras, foram? Anseios e deleites da insanidade, foram? Agora, agora, reminiscências de barulhos, nostálgicamente, ressuscitados à guisa destes sôfregos depoimentos? E os que já se embarcaram para o leito dos mortos, por causa da envolvente epopéia dos copos? A peripécia foi válida, apoteótica? Respondei-me, ó claridades do influxo onipotente!

Os homens vieram à mesa para louvar a vida, mas fraldados pela ilusão da eternidade, caíram todos em desespero, renitentes até à morte, por abuso de sede à bebida. E agora, distantes do roçar desta brisa, lá estão eles, jacentes, nas tétricas funduras do orco, nada mais valendo senão desfigurados montículos de pó, espectrais e umbrosos, em suas tumbas.

Canto por eles e não choro por eles, porque seria por demais hipócrita pranteá-los, aqui, debaixo das marquises destes velhos bares, catedrais das nossas olímpicas cervejadas. Chorar por eles é inútil, ó falange de noctívagos vaga-lumes: “A humanidade é infinita”, e Deus o Pai do grande cosmos!

Uma coisa era a liberdade, a santíssima liberdade, de brincarmos com a vida, no meio do iminente perigo. A

---

outra, a deletéria vadiagem, com saldos, muitas vezes, suicidas. E indo assim eu me ia, de copo em copo, inócuo e tresloucado, como ébria borboleta da noite, trespassando os extremos do risco.

Como é extraordinária a filosofia do bebum: acima do bem e do mal, só ele tem razão.

*JUNHO* de 1971. Geava no Largo do Arouche, coração de São Paulo. Às três horas e quarenta e cinco minutos da madrugada, o táxi estacionou defronte ao edifício Pigalle, na avenida Duque de Caxias, esquina com a praça Princesa Isabel. A professora Zelda Bulik, em trajes de inverno, garbosa, naquela sua jaqueta de lã, de grife italiana, deixava o interior do veículo, em minha companhia, com um litro de uísque debaixo do braço, sobraçado. Para dar prosseguimento aos ritos da bebedeira, no apartamento do professor Bernardo Issler, onde eu residia, nas grimpas do vigésimo sexto andar daquele gigantesco espigão de concreto.

Muito sexo e bebida, para irmos de encontro à rosácea luz da aurora, depois de um lauto jantar num restaurante de paraguaios, na Vila Mariana, ao som de harpas, regado a chopes, uísque e bolinhos de bacalhau.

Ao abrir a porta do elevador, a professora, zonza, se estrapalhou e, acometida de algum susto, deixou o litro de uísque voar para o chão.

– Droga, eu compro outro! Resmungou e, decidida, saiu atrás de um táxi. E foi à procura de uma nova garrafa de uísque, de bar em bar, percorrendo as cercanias da Praça da República, visivelmente inquieta, nervosa.

---

O dia, ainda escondido no negrume das nuvens, logo abriria lugar para o reencontro da luz com os homens. E, por fim, a professora encontrou o seu novo arsenal etílico: um *Johnnie Walker*, lacrado, com selo de fabricação.

Meu Deus, como podia uma mulher ingerir tanto álcool daquele jeito, a ponto de enxugar até mais de dois litros de uísque por noite – sozinha – sem que, no dia seguinte, reclamasse de qualquer mal-estar concernente à ressaca?

Zelda Bulik, a campeã do copo – uma alcoólatra cinco estrelas, nota dez. E que, aparentemente, esnobava boa saúde, lucidez e vigor, em suas atividades profissionais, no magistério e no turismo.

Às sete horas da manhã, em ponto, ela chegava ao seu gabinete de trabalho, na prefeitura de São Paulo, impecavelmente nova, sem o menor vestígio de ingerimento alcoólico.

Aquela Zelda, graduada funcionária pública dos primeiros escalões do governo municipal de São Paulo, na década de 1970, comandou, comigo, festivos encontros de boêmias pelas noitadas paulistanas. E por isso, persiste, inapagável, a sua imagem na memória. Uma figura ímpar, de imensurável beleza humana. Solidária, sentimental e amiga. E na cama, uma grande cortesã.

Passeava comigo pelos teatros de oficinas, restaurantes, cinemas, choparias e shoppings da mega São Paulo. Dava-me presentes: roupas, livros. E, quando sim, quando não – em horas de afogo financeiro – ela me

---

socorria, com dinheiro vivo. Um nome que guardo, fundo, no escrínio das lembranças.

Os boêmios são, por índoles de nascença, generosos.



*NAQUELA* mesma Paulicéia, dos idos de 1970, eu conheci uma enfermeira, no Largo do Arouche, com o nome de Lizalda. Tomamos algumas cervejas, ali no Caneca D'ouro, e fomos para o apartamento. Eram quase dez horas da noite. Não estávamos bêbados, apenas levitantes, etéreos de Eros. Pombos voluptuosos de amor.

Um pequeno incidente abriu um parágrafo de tristeza na noite. Pior dizendo, machucou a noite. Primeiro, eu me despi sobre o aveludado tapete, côm de púrpura, à espera da ferosa fêmea. Ela veio vindo, devagarinho, ao tremeluzir da penumbra, e não percebeu que havia à sua frente, encostada na parede, uma porta solta, a qual desabou-se pesada, sobre suas pernas. Houve cortes e sangrias. Cobri-me de espanto, apavorei-me, tive medo:

– Mas o que é isso, coração? Você esbarrou nessa porta... eu esqueci de lhe dizer. Meu Deus, e agora...

– Não! Não! Não foi nada não. Foi só um arranhãozinho de leve. E corri para salvá-la. Uma de suas pernas sangrava. A porta era pesada; levantei-a, arrastando-a para fora do quarto. Escorria sangue. Ela estava muda, branca de pavor! Passei água com sal para evitar infec-

---

ções. Enrolei uma toalha sobre o machucado da sua perna. Lizalda sofria, sem graça. Pediu-me para arrumar um táxi. Fiz. Telefonei. E fui com ela, a bordo do carro, acalentando-a até o hospital, no bairro da Pompéia, longe. Nem foi preciso se identificar, na portaria; foi logo socorrida, por um plantonista, de jaleco branco, que a reconheceu, chamando-a pelo nome. Era funcionária daquele hospital. E foi-se pelo corredor, mancando, com a ajuda daquele enfermeiro, sumiu. Nunca mais a vi.



*O SONO* do bêbado é uma desordem; a mente cai, se afunda, no entorpecimento. A visão que se tem é a visão que não se tem. Nada se harmoniza. É caracterizado pelos distúrbios da percepção. Não se tem o céu. E tudo é dissipado, diabolicamente, como se a consciência humana fosse traída por um jardim de monstros paranóicos. Assim é o sono do bêbado, por causa da ingestão, em demasia, do álcool, que intoxica os neurônios. É o que os médicos psiquiatras chamam de “hipnótico anestésico”.

Poeticamente falando, o sono do bêbado é um tumulto; não possui o som das avenas, nem abre espaços para se enxergar, nas distâncias, a branca paisagem dos prados recobertos de meigas margaridas, descabeladas ao vento. Ao contrário, o sono do bêbado é o escândalo da consciência, com alucinações que fuzilam a origem dos sonhos. Uma fábrica de absurdos, sem gretas para a luz.

---

Tudo por causa do álcool. E, segundo o *Tratado de Psiquiatria*, dos doutores Jonh Talbott, Robert Hales e Stuart Yudofsky – um volumoso estudo sobre alcoolismo, com mais de mil páginas – “Além de provocar euforia, o álcool leva a prejuízos no desempenho motor, controle muscular deficiente, fala arrastada, rubor facial, ataxia, pensamento lentificado; e concentração, raciocínio, atenção e capacidade de formar associações de palavras prejudicados (Lishman, 1978). Alterações na frequência cardíaca, nistagmo (...) problemas cognitivos e desinibição de impulsos sexuais ou agressivos. Comportamentos suicida e homicida aumentados têm sido relatados com a intoxicação alcoólica”.

O sono do bêbado é uma visita às mansões do abismo. Não há lugar para sonhos. É uma coisa torva, sibilina, abstrusa, com bicas de suores que encharcam o corpo.

Mas os especialistas no assunto, estudam, também, em o *Tratado de Psiquiatria*, a questão do Black-out – transtorno anésico alcoólico – uma progressão da doença do alcoolismo.

Para eles, que chamam o porre de “binge”, o pior estágio do alcoólatra é quando ele atinge os níveis da *Abstência Alcoólica*.

“Os pacientes – explicam eles – mostram sinais de hiperatividade autonômica, incluindo aumento da pressão arterial, taquicardia, sudorese, mal-estar, náusea, vômitos, ansiedade, humor deprimido e irritabilidade. Pesadelos, ilusões ou alucinações transitórias e sono perturbado são comumente relatados. Esses sintomas

---

freqüentemente levam a um rápido retorno ao beber a fim de reduzir os sintomas de abstinência”.

Bem mais tarde, eu fui saber que o surgimento repentino daquelas manchas vermelhas nas maçãs do meu rosto, quando estava bebendo, era consequência da intoxicação etílica, no sangue. E não que alguém estaria colocando, na surdina, remédio na minha bebida, para eu abandonar o vício.



*O TEMPO* é pouco, inexorável. A hora mingua, se mingua, minguando. Daqui a pouco estarei mais velho, truão, babaca, pateta, babão, com o rosto juncado de rugas, fora de mim, fora do tempo, fora de moda, fora de prumo. Que merda! Eis o que a vida faz com a gente. Era assim, com tais elucubrações que eu, comigo, me fuzilava, sob o peso da revolta metafísica.

A vida movediça. O eu movediço. O sonho breve. Ser novo era ser voluptuoso, mas, absolutamente breve, transitório. E o tempo passando, indiferente a tudo isto: a dúvida, o medo, a morte, a injustiça. E a cerveja, lá fora, dentro de mim, no boteco: objeto da minha paixão, loucura insofreada dos meus desejos, até aos transbordamentos. E o amor, oh! Ignea borboleta pousada em meus lábios: eu quero “morrer de imortalidade!”

E me lembrava do terrível filósofo alemão, Frederico Nietzsche, materialista, louco e ambíguo – inimigo da ambigüidade – que queria, num rasgo de estupidez,

---

substituir Jesus Cristo por ele mesmo; o mega “pensador entre séculos”, que se auto-considerava o “super-homem”, das gerações porvindouras, dono explícito do Tudo e do Nada, nos exortava à viagem em direção à catástrofe. O pai de **Zaratustra** dizia: “sim e amém de um modo enorme e ilimitado (...) Levo a todos os abismos a minha afirmação que abençoa...”

Para ele, o mestre que, às vezes, padecia de indigestões e acessos de ira, a luz era ele: “Sou luz! Oxalá fosse noite; mas tal é minha solidão que é preciso que eu esteja cingido de luz. Oxalá fosse eu tenebroso e noturno: como eu sugaria os seios da luz!”

– Já volto, meu bem. Um apetitoso divertimento me espera: a cerveja. Tchau... E saía correndo pelo corredor.



*COM* o virar das páginas, o fluir dos anos, eu ia, cada vez mais, me tornando um bebedor compulsivo; e facilmente ficava tonto, perturbado, de fogo. O inferno vinha depois, quando, já em casa, não tinha a menor disposição para saborear uma succulenta macarronada, temperada ao molho de tomates com sardinha, ou carne moída. Não havia apetite sequer para uma colherada de sopa.

Do estômago me vinha, até as salivas da boca, aquele avinagrado gosto de azedo, com sensações de vômito. Já não era mais um ser saudável e lúcido, dentro de mim, mas sim: uma espécie de subgente, abominável,

---

indigno da minha própria sombra. E já não mais refletia sobre a serenidade das coisas no universo da poesia, dos flúmens e das pedras.

Uma torrente de ódio se avultava contra mim. Eu mesmo me odiava, encarniçadamente, naquela negligência de um “sacrílego, ateu, sem lei, sem siso?”



*SOPRAI*, favônio, lufadas de inspiração no ventre destas palavras, para que eu possa conduzir o intelecto nesta peleja!

Quantas vezes, no apogeu das farras, eu pensava: “Meu Deus, eu tenho que botar ordem na minha vida. Acabar com tudo isto, antes que a bebida me leve para o buraco!”

Ah! Os dias em que eu vivia de aeroporto em aeroporto, de avião em avião, de capital à capital, voando, à cata de esdrúxulas emoções, engolindo absurdas quantidades de cervejas. Seria aquilo o duelo, entre eu e a minha sombra, à procura da auto-afirmação; de um rumo para se chegar à essência das coisas? Não sabia. Permanecia impassível a tudo, sem um pingão de responsabilidade, a meu talante.

Os dias indo. Eu indo, arrastado pelo vício, bebendo até ficar inconsciente. Que triste sina! Que toleima! Beber até cair imóvel, apagado. Ou antes: tornar-se um chato, inconveniente, falando um montão de impropérios e bobagens, em voz alta, gritando. “Porra, tá todo mundo louco!”



*EU TINHA* vinte anos e comprei o meu primeiro veículo: um fusca, imponente, preto, alcunhado de “*o lobisomem*”. Era de uma negritude tão reluzente que, às vezes, confundia-se com as brandas tonalidades do azul, azul noturno, profundo.

A máquina, quando ia para as ruas, era uma boate ambulante, toda perfumada por dentro. Seu aroma só se interrompia com os bafos de cerveja ou pelas fortes baforadas dos fumantes. Lindas garotas adoravam *o lobisomem*, um fuscão 1.500. Ingênuas e estivais, elas eram facilmente atraídas pela eloquência do meu fraseado, oxalá de afilados improvisos:

– Vem, minha doce andorinha, fazer muxoxo na solidão dos cabelos deste velho menino. “És nívea pomba entre corvos”, sabia? Em matéria de amor, eu sou um eterno aprendiz, um pidão, que te quer por inteira, nua e sem calcinha; sem te querer para nada. Tens que me amar não me amando. Anda, benzinho, vamos pro chatô, fazer ói de nós com nós pra nós...

– O quê?

– Amor. Isso mesmo. Não percebe? Eu sou um carente eterno dessa mina de volúpias que guarda aí no meio das coxas, sob a calcinha. Não sou retórico, sou prático. Anda, me beija, me morde aqui, na bochechinha deste pidão, indisciplinado, obsceno.

E saíamos para a divina noite, perdidos em nossos anseios, à procura de chopes, poesia e amor.

---

O fuscão, com placa de Brasília, exibia no seu interior, acima da alavanca do câmbio, uma fita verde-amarela, amarrada ao gancho do retrovisor de bordo. De modo que aparentava respeito às autoridades do trânsito que, ao vê-lo, o tinham como um veículo oficial a serviço do governo federal. E, talvez, por isso mesmo, nunca me pediram documentos, nem mesmo nas barreiras dos postos rodoviários. Naqueles anos da repressão militar, era prudente ficar de bico fechado, sem muito trololó pelas ruas da vida, senão ia pro pau... Após retornar-me de uma daquelas noitadas de dissipação, ao meu endereço de pouso – um miserável quartinho de barracão alugado, nos fundos da avenida D, setor Oeste – estacionei o *lobisomem* na calçada. E, sem perceber, abandonei o veículo com as portas destrancadas. No dia seguinte, meti na cabeça que aquilo era obra de ladrão, vagabundo, filho da puta. Ressacado, fui a uma feira de artesãos indígenas e comprei um arco e uma flecha, esta, com mais de dois metros de comprimento, para, na noite seguinte, flagrar o gatuno, que ameaçava roubar o meu *fusca*.

Munido desse primitivo instrumento de ataque, desde as sanguinárias confrontações entre os rútuos e os troianos, muito antes da construção de Roma, esperei a noite chegar e fui beber no Canidé: o bar predileto dos nossos encontros cervejais. Lá pelos píncaros da meia-noite, os bebuns se debateram em retirada, foram embora. Eu queria continuar, meu destino era beber, beber, beber, beber... percorrendo todos os botecos da

---

noite, maltratando o meu pobre fígado. Às vezes, em companhia de alguma garota, às vezes, não.

De volta ao meu aposento, no exíguo cômodo daquele velho barracão da avenida D, joguei o carro em cima da calçada e, excitado, bêbado, com o demônio no coro, armei-me do arco e da flecha. E comecei, então, a ameaçar todo e qualquer transeunte que, por ventura, se aproximasse dali, do meu carro. Eu apontava a seta para os vácuos da noite, feito um doido, irresponsavelmente embriagado. Meti na cabeça que o suposto ladrão era o vizinho, do sobradinho lá defronte. E que se surgisse alguém àquelas frias horas da madrugada, na sacada do prédio, eu, com certeza, desferiria a flecha em direção ao alvo. Tudo isso, essa loucura toda, por um só motivo: estava bêbado.

Um casal de namorados, de repente, atravessando a rua, deparou-se com a sandice daquela cena: um bêbado na calçada, de arco e flecha em punho, gritando:

– Pode vir, seu ladrãozinho, filho da puta! Aqui pro cê, ó!

E ostentava, valentão, o armamento de bugre.

Expirados alguns meses, após aquele ataque de doidura, naquelas atardadas horas do alvorecer, descobri que o morador do sobrado vizinho, do outro lado da rua, era o Grego, o dono do “Restaurante do Grego”, lá da rua 6, onde, inclusive, eu costumava encerrar minhas noites com um apetitoso prato de frango assado, acompanhado de arroz branco, fatias de tomates, cebola e pimentas, especialidades da casa.

---

Quero dizer: eu vivia brincando, inconscientemente, com coisa estupidamente perigosa: a de ser um assassino, de graça.

E por acaso eu saberia lá o que significaria aquilo, se eu me propusesse a agredir os preceitos da justiça divina, recusando a aceitar os caminhos para o céu? Oh! pobre de mim! – um ser revoltado, kafkeanamente confuso, ali, naquele vexame!



*ESTALO* de relâmpagos, trovões: a luz tremia. E eu, de copo na mão, alisando a sua boca, inquieto, alvoratado. Até a rótula do joelho esquerdo, eu coçava, provido de angústia.

Quero ser universal, cantando a minha terra. Escrever, de uma vez por todas, um livro contundente, terrível, onde todos os personagens se suicidam, menos eu. Conjecturava aquilo, alado de raiva e fantasias.

O bar estava deserto. Já eram mais de duas horas da tarde, de uma terça-feira. A cerveja se esquentava, perdendo a dourada cor do líquido, e a brancura das suas espumas.

Aquilo lembrava restos de bebedeiras, fins de farras em bordéis. A triste hora do bêbado, trancado entre as paredes da indecisão.

Que merda, estou com náuseas de viver! Resmungava eu nos solilóquios dos meus comigos. Eu e a dança dos mosquitos. Ai, que sordidez! Estou sujo de mim.

---

Minha mulher, a essas horas da tarde, dando o seu sangue ao trabalho, e eu aqui; réprobo dessas trevas, condenado ao vício, à dependência dessa desgraça etílica! E ainda por cima, ouvindo na memória aquelas terríveis revelações do médium lá de Uberaba:

– Eu estou vendo, nitidamente, o espírito do seu falecido amigo aí grudado na sua garganta, bebendo, bebendo, cada vez mais... Utilizando o seu aparelho para saciar a sede dele, através da sua.

Enclausurado naquela solidão, de dor mundana, no meio daquele bar, eu me parecia a uma ave acidentada pela turbulência dos ventos, na passagem dos tufões. E daí, veio-me a idéia: ir ao Cemitério Santana, visitar o túmulo do meu pai, e chorar. O que fiz: abandonei a mesa, o copo, o bar, e fui para o campo santo, debaixo daquele temporal, que rugia, aos estrondos, lá pelas bandas do setor Norte Ferroviário.

Atravessando o tétrico portão da casa dos mortos, sob os fulmíneos lampejos da chuva, não tive medo: comprei um maço de velas. Se era de dia, se era de tarde, e eu não sabia, estava perdido entre os túmulos. Gritei ao zelador do cemitério: “Ô de casa! Onde fica a casa funerária do meu pai? Em que sepulcro deste planeta jaz a ossada dele? E por acaso o senhor conhece o segredo dos mortos? Eles conversam, dão risadas, durante a noite?” Ao escutar aquela gritaria, o bom coveiro apareceu, de súbito, debaixo de seu negro jaleco de plástico, me falando:

– Pois não. Vem comigo. Vamos até o escritório do

---

cemitério. Você se lembra a data ou o ano exato do falecimento do senhor seu pai?

– Lembro, sim. Respondi: em 28 de dezembro de 1958. Eu tinha oito anos.

Lá dentro, do sombrio cômodo, ele apanhou o tenebroso livro de registros dos óbitos; e, à luz daquele toco de vela, tremeluzindo, foi folheando até que, com o dedo, apontou, no meio da página, o nome do falecido Antônio Estrela Nascente.

– É este?

– É.

– Então ele está no túmulo 323, da quadra L, zona leste do cemitério. Pode ir até lá.

Chovia pletoas cargas d'água. E eu ali, sentado sobre a tampa do túmulo, com uma garrafa de cerveja na mão, olhava, choroso, a solitária imagem de São Francisco de Assis. Puxei os cabelos, afoguei os meus olhos na eternidade de um pranto e bradei ao coveiro, ali recolhido na sua solícita humildade:

– Vamos, amigo, beber cerveja!

– Não, obrigado. Eu tenho que continuar vigiando os meus mortos.

– Tem nada não. Leva os mortos prá beber conosco. Eu pago a conta.



*EU* ia perdendo os mecanismos da lucidez, a noção das coisas. Tanto que, com a embriaguez, fui sofrendo perdas de memória, sem saber de onde vinha, ou para onde ia.

---

Assim sendo (e eu nada era me sendo), fui, certa tarde de um sábado, surpreendido em pleno Aeroporto Internacional de Brasília, pelo senador Onofre Quinan que, estarecido, me abordou:

– Mas, moço, o que faz aqui, neste estado? Você está doente, bêbado, fora de si?

– Não, senador. É que eu perdi os meus documentos, com dinheiro e tudo. E agora não tenho como voltar para casa. Tenho fome e sede. Quero uma cerveja, o senhor paga? – Era eu, um estrapilho na multidão, flagrantemente bêbado. E munido apenas de três simples objetos: uma escova de dentes, um exemplar do livro *EU*, do Augusto dos Anjos, e uma cueca.

O falecido senador foi quem me salvou: me deu uma passagem de avião (via Vasp) até Goiânia, autorizando o gerente da companhia a me embarcar naquela hora mesmo, já no primeiro vôo.

A bordo do boing 737, e devidamente acomodado numa daquelas macias poltronas da aeronave, procurei, angustiado, a presença da aeromoça para pedir-lhe uma cerveja. Assim, eu acalmaria o ímpeto dos meus nervos, e a dança abissal do meu espírito. De sorte que, a meu lado, no assento do corredor, estava um executivo, aparentemente rico, e de colar de ouro pendurado ao pescoço, mostrando um suntuoso crucifixo, por fora da camisa. Ele me deu alento, puxando palavras para um diálogo de bordo, regado à cafezinho, simplesmente.

– Pois é, garantiu-me ele, quando chegarmos à Goiânia, iremos diretamente para o Castro's Hotel, onde con-

---

tinuaremos com o papo deste encontro. “Estou salvo!”, pensei, minorado. “E imaginem só: eu chegar a Goiânia, todo exibidão, ensoberbecido, na companhia de um ricoço!” Ah, que pobreza de espírito, que estultice aquela minha! Pensar que era importante só porque estava ao lado de um homem rico, e sobretudo desconhecido?

Ao desembarcar em Goiânia, eu estava simplesmente um traste, espatifado de bêbado. E tão logo chegamos ao luxuoso hotel, arrumei um pretexto para escafeder-me dali, dizendo que iria ao banheiro, mijar.

E sumi, nunca mais vi o prestimoso amigo.



*EU ERA* um homem impaciente, nervoso, apressado. Não sabia ouvir as pessoas, ler pausadamente um livro, página por página, até a sua última linha. Vivia ludibriando minha própria consciência que, semanalmente, tombava obliterada, pelo encharcamento do álcool.

E agora, contabilizando os estragos daquelas hecatombes etílicas, imagino-me um príncipe, filho do milagre, por ter escapado do químico veneno, demolidor. Águas de fermentação alcoólica do malte da cevada, ficai no fundo de suas garrafas, assassinando a humanidade, à qual eu só me pertencço porque antes não fui consultado. É possível que, ao longo de mais de duas décadas, eu não tenha participado de nenhuma ceia de natal, devidamente sóbrio. Isto porque, na euforia das vésperas, eu caía na cachaça, tumultuando, à guisa das come-

---

morações religiosas, toda a expectativa dos cristãos (e também dos não-cristãos) para a santa noite, que homenageia milenarmente a natividade de Cristo.



– *CADÊ O GABÉ?* Ah! Ali vem ele, na água, todo no fogo, chumbado! E o pior: se não apagar de vez, vai soltar o demônio e estragar a festa. Bêbado, em noite de natal, não há cristão que agüente! Agride, destila raiva, provoca, insulta, e conversa fiado, sem parar...

É o que se falava, com depreciação, sobre mim, bêbado, em ocasiões como aquelas. Aliás, que serventia tem um bêbado, imiscuído às grandes emoções da vida? Por acaso, ele desfruta de algum paladar para degustar uma saborosa ceia de natal? Tem sobriedade para os abraços da confraternização? Consciência tranqüila para um generoso sono? Saúde, tesão, para os ínclitos conúbios do amor?

O bêbado é o bêbado. E a bebida nivela os homens aos estágios da indignação.

Apesar disso, dessas horripilantes (e também hilariantes) confissões de um ébrio, à época; se conclui que desde o meu primeiro porre na adolescência (quando prostrei-me tonto, vomitei e tive febres), o flagelo etílico vinha escancarando as suas asas de abutre sobre os rumos do meu destino! Eu, tão impúbere de mim, e já tão cedo embriagado por estúpidas copadas de vinho. Depois da esparrela, tirei uma lição. Daí para a frente, fui

---

mais devagar, alongando os intervalos da minha abstinência. Até que um dia, descobri a cerveja, louríssima, gelada, bebida da qual me tornei amante, inveterado. Bebedor de carreira, pesado.

A princípio, tudo foi romântico, sedutor. Depois, sofrimentos de insuportáveis ressacas.

Eu padecia dos mais terríveis períodos de abstinências alcoólicas, (e via fantasmas comendo paredes; fechava os olhos e me afundava em rochas de gelo, lameadas de fezes, com sombras de jacarés gigantes devorando a minha cama; cada cena do diabo...)

Somadas ao surdir dessas alucinações, nos poucos e rápidos intervalos de lucidez da minha mente, surgiam também aquelas sensações horríveis, que me afetavam em cheio o intelecto e, principalmente, os nervos que caíam em ebulição. A sudorese encharcava-me todo. Apesar desse meu longo estágio pelos jardins do álcool, eu trouxe comigo algumas vantagens. Por exemplo: jamais fui internado numa clínica psiquiátrica para tratamento de alcoolismo. Nunca me envolvi em brigas corporais, agredindo quem quer que fosse. O máximo que acontecia era eu levar uma repreensão por parte das pessoas mais velhas, idôneas. Mesmo porque sempre me comportei como um súdito da humildade; e nunca revidei a agressões.

“O mal que os homens fazem, sobrevive a eles. O bem, quase sempre com os seus ossos se enterra.” Dizia Shakespeare.



A *PROFESSORA* Zelda Bulik, especialista em turismo de metrópolis internacionais, era uma balzaqueana aí dos seus quarenta anos – com pinta de cachorroneira, depravada, em matéria de sexo, na cama. Libidinosa, devassa e exímia personagem das sandices eróticas de *A Filosofia na Alcova*, do Marquês de Sade:

– Você precisa crescer, menino, virar homem, na cama! Você está muito tímido, muito papai-mamãe pra meu gosto. Precisa se soltar mais, foder gostoso. Aprender as delícias do sexo, comigo. Vem, amorzinho, me chupa, eu te ensino.

E me fazia descer de cabeça até aos espessos montículos de cabelos alourados, da sua cona: “É aí, chupa! Veja como o seu pau está duríssimo. Põe, enfia tudo. Vamos foder gostoso, gozar um milhão de vezes!” E metia a boca, faminta de luxúria, na minha nuca, me beijando, com arranhões nas costas, e leves mordidinhas: “É assim que eu gosto, seu bobo!” E gozava como uma louca, de perder o fôlego, urrando, e subindo pelas paredes.

A Zelda gostava tanto de sexo que mal esperava eu abrir a porta do apartamento, e já estava gozando, no acme do orgasmo.

– Vai lá, coração, me sirva nova dose de uísque. Estou seca, anda, traga também o meu isqueiro, quero fumar... A madrugada ia de encontro à entreluz da aurora. E lá fora, já se ouviam os primeiros bramidos das

---

máquinas auto-motoras, o alarido dos homens no portal do amanhecer.



*NÃO SOFISMO.* Digo. Só remonto o que vivi. E, naqueles idos, era eu um moço provinciano, recém-chegado à Paulicéia dos Andrade, todo cheio de puritanismo, sem quase nada saber sobre os submundos da vida sexual: suas orgias, seus prazeres. A par disso, bebia pouco; ou seja: o suficiente para adentrar o clima da euforia estável, jubilante – e não ficar bêbado. Pois – Ah, se me lembro! – nas noites paulistanas, raramente eu me embriagava. De bar em bar, eu me ia, sóbrio, de leve, bem-humorado, saboreando as delícias daquele chopinho espumoso, gelado, tirado na hora.

– Este, todo exornado de noiva, com a orla trincando em gelo, é pra você, beba. E erguia o seu copo, de rutilante néctar amarelo, à altura da minha caneca, no ar, e brindava: “Saúde! Muita sorte prá você, aqui, na grande São Paulo!”

Que belo astral de boêmia iluminava a professora Zelda! E cumpria, ao beber, aquele seu velho ritual de maníaca, toda cheia de esmero e parcimônia. No começo, enxaguava a boca com um ou dois copinhos de chope. Depois, mandava descer um litro de uísque. De primeira cepa, claro. E, – que sede insaciável! – bebia tudo, enxugava a garrafa. Era tão sedenta (e elegante) na arte

---

de beber, que fazia inveja a Vinícius de Moraes e Ernest Hemingway, juntos.

– Você é ainda muito pirralho, sabia? Alma boa, pura, lá do sertão. Mas é, para mim, um gostosão. Vem cá, me beija. Vou tomar só mais essa saideirinha aqui, e vamos embora, logo, pra cama, fazer amor.

Dona de um palavreado fácil, rico e fluente. Poesia, turismo, geografia, ciências humanas, folclore, e culinária eram os temas prediletos da sua conversa, durante os nossos encontros, à noite, pelos botequins da então romântica São Paulo.

– Adoro ouvir você pronunciar as palavras “bacada”, “boléia”, “breque”, com seu sotaque de goiano, assim telúrico, provinciano.

“É bão, né!” E me apertava contra o peito, me pedindo amor.



**BEBEI**, humanidade, enquanto é tempo, outra taça! Era o tempo de debulhar as espigas do júbilo. E bebíamos somente para brindar as iluminadas presenças nossas. A golfada das ilusões sacudia as nossas almas de efebos (de míseros efebos); naquela florada da juventude. E ninguém, absolutamente ninguém, se embebedava.

Alegria e liberdade eram a razão da vida. E os botecos, a religião dos nossos copos.

Se bebíamos em grupos não éramos alcoólatras.

Se bebíamos, solitariamente, éramos alcoólatras.

---

Aves do entretenimento, dos beijos e dos sorrisos. Éramos anjos da liberdade – e nunca perdulários, delinqüentes do álcool. Para nós, aprendizes da boêmia, a cerveja jamais era sinônimo de perigo, de ameaça ou de morte. Éter corruptor.

Isso foi no clarear da década de 1970, quando comportávamos como guerrilheiros da ternura, Orfeus do cerrado, das namoradinhas e dos luares.



*O BRASIGÓIS* Felício, também rapazola dos seus vinte anos, rebelde, irreverente e, sobretudo, metralhadora da crítica literária (impactualista), disparada contra cânones, arcanjos, deuses e prochonetas da Literatura Goiana daquela década – era meu co-piloto, muito mais morigerado do que eu, nas empreitadas luciféricas do sonho, do amor e da poesia.

Então, e isso já é de fama, numa anuviada tarde de sexta-feira, decidimos colocar a minha moto – uma *Yamaha*, 50 cilindradas – na BR-153, com destino à Morrinhos. Razão: rever as nossas namoradinhas, a Gilma e a Cidália Goltz, as musas das nossas romancescas aventuras; hoje no palco das ilusões perdidas. A primeira, filha de fazendeiros; e a segunda, pianista, (narizinho de deusa).

Mas faltava-nos um capacete, o que obtivemos, na base do jeitinho brasileiro: emprestado, pronto, para zarpamos. Dentro da tarde ameaçadora de chuvas, pa-

---

ramos num boteco, saída para São Paulo, e compramos um garrafa de conhaque, e duas latinhas de cerveja.

Bati com o pé direito no pedal de partida da moto e gritei – “S’imbora, máquina!”, abrindo o peito na direção da liberdade.

– Anda logo, poeta, me dê aí outro tapa dessa cachacha, prá animar o cadáver. A velocidade somos nós no amanhã com os pés no hoje; eu ia falando, sobre o veículo de duas rodas, voando na estrada. Medo? Que medo? De distância a distância, o garupeiro Brasigóis – já autor do **Sermões do Ateu**, seu livro de estréia, na poesia – desenroscava a tampinha da garrafa do conhaque e, numa canequinha esmaltada, punha uma dose para ele, e outra para mim.

A motocicleta, com capacidade para até 140 quilômetros por hora, ia singrando os ares da paisagem rural, que margeava o asfalto, de ambos os lados, com suas alfombras de copioso verde.

Na mochila, – uma pequena sacola de plástico, com zíper – iam, misturados às roupas, uma lanterna e outros objetos, duas latinhas de cerveja, ainda intactas em seus lacres. Arsenal destinado à hora do reencontro com as nossas namoradas lá do interior goiano.

Rompendo as lonjuras que separavam Goiânia da bucólica Morrinhos, eis que, já no limiar da noite, adentrávamos, triunfalmente, a pacata província. A formosa Gilma, (A Gilminha que levou o Brasigóis a uma inesperada erupção de choro, numa deserta praça de Goiânia, acororado, às três horas da tarde, sobre o meio-

---

fi), tinha no rosto, o luzente clarão do júbilo, ao nos ver, de longe, montados naquela moto, batizada com o nome de *Godot*. Ambas, a Gilminha e a Cidália, nos esperavam frementes de alegria, à porta de um boteco, na praça da Rodoviária. As duas exibiam para os rútilos do céu os seus copos de cerveja.

Hospedados na espaçosa vivenda da artista plástica Ellen Carneiro do Valle, onde fomos recebidos com máxima dadivosidade, lhanuras e carinho; dali saímos, desejosos de aventuras, para o idílio cervejal e outros derramamentos quixotescos, dentro da noite morrinhense.

Ele era, naquela época, de compleição física alterada pela adiposidade da barriga, bojudo, do tórax para baixo, carregando sobre as pernas finas, aquele barrigão de bispo holandês. O seu rosto tinha os traços ecumênicos de um profeta, olhos miúdos e vasta cabeleira. Gozador irônico, mordaz e zombeteiro. De feições fácies para o sorriso, porém um molengão para o choro. Juízo? Nenhum. Pois éramos, ele e eu, arrastados pelos arroubos da juventude, com enchentes de sonhos na cabeça. Poetas ao fogo das emoções, e das loucuras do mundo. Mandávamos tudo à merda: compromissos amorosos, empregos, escolas, famílias, etc. E suas melenas, de um marrom escuro feito sola ressequida às canículas do sol, se esvoaçavam ao toque de qualquer bafejo da brisa. Um Sancho Pança do cerrado. E que, pois, me perdoem as minudências. Mas o dito e divo amigo, lá e já pelos priscos idos da década de 1970, sorvia, com invejável gosto e avidez, umas boas copadas

---

de pinga, daquelas que faziam o freguês arder nos bofes, e cuspir no chão. Aliás, eu o conheci, num daqueles se-bentos botecos, ali da rua 74, defronte ao antigo mercadinho do bairro Popular, bebendo cachaça, ele, o jornalista Anadir Galvão, e o professor Eurípedes Leôn-cio, que mais tarde acabou-se aderindo à lira de Orfeu.

– É para relimpar o mundo, dizia o bardo, depois que engolia, aos esgares, o acerbado líquido, causando-lhe queimações guela adentro. O Brasigóis, quando se irava, seus olhos se encolhiam, chamejantes. Enquanto, para-doxalmente, o semblante era facilmente relumbrado por boas gargalhadas de gozação. Era o tempo em que ele – um intelectual irreverente, maluco, subversivo e até ateu – andava linguarudo e atroz bufando na humani-dade. Vero é que, para disputar um lugar de destaque na imprensa, utilizava-se da sua garrucha, de disparos verbológicos ferinos; impondo medo e respeito à macacada das letras.

Era então o moço tímido, machucado, e cheio de aleijões na alma, filho de policial, vindo lá do subúrbio. Mas incendiado de amor pela poesia, a fada santa dos seus estertores espirituais.

A Gilminha, do tronco dos Carneiro lá de Morrinhos, o conheceu, comigo, nas minhas andanças. O Brasigóis e a Gilminha tiveram um começo de namoro, que não durou o riscar de um fósforo, por conta dos entreveros verbais, onde a desigualdade econômica entre eles era discutida, com fervor. Borboletices de namorados, que se brigam à toa, por motivos meramente fúteis. E só

---

porque ela lhe disse, em tom de folgança, que jamais namoraria um homem que não tivesse um automóvel do ano (de preferência, um carro esporte, tipo *Puma*), o Brasiga se enfezou, virou bicho, e não quis mais conversa com ninguém, ali, no bar Presidente, bebendo cerveja. Deu bobéia nele. Levantou-se, apressado, nervoso, e saiu correndo em direção à rodoviária, sem o menor gesto de consideração e donaire para com a polêmica *namoradinha*. Ninguém entendeu nada e todos caíram na risada.

Fiquei sozinho, ou melhor: eu e a minha *Yamaha*, em Morrinhos, para reconstruir o destronado amor do prófugo poeta, que fugiu, agastado, de tão ditosos momentos? Enfiei a cara na cerveja; passeamos, a Gilma, a Cidália e eu, no sábado e no domingo, até às águas quentes de Caldas Novas.

Na segunda-feira, bem cedo, funcionei a máquina, e me despedi da bondosa anfitriã – a Ellen – pondo-me a caminho de Goiânia, voando com a solidão dos ventos na cara, pela BR-153. Às dez horas daquela mesma manhã, eu já estava em Goiânia, e subindo a escada do jornal *Cinco de Março*, à procura do Brasigóis, na redação. Eis que me deparo com o próprio, ao pé da máquina, escrevendo uma extensa carta de exorcismo contra a pobre Gilminha. Foram mais de 50 laudas datilografadas, em espaço dois, excomungando aquele amor. E a perdida Helena de Tróia daqueles sonhos ficou de vez expungida do mapa dos seus sentimentos.

---

(Hoje, pela nova postura da linguagem literária adotada em seus escritos de jornais e livros, o Brasigóis deixa transparecer que enveredou-se pelas profecias da otimização. Apregoador das doutrinas da Auto-ajuda: místico, transcendental, esotérico?)



*COISAS* de bêbado. Nem Tirésias, o bom adivinho de Tebas – a tumbal cidade do antigo Egito – explica. Ao desembarcarmos, o Zezinho e eu, no aeroporto de João Pessoa, na Paraíba, depois de três noitadas de porres, uma solitária banda de música, da guarda municipal, executou algumas marchinhas, em nossas honras, dando-nos boas-vindas.

Ainda atordoado pela extravagância do pileque, dei um rolé na pista, olhei em derredor (a tarde inclinava-se deslizante para os leitos do seu lusco-fusco), e não vi, absolutamente ninguém, exceto o Zezinho Oriente, já comigo em terra firme, no solo paraibano.

Da grande Recife à João Pessoa, o percurso por avião, é muitíssimo rápido, em vôos, que não duram mais que 17 minutos. E por causa da bebedeira, não percebemos que o boing 737 da Vasp decolou de Recife, com dois únicos passageiros a bordo: o Zezinho e eu. Foi tão rápida a viagem, que não houve tempo sequer para desvirginar uma solene latinha de cerveja, muito menos para sentir que éramos, de fato, os únicos vivos daquele vôo.

---

– Caramba! Que solidão é esta? Para onde foram os passageiros deste avião? E esta bandinha daí, pra que isto? Estão tocando pra quem? Ô Zezinho, filho de Cristo, veja: o aeroporto está vazio. Só o lépido vento roça nossas faces, sujas de Goiás. Detonei estas palavras, perscrutando-me, aflito, a mim e ao Zezinho, acrescido de um novo desabafo: “Quero logo outra cerveja. Que de goela seca não dá! O cadáver não agüenta!”

O editor José Modesto Oriente, um homem de grandes bonomias, extremamente alegre, afável, agarrou-me pelo braço, pedindo calma, uma só nesguinha de calma, às minhas estabanadas gesticulações de bêbado. A cara cheia de cervejas, graças a Deus! O Zezinho, mais sóbrio, me mostrou, ali, uma faixa de pano afixada, numa das muretas do pátio interno do aeroporto, onde se podia ler, claramente, palavras de saudação a nós, os goianos.

O alvo da viagem a João Pessoa, no setembro daquele longínquo ano de 1978, era a homenagem que a Academia Paraibana de Poesia havia preparado para mim, com a entrega do título de “Embaixador da Poesia Brasileira”, outorga daquela entidade cultural, de autoria do também poeta e acadêmico Luiz Fernandes da Silva.

Quanto honor, ó minha santa Calíope! Eu, um pobre mortal, lá dos distantes gerais goianos, aqui, no berço natalício, de um dos maiores fenômenos da poesia brasileira de todos os tempos: Augusto dos Anjos. O corifeu do pessimismo, que cantava, com a morbidez da sua

---

verve, os descabros da matéria, os saprófitos comedores de carniças, a podridão, os morcegos, as trevas, a alma esconjurada, a dor – sua visão crispada de derrotismo; e a vida que lhe foi uma tristura só de fiascos e frustrações:

*Para iludir minha desgraça, estudo.  
Intimamente sei que não me iludo.*

la eu ressuscitando, no fervor das idéias, aquelas impressões do malditoso poeta, nascido, num engenho de açúcar da Paraíba do Norte, e repetindo a eloquência daqueles versos do soneto **Psicologia de um Vencido**:

*Eu, filho do carbono e do amoníaco,  
Monstro de escuridão e rutilância,  
Sofro, desde a epigênese da infânica,  
A influência má dos signos do zodíaco.*

Esfreguei a mão direita nos olhos para averiguar se, de fato, aquilo que se descortinava diante de nós era mesmo verdade. Então, sob o flúmen da emoção, não me contive, e fuzilei o vácuo daquela tarde com um adoidado começo de discurso:

– Oh! Falsos monumentos da virtude! Eis-me aqui para fulminá-los, com um só golpe de ataques verbais. Eu sou o pecado, o dente do cão. Sou quimérico. Sou ilusório... “E o mal que os homens fazem sobrevive a eles...”

---

– Não, não! Pelo amor de Deus, não faça isso! Agora, não! Não é hora para discursos! Estigmatizava-me o zeloso amigo. “Deixa o discurso para depois, à noite, lá na tribuna da Academia, que te espera, para a entrega dos louros à sua obra. Segura o demônio, seu porralouca!”. Era ele, o Zezinho, do alto da sua garbosa paciência, tolerante comigo.

A caminho, encontramos o nosso anfitrião, o poeta Luís Fernandes da Silva. Ao nos ver, que o flagramos de pé, num solitário ponto de ônibus, da periferia de João Pessoa, perdeu a voz. Ficou pálido e pávido, ao constatar, à findante luz do dia, que éramos nós mesmos, os convidados de Goiás.

– Ô bardo, eu vos saúdo com todos os lumes de alegrias da minha santa e revolucionária Musa! Aquela que há milhares de anos presidiu os fados de Apolo, o magnânimo deus das ciências, das artes e da poesia.

– Não, nada disso. Pergunte logo a ele, onde estão as mulheres e a pinga desta terra? – atravessou o Zezinho.

Ainda se refazendo do cagaço, diante da ruidosa chegada dos goianos, o prestante poeta da Paraíba, descontrolou-se, misógino:

– Ah! Mulher e pinga dão muita mão-de-obra!

– Como? Você está brincando, curtindo com a nossa cara. Em Goiás, – prosseguiu o Zezinho – nós gostamos tanto de mulher e de pinga que, ao irmos para cama, levamos juntos a mulher e a pinga, para não perdermos um só minuto de prazer com essas delícias da vida. A saia e o álcool são os cânones da nossa devoção. E tem

---

mais: levamos também até um despertador para não atrasarmos nos compromissos com a bebida. Bicho, a bebida, em Goiás, é sinônimo de coisa santa, sagradíssimo ritual da nossa fé.

Entrementes, o hospedeiro não soube dizer aonde iríamos nos acomodar, durante nossa estalagem, na capital da Paraíba. Precavidos, tomamos os destinos da rédea, e pedimos ao motorista do táxi que nos conduzisse para qualquer hotel, no centro da cidade.

– Não, não há nenhuma reserva em nome dos senhores. E, além do mais: os quartos já estão todas ocupados, pois estamos às vésperas de um desses feriados prolongados, que começa na segunda-feira.

– Mas, meu anjo, olha aí, de novo. Será que não está havendo algum engano. Nós somos hóspedes oficiais do governo do Estado da Paraíba. Por favor, você pode ligar na Secretaria do Turismo, da Cultura, sei lá onde, e apurar isso? Solicitei à atendente do hotel, ali detrás do balcão da recepção, com aquele ar de vela derretida no rosto.

– É... de fato. Não há nenhuma reserva, mesmo. Os senhores terão que se ajeitar como hóspedes comuns. Caso contrário... Assunto encerrado. E, além do mais, para hospedá-los aqui conosco, só mesmo se for lá em cima, nas acomodações do mirante, onde dispõe, inclusive, de um banheiro, que não é lá grande coisa. Aceitam? Preencham então essas fichas aqui.

– Faça isso por nós, Zezinho. Enquanto eu vou ali fora descobrir um boteco e duas *skolzinhas*, certo?

---

– Não, nada disso, seu porra! Fica quieto aí. Vamos nos acomodar primeiro, tomar um belo banho, para depois recomeçarmos a dança dos copos...

– Venham, senhores, subam! É por esta escada aqui. A estalajadeira nos guiou até aos fundo do hotel, onde havia uma escadinha, em espiral, semelhante aquelas de submarino.

– Como? Nós termos que subir estes tortuosos degraus, todos? Com estas malas aqui e tudo? E ainda por cima, bêbados e exaustos dessas nossas extravagantes bebedeiras, de mais de três dias e três noites, sucessivamente?

– É o jeito. Subamos. E agüenta firme aí, seu bosta, sobre a frouxidão destes teus joelhos bombardeados de pinga. Aliás, o que o senhor faz na vida mesmo, hein, *hominho*? Quem foi que te inventou, o tonel, o álcool ou o *Alcorão* de Maomé, o revoltoso agitador das tribos contra tribos? – Disparava eu algumas gozações em cima do pobre e comprazente Zezinho, a fim de amainar a patética situação. Um olhou, aturdido, para os olhos do outro, gaguejou e sentenciou:

– Porra, como vamos dar conta de subir essa escada, no cú da madrugada, totalmente embriagados, bêbados?

– É. Coisa de louco, respondi.

Adentrados, finalmente, o mirante: um local todo esquisito, atípico, desconfortado, construído em cúbicas paredes, dispendo apenas de uma exígua portinhola, no alto da torre; ali nos hospedamos.

---

– É. Vou lavar o cadáver, tomar um banho. Senão... nem Cristo agüenta uma porralouquice dessas. E abri o zíper da mala, procurando um sabonete, a toalha.

– Ih! Zezinho, tá tudo louco! Veja só que merda virou isto aqui! E mostrei o mistifório da minha mala: gravata, cueca e paletó, misturados com latas de cerveja.

Alfim, despi-me e, naquela adâmica nueza, corri para o banheiro. Tentei afrouxar a torneira, que tinha uma das asas quebrada. Fui girando-a, distorcendo-a, com graduantes movimentos de uma, duas, três, quatro e até cinco voltas, e nada de água aparecer no chuveiro, afixado num cano, todo carcomido de ferrugens, lá no alto do velho teto, de pinho podre.

– Droga! Cadê a água? Não há água nessa porra? – Bra-dei, enfezado. “Agora, eu vi bosta! Como é que eu vou trocar de roupa, sujo, fedendo cerveja, deste jeito?”

Enquanto isso, no espremido cômodo do aludido terraço, o galhardo amigo degustava uma olímpica dose de uísque. Mistério, que nem Zeus, o todo poderoso ajuntador de nuvens, saberia explicar de onde saiu aquela bebida.

À noite, a lua tímida.

– E agora? Agora é tarde, não há como contrapor-se. A solução, para enganar o freguês, é pedir, lá em baixo, alguns baldes de água. Agora, sair daqui, descer essa escada, e depois voltar pelos mesmos degraus, rodeando os círculos dessa espiral, com baldes d’água na cabeça, não dá! O jeito é gritar: “Ô camareira, cadê a água? Não há água nesta casa?” Minutos depois, um venturo-

---

so servidor da rústica hospedaria, apareceu, defronte à nossa porta, com um vasilhame de água morna, se desculpendo do desconforto.



*OS CORRIMÃOS* da lustrosa escadaria, de luzente verniz, que dava acesso ao auditório, no piso superior do prédio, onde funcionava a sede da sociedade poética paraibana, estavam alfaiados com ramos de coqueiros, folhas de gigantes arbustos do ribamar, além de fitões, em verde e amarelo, e outros adereços. Uma festa da cúpula literária, portanto, para cujo ambiente, chegavam pessoas de diferentes níveis intelectuais, além de populares, autoridades políticas, empresários, curiosos e convidados.

À porta, no adro de entrada do sodalício, pequeno conglomerado de pessoas ia se espalhando por todo o saguão, aqui e ali, frenéticos, nos trejeitos e nas vozes. Uns empurrando os outros, enquanto, lá fora, sob a marquise, a banda de música da prefeitura executava, com impecável postura, suas retretas populares; onde, cada integrante se ufanava, todo eufórico, do seu uniforme de gala.

Aí, nesse prelúdio de evento em homenagem à poesia, chegamos, eu e o Zezinho – meu editor – metidos em nossas vestes de ver Deus.

– Eh!... Murmurou, baixinho, o editor amigo, provido de inquieta expectativa, me beliscando o torso, com

---

estas palavras, dizendo: “É, está chegando a hora, finalmente. A triste hora do aranzel. Tenha dó de nós, hominho! Vê se não imita Fidel Castro, com aqueles seus fastidiosos discursos enaltecendo a ética, a coragem e o escambau da Revolução Marxista, por mais de cinco, ou seis horas. Ademais, o tempo se expunge, já o diz você mesmo”.

– Tá certo, hominho, tudo certo! Prometo-lhe que serei absolutamente sucinto, muito mais rápido que Hermes, o mensageiro de Zeus, sabia? Sem grandes delongas, certo? Eu vou falar somente umas duas horas e meia, tá bom? Não, hominho, é brincadeira, já disse. O meu discurso será tão breve quanto o abrir e o fechar de um olho, entendeu?

A concorrida noite daquele sábado prosseguia, também, aos estalos do foguetório, lá fora, na rua. Apresamos então os nossos passos pelos degraus da escadaria de acesso ao auditório, abrindo caminho na multidão, com gentilezas e pequenos empurrões.

À mesa condutora do cerimonial da noite, e para a qual se dirigiam, um a um, os homens de destaque da intelectualidade paraibana – logo fui chamado, sob resonante explosão de palmas. O calor era intenso, e crescia entre os presentes que superlotavam a casa.

De onde eu detonava o verbo, movido pelas torrentes da emoção – um púlpito de madeira – podia se ver, ali, rente à mesa das autoridades, o flagrante suor escorrendo das rubras faces do meu acompanhante, o Zezinho. Ele parecia ranger-se por dentro, não super-

---

tando o calorento desconforto, a raiva e a ressaca. E que, dali, com sinais de reprovação, me increpava, balbuciando os lábios como a dizer: “Ufa! Quebra meu gaínho! Termina logo com essa verborragia, que um santo copo de uísque me espera!”

Soltei a alma, dei vazão à palavra e prossegui com a minha espadana verbal.

“ Paraibanos, concidadãos e amigos! Em verdade, eu vos digo. A jubilação desta honra incendeia-me o sangue, espargindo alegria pelos lumes da minha alma. Por isso, eu vos fico devedor. Quando – e comigo – este título vai, perpetuado, transpondo derrotas e vitórias, no porvir. Esta consagração é por demais pesada, que se colocam sobre os ombros imaturos do meu viver. Muito tenho a aprender. Muito tenho a lutar pelo amadurecimento intelectual da minha obra.

Portanto, bondosos amigos, o honroso título de ‘Embaixador da Poesia Brasileira’, que me concedem, eu o recebo com a mesma humildade de quem conserta um sapato ou um relógio. Pois quem faz poesia é também um artesão; ofício solitário de quem lapida o cascalho à procura do diamante.

Não são os deuses que falam por nossas línguas. Mas, sim: a labareda imortal dos sonhos. E a poesia carrega, na quilha estrutural dos seus temas, a história da emoção, que fervilha no sangue de toda a humanidade.

Com estas palavras, me despeço. Fui gerado pelos ermos goianos, e venho, descendente, das carabinas do Anhangüera, o Diabo do Fogo. E por isso, canto a glória

---

de vir buscar, nesta Academia, a emoção que me põe no pináculo das letras. Obrigado.”

E eis que estourou grande atrôo de palmas, palmas, atroada de palmas, do público que se levantou das poltronas, para entoar aquela chuva de reverências.

Era setembro, e o calor castigava, intenso. E o empresário da editoração dos livros goianos, escafedeu-se, não vi mais.

O que conto, não invento. Apenas, capturo, recapturo, dos obscuros tempos, imagens das quais fomos protagonistas. E que por pouco, se apagariam na escuridade do oblívio.

Novo atroar de aplausos. O assoalho estremeceu.

– Obrigado! Obrigado! Não sou tão orador assim, eloqüente como se diz, na arte do falar. É ... mas pelo pouco que falei deu para porejar a testa e empapar a camisa.

Angustiado, o dito editor arribou-se tão às pressas dali, que mal teve tempo para ouvir as palavras do anfitrião da noite, convocando os homenageados e o público para um coquetel, no salão nobre da Academia. Quando então apareceram os primeiros garçons com suas bandejas, carregadas de copos de champanhe doce.

– Urra! Que diabo é isto? Não tem cerveja, não? Excomunguei. Mórbido de sede.

– A casa não dispõe de dinheiro para ostentar luxos com bebidas.

– Você está brincando comigo! Acha que eu vim, lá dos redís do boi para beber Cidra nesta festa? Gozação

---

tem limites. Anda, onde está a cerveja? Vê se me arranja, logo, urgentíssimo, umas duas ou três, seja lá quantas forem... Que o velho fígado daqui já está explodindo de securas... E depois, num calorão desses, se a gente engolir champanhe, vomita até a alma pelos gorgomilos. Êpa! E o Zezinho, onde se meteu aquele infeliz?

O jeito agora – pensei – é sairmos de mansinho, tapeando a velharada, sem que ninguém perceba a fuga súbita, nossa, rumo aos botecos do litoral, a pé, de carro, ou até mesmo de coletivo. Quem nos leva?

Deu sorte. As musas de Horácio, o pai das Odes, estavam conosco, ou melhor, comigo. Um venturoso cidadão, aficcionado às lides literárias, e que andava a catar eventos como aqueles, se apresentou oferecendo-me carona até a praia de Tambaú, distando alguns quilômetros dali do Centro. E fomos, discretamente, nos ausentando do apinhado salão de festas, à procura do ausentado Zé Bananas, o editor. Té que, de bar em bar, deflagrou-se a sôfrega busca, dentro da ventosa noite, que escurecia literalmente o sonoro mar. Àquelas horas, tardas de tardarem ponteiros à meia-noite, os braços do oceano andavam encapelados e, por isso, podia se ouvir, até mesmo a bordo dos automóveis, suas ruidosas rebentações em cima das praias. Ventos tristes assoviavam, gementes, como se a procela das águas uivasse em cima dos nossos pobres destinos. Metiam medo e frescor de brisas em nossas faces.

– Poeta, aquele ali não será o seu amigo lá de Goiás, o Zezinho?

---

– Aonde?

– Ali, olha. É ele mesmo, não é?

– Sim. Sim. É ele. Filho da puta... Todo metido à besta na sua exibidagem de machão entre a mulherada da gota, aqui da Paraíba. Espera só! Vou dar um esporro nele, pra ele nunca mais correr da barca.

E seguimos até a mesa, onde, postado ao redor de uma robusta garrafa de uísque, prato recheado de petiscos – frutos do mar – e, sobretudo, na companhia de algumas garbosas fêmeas da terra, se via, em carne e osso, o jubiloso Zezinho. A noite era dele, se era!

– Ô pé de buceta, ocê não tem vergonha na cara não? Porra, me abandonou no meio daquela vestusta juventude, e, numa boa, debaixo do quieto, se mandou pra praia, né, putinho!? Hominho de merda...

– Ô hominho, fala baixa, vê se pondere esse palavreado de Zé povinho da maloca. Cacete, não vê quanta elegância feminina embelezando a nossa mesa. Anda, assente-se aí, peça uma cadeira, ou melhor, antes: uma cerveja, e me conta como foi o final. Puta que pariu, você me arranja cada uma, hein? Me meter numa fria daquelas, ouvir discursos gongóricos e depois beber champãhe doce? Não, hominho, quebra meu gaínho. E tem mais: para mim, a noite em João Pessoa, começa agora, na empreitada desses copos. E vê se não reclama de cansaço e de outras porras. Beba a sua cerveja e não me encha o saco!

– Zezinho! Zezinho!, puxei-lhe a manga da camisa. – Escuta aqui, seu porra! Já imaginou como é que vamos

---

subir aquela escada de submarino, lá daquele hotel do caralho, quando lá chegarmos estupidamente bêbados? Vai ser um desastre; como é que vamos subir aquela escada espiralada, tontos como duas éguas?

– Preocupa não. Deus toma conta, é amigo dos bêbados, sempre foi o nosso bom protetor. E, por certo, não será desta vez, que quebraremos nossos ossos, com a queda do primeiro tombo. E seja lá como for: nós bêbados escalando uma escada? É pra rir ou pra chorar?

A bebedeira foi engrossando. Mudamos de bar, no mínimo, umas sete vezes. E havia, na farândola daquela farra, uma poetisa que adorava explorar temas eróticos, em sua obra. Era fumante, beberrona e magricela; mas, sobretudo, gente fina, bem-humorada e receptiva. Grande anfitriã, e que nos convidou a amanhecer festando sob os tetos de sua vivenda, no bairro nobre de Tambaú. Não dissemos sim. Não dissemos não. Fomos. A prosa foi lacônica, durou pouco. Queríamos cama, repouso para os nossos corpos, bombardeados.

A poetisa, das nuvens do seu temário, se pôs a ler alguns versos, enquanto nos oferecia, em taças de cristal, licor de jenipapo.

O erotismo, misturado à ebriedade de Baco, era chulo, às vezes. De sensualismo, sim; mas do etéreo, não. Seus versos oscilavam entre o frouxo e o ígneo. Com um copo de cerveja na mão, interrompi-lhe o discurso, trazendo à baila, estes versos de improviso:

---

*Ursa tarada, me beija.  
O elástico de tua calcinha  
enforca a ereção do meu pau:  
(flauta que geme, opressa,  
entre os lábios de fogo  
da tua vagina. Jardim que se irriga  
licoroso de sêmen). Vem. Eu te  
quero, assim toda putona, descabelada,  
no pico de vulcão da minha pica,  
que te lambuza de amor.  
Ah! Greta de gozos! Fode o  
meu pinto em tua santa vulva!*

– Assim não dá, né seu poeta lá dos goiases! Com esta retórica de sacanagem, você me liquida. Aliás, vamos esquecer esse assunto. Depois você lê meu livro. Toma. É seu. Leve-o para Goiás. E vamos ao que nos queima de alegria nesta noite: bebida. Não a dos deuses, claro! Mas de nós mesmos, terráqueos desta luz.

A noite se desmachava negrumosa sobre o espumoso mar. Ia ficando tarde. E dali, da residência da poeta, zarpamos para outras digressões pela extensa orla do Tambaú, à procura de botecos. Exaustos, pedimos trégua.

– Não, poeta, não agüentamos mais. Leva-nos de volta ao hotel. Queremos cama, sono, nada mais. Amanhã, sim: tudo há de recomeçar, a todo vapor, certo? Por hoje, chega! Nossos ossos cansados querem sossego. Estes ossos que tanto labutaram! Isto é Shakespeare, sabia? Então, faz a conversão, volte e nos deixe no hotel.

---

Famintos, e bêbados, aportamo-nos à porta do hotel, no centro de João Pessoa. Amanhecia.

Fome. Fome. Oh! Negra fome! Que arruinava os nossos estômagos! Fome infame que molestava os nossos ventres. Não deu outra: invadimos a cozinha e, rompendo as saias da velha cozinheira, avançamos na primeira panela (um panelaço de estanho derretido). Suspendemos a tampa, à procura de comida, fosse o que fosse: comida, comida. Nossa fome era de hiena, nefanda. E lá de dentro, da panela, eis que, a nossos olhos, descortinou-se um suculento sopão de peixes. Uma espécie de pirão à moda nordestina, da casa. Daí para frente, ninguém se lembrou de mais nada. Apagamos. Depois queríamos saber como foi que subimos a espiralante escada, equilibrando, na palma das mãos, aquela imensa travessa de louça, com colheradas de peixes, servidas pela copeira.

Ao despertarmos do tenebroso porre, olhamos, atônitos e perplexos, para o chão, e vimos pedaços de ossos de peixes espalhados por todo o espaço daquele estreito aposento.

– Mas, o que é isto, hominho? Quem foi que esteve aqui esta noite e fez todo este banquete de oligofrêntos? Puxa, que loucura! E aquele litro de uísque ali, compadre? Tá todo mundo louco! Porra, como dói as minhas costelas! Vou até o banheiro jogar uma água no cadáver, senão... Hoje é domingo... E fui, já de pé, despindo-me da cueca, para o banho. E, novamente, no úmido banheiro, deparei-me com latas vazias de cerve-

---

jas, abandonadas à friagem do rude cimento, entre restos de papel higiênico.

– Agora, me diz uma coisa. Retomei a palavra, com gosto de mercúrio podre na goela. – Estou abismado, hominho! No fogo em que estávamos ontem à noite, como foi que demos conta de chegar até aqui, com essa tralha toda? Coisa de louco. E não há, no mundo, junta psiquiátrica que explique essa loucura de dois bêbados, lambendo ossos de peixes, na madrugada. Meu Jesus das Quantas, o hominho amanheceu podre, peidando, desgraçadamente fedido. Que diabo é isto, hominho? Está podre? Engoliu solução de bateria? Socorro! Daqui a pouco, os sanitaristas do governo virão nos perguntar se foi aqui mesmo, onde arrebentou um cano de esgoto. Puta merda, com outro deste, eu vou pro cemitério, covardemente assassinado a peidos.

O fedor foi tão cruel que azulou o ambiente.



*TRÊS* básicos motivos me levaram a romper definitivamente com as extravagâncias do álcool. O primeiro deles: um só copo de cerveja era o suficiente para eliminar a minha fome, durante três ou mais dias. Isto é: não tinha apetite sequer para ingerir um só grão de arroz. A cerveja era o alimento.

Segundo: além dos estragos orgânicos, sanguíneos e intestinais, a bebida me causava, também, outro terrível dano: a insônia. Se por um lado, eu bebia três dias,

---

ininterruptamente, três noites, eu sofria de insuportáveis crises de insônia, acrescidas de suadeiras aflitivas, sudoreses. A carne pulava. E, por último, o pior deles: o estrago ético-moral, após o porre, eu me atarraxava numa depressão horrível, do cão. E tinha vergonha até da própria roupa. E acrescento: antes, eu bebia por gosto e lazer. Encontrava grandes sonhos de liberdade na bebida. Sonhava esdruxulamente muito. Depois, o vício começou a obscurecer os raios da minha alma. E eis que, daí, nuvens de tristezas apoderavam-se de mim, deixando-me um verdadeiro trapo, indigno da luz.



*COISAS* da vida que acabam inspirando textos literários. Arraigadas que ficam nas funduras da memória. O tempo é forte, erosivo, e se esvai feito fumaça nas brancuras do azul; que é a cor do empírio pintado por Deus.

Éramos quixotes e não sabíamos. Éramos uns dipsomaníacos e não sabíamos. As cortinas da vida, que se abriam incontrolavelmente, cheias de luzes. Tama- nha era a valsa das nossas emoções.

Hoje, não: o mundo é asgo – um criatório de morcegos, chupadores de sangues humanos. E eu te odeio, ó modernidade! Garrafão de moscas. Fábrica de carniças. E cético, apoplético, não acredito em mais nada. Viva o niilismo! Tudo é tredo, vazão de mentiras.

Os homens estão aí, estupidamente aí, para nada. Fabricando seus Adões de laboratórios... para nada.

---

Às cinco em ponto da tarde, assassinaram Frederico Garcia Lorca. Às cinco em ponto da tarde. Numa pluviosa sexta-feira, quando, publicamente, comecei a quebrar copos, aos olhos dos sádicos curiosos. O mundo é sádico. E eu tive náuseas de mim, porque eu era um trouxa, um azêmola, atolado na lama do meu vício.

E, a mim, me impus a sentença: não bebo mais! E me retirei do ambiente, esfeito em lágrimas. Só que, no dia seguinte, eu recomeçava tudo de novo, sem um pingão de vergonha na cara.



*NOMES*, mundialmente conhecidos, da música, do cinema, das artes, da política, do esporte, do teatro e da literatura, deixaram de viver por causa da bebida. Foram alcoólatras compulsivos.

Muito antes dos evangelistas redigirem as sagradas páginas do *Antigo Testamento* (o Livro de Moisés), já se tinha notícias sobre os estragos morais e físicos de tão condenável prática. Arquimedes, por exemplo, o cientista da corte de Siracusa (duzentos e oitenta e sete anos antes de Cristo), que viveu no apogeu das ciências matemáticas e geométricas, na Grécia – ele, o “neto espiritual” de Euclides, o “Pai da Geometria”, morreu, não embebedado, mas, covardemente, a golpes de espada, desferidos por um soldado romano, estupidamente embriagado. Sim: matou-o porque estava bêbado.

---

– Antes de me matares, meu amigo, disse Arquimedes, peço-te que me deixes terminar o meu círculo.

Mas o soldado não lhe deu atenção, atravessando-o com o chanfalho.

– “Ah! Bem!”, murmurou o velho cientista, enquanto se agonizava estendido sobre o chão, “eles me tiraram o corpo, mas eu levo comigo a minha mente”.

Ora, quem não se lembra do escândalo de Noé, o timoneiro da Arca do Dilúvio, que “bebeu vinho e se embriagou, ficando despido dentro da tenda?” A nudez do bíblico ancião foi depressa escondida pelos filhos, que cobriram-lhe com um manto, tentando camuflar a embriaguez do pai. Noé, que após o dilúvio viveu 350 anos, morreu na idade de 950 anos, conforme atesta a Gênesis 9-10, do Antigo Testamento.



– *IH!* Éivem o Gabé, com sua pingaiada! – Exclamou o Fofó, do outro lado da rua, instalado em sua cadeira cativa, cervejando solenemente sob a fresca sombra da troncada árvore. Àquela hora da tarde, a vozearia do ambiente crescia ruidosamente, entre cigarros, gritos e cervejas.

– Uma mulher, quando é muito bonita, Fofó, e se aproxima, é sinal que a lua vai explodir. Por isso, eu lhe peço: faça silêncio. Que Deus não vai fazer outra.

– Outra, o quê, Gabé? A mulher ou a lua?

---

– Isso é para você, Fofó, adocicar as agruras do espírito. Pega, a frase é sua. E o homem de cabelos gizados, de repente, ergueu a cabeça e pediu mais uma cerveja.

– Depois a gente fala sobre isso, Gabé. Agora não, ainda estou sóbrio...

– E de você, minha flor, eu tenho medo. Brinquei com uma adolescente, de suculenta beleza nos seios.

– Todo anjo é terrível, sabia? Mas, por obséquio, escuta-me: a vida é nossa. É para ser usada. Por exemplo, me dê a sua mão, e eu lhe explicarei o que é um arrebol. A hora do arrebol, seja ele na aurora ou no crepúsculo, é quando o céu se lambuza de púrpura. E isto, meu amor, a olho nu, é a explosão do vermelho, como se Deus houvesse derramado sua gigantesca chávena de sangue por toda a imensidão da abóbada celeste. Concorda? Ou prefere me perguntar se isto é um fenômeno estratosférico, ou metáforas de pura poesia? Pelo sim, pelo não, o espetáculo deveria ser aplaudido, não acha? E tem mais: de há muito, sou comprometido, nesta vida. E tenho três mulheres: a poesia, a liberdade e a cerveja.



*POR VOLTA* das nove horas e quarenta minutos da manhã, comecei a beber cerveja, num bar de Aragoiânia. Era Sábado. E alguns curiosos, ao redor da mesa, ouviram-me a ler poemas de minha autoria; no geral, inéditos. Meu estado de lucidez durou pouco naquela manhã. Ao meio-dia, fui totalmente obliterado por uma

---

estúpida escuridão: apaguei-me, não vi mais nada. E quando tomei conta de que eu era um ser humano, neste planeta, eram mais de duas horas da madrugada, do dia seguinte, que susto! Quem havia me conduzido até o meu quarto, na chácara? A que horas? Como? Quem? E fui, aos poucos, tentando readquirir o equilíbrio da consciência, suando frio, o coração disparado. Saltei-me da cama, estupefacto, abri a porta e corri até a garagem para ver se o meu automóvel estava lá, com estragos de alguma trombada. Não. Não. Deus sempre foi complacente comigo, o carro estava, felizmente, inteiro, sem o menor arranhão em sua lataria. Mas como, meu Deus? Por onde eu andei, fazendo o que, com quem, durante aquele terrível blecaute da minha consciência, alcoolizado, fora de mim?

Expirados mais de dez anos, após aquele nefasto incidente na minha vida de bebedor, nunca saberei elucidar, à luz da consciência, como foi aquele episódio, que me meteu medo e pavor, por todo o resto da minha vida.

Tomei tanto medo de bebida alcoólica, que, ao visitar um bar, fico de olho aberto, atento, ao que está acontecendo ao meu redor; temendo que alguém, por brincadeira ou por gozação, me pegue de surpresa, oferecendo-me algo de etílico, no lugar de um suco ou de um refrigerante. Agora, vigilante, estou a ver a teimosia desarrazoada de alguns dependentes que, dominados pela química do álcool, se vão, às pressas, para a necrologia do fim, substituindo o milagre de suas vidas pela idiotice de um porre.

---

O homem tem livre arbítrio, faça dele o que bem quiser.

Bebam, pois, outra dose, que o dia está fugindo.



*POR QUE* não me perguntam se tenho ou não saudades dos dias em que eu bebia chope no centrão da grande São Paulo, no Largo do Arouche? É natural que sim, pois não sou de pau nem de pedra, sou homem. E como tal também possuo as minhas fraquezas.

Eram os dias de glória dos meus vinte anos. Poesia, cerveja e mulher eram o cardápio do deleite, ou melhor: de todo o dia, como se eu fosse imortalizado no ouro daquela idade frugal da vida. A doce primavera a encher de juventude o meu sangue. E as deusas me beijando, nubentes, entre o gozo e o copo.

Uma tarde, eu ainda não estava bêbado, ou se estava, não me lembro, deparei-me com a estátua do poeta Álvares de Azevedo, ali defronte à sede da Academia Paulista de Letras, no Largo do Arouche. Ao vê-la, um soluço de lágrimas explodiu-me no rosto. Chorei como um réprobo, sem saber porque. Até que vi um cocô de pombo enfeitando o seu semblante de príncipe dos poetas, naquela imensa e fria tarde paulistana. Voltei-me para o bar Caneca D'ouro, pedi outro chope, e fui até às 10 horas da noite, papeando e bebendo, na companhia de algumas dodivanas da Paulicéia.

---

Era de costume eu terminar meus porres num bar da rua Victória, onde pedia ao garçom um escaldado de frango, com uma gema de ovo e pimenta. Prato vitamínico que comia até suar, ficar são novamente.



*AH!* Hipocrisias da sociedade! Nos tempos das cervejadas de fins de semanas, lá na chácara Chão de Espera, em Aragoiânia, a presença dos comensais era fatalmente inadiável. Comiam, bebiam, davam risadas. Tudo em nome da retumbância hospitaleira.

Agora, ô falsos elogios! A galera mudou-se de endereço, sumiu. Ninguém, ali, jamais voltou, para sequer um reencontro com as balouçantes moitas de bambus.

Aquela casa de campo do Recreio das Vertentes – adquirida com dinheiro de poesia e com a ajuda da Nininha, a minha mulher – foi palco de ruidosos encontros cervejais, durante vários anos. Parei de beber, e tudo mudou. A peregrinação dos bebedores, aos fins de semana, acabou: a mordomia foi encerrada. E não mais explorei a minha mulher como garçomete daquelas bebedeiras, que iam, na maioria das vezes, das tardes das sexta-feiras até aos domingos, à noite. Numa esticada só.

Conclusão. Foi só correr a notícia de que eu havia parado de beber, e ninguém mais apareceu na chácara Chão de Espera. A fonte secou. E o ouro que plantei virou alumínio. E ainda por cima quando alguém

---

daquela cáfila me encontra por aí, pelas ruas, me fuzila com ironias:

– Você agora é um camisolão, fora de moda! Perdeu o ritmo das grandes badalações. Virou babaca, vovô?

Visão deles (os mais radicais), de que eu me transformei num homem totalmente superado, sem o menor tesão para viver. Faltando-me apenas meter uma bíblia debaixo do braço e sair por aí vomitando sermões, de falso moralismo, contra a imensa galera de bebedores?

Apressai, amigos, à arte dos copos, o dia está morrendo.



*SE PUDESSE*, eu não enviaria flores a ninguém. Ao contrário, esvaziaria todas as nascentes do meu pranto, em sinal de remorso ao que deixei de fazer.



*O QUE ERAM* meros encontros de brindes à vida, foram pejorativamente adquirindo formas de decadência. Em tertúlias de cachaça, alguns se embriagam mais facilmente, e partem para todo e qualquer tipo de agressão. Estragam a festa.

Ficou acertado, durante uma dessas farras, que eu ganharia um quadro (óleo sobre tela) de um certo artista plástico, em troca de uma reportagem no jornal. O venturoso amigo insistiu que eu levasse a obra, naque-

---

la hora, mesmo. E que, na semana seguinte, me procuraria para fazermos a matéria. Buscou o quadro e colocou-o no banco traseiro do meu automóvel. E voltamos a beber cerveja. No final do porre, tarde da noite, pedi licença para me retirar do ambiente, ir embora, dormir.

No dia seguinte, num sábado, à tarde, estava eu a beber cerveja (o tradicional rebate, para clarear os olhos e reequilibrar os nervos), – quando o intempestivo cidadão apareceu, furioso e me chamando de ladrão. Na tumultuada concepção dele, eu tinha me apropriado ilícitamente do seu trabalho artístico, roubando-o, ao ensejo da bebedeira. Tentei convencê-lo de que aquilo não era verdade: ninguém tinha roubado obra de arte de ninguém. E o quadro estava comigo porque ele mesmo insistiu que o levasse, como presente, em troca da reportagem. Inútil.

O brigalhão, ajudado por dois brutos peões de roça, me agarrou, aos bofetões, e me atirou, com violência, dentro do porta-mala do seu carro, com meus braços e mãos amarrados pelas costas. Uma covardia sem tamanho. E somente com a piedosa ajuda de alguns curiosos, consegui, milagrosamente, escapar-me de tão estúpida ameaça. Depois, na entrada da minha casa, o infeliz reapareceu, caindo de bêbado, gritando pelo quadro.

Com jeito diplomático, e evitando uma possível confrontação armada, busquei o quadro e o devolvi a ele, naquele clima de entrevero. Por nada, minha mulher, a Branca, deceparia com facão o seu braço. O que o fez correr do flagrante, em pleno cerrado.



*ISSO FOI* nos primórdios da epopéia idílica (até então nem tanto etílica). Eu e outro bardo da província – o Brasigóis Felício – após havermos ingeridos algumas dezenas de latinhas de *Skol*, decidimos fazer uma serenata à mulher dos meus sonhos, na época. Regina Vicente Ferreira, filha do falecido senador Vicente Ferreira, o Boa Sorte.

Lá fomos nós à mansão do respeitável arenista biônico, no setor Oeste. Sem percebermos que o horário não era lá tão propício àquele tipo de homenagem.

Os ponteiros iam se posicionando na casa das três horas da tarde, quando, de moto, eu e o poeta, adentramos o alpendre da casa do senador, na maior zoeira do mundo: cantando, em voz alta, declamando e bebendo. Só que algo estava errado naquilo tudo. O silêncio se fez insípido, a ponto de percebermos que a mansão estava deserta, sem nenhuma viva alma em casa. Engano nosso. Olhamos pelo buraco da fechadura e eis a surpresa:

– Olha aqui, poeta, olha! Que diabo é aquilo, lá dentro da sala, um lobisomem? Ou somos nós que já estamos bêbados?

A casa do parlamentar nomeado pelo pacote de abril estava em reforma, e lá dentro apenas um pedreiro iniciava a obra, com uma marreta na mão. Imaginamos que aquilo era um fantasma a nos amedrontar naquela hora de louvores à musa. Meu Deus, como fui apaixonado

---

por aquela Julietazinha calada no fundo da primavera. Ao vê-la, ficava com o coração na mão, tremendo até à alma.



*SEXTA-FEIRA* era o dia mais festivo da semana, recheado de loucas expectativas, por causa das loiríssimas e cobiçadas cervejas. Eu amanhecia com o espírito agitado, dentro do sangue, com aquela doida vontade de beber, derrubar o primeiro copo.

Já tarde da noite, e devidamente encharcado, uma outra personalidade começava a falar pela minha boca coisas absurdamente desconexas.

– Pois é, amorzinho, o meu pai é engenheiro civil, e mora na África, onde administra a construção de estradas de ferro. E vive de lá, do outro lado do oceano, ameaçando cortar a minha mesada: “Ou você arranja, até o final deste ano, uma mulher, ou eu corto a sua mesada”. Dizia-me ele, cada vez mais exigente. É por isto que eu preciso de você, eleita a minha namorada. Aceita? Caso contrário, terei que enforcar a lua.

Indefesas, as mocinhas acabavam por acreditar no disparate daquelas loucuras de bêbado. Às vezes, dependendo do grau da embriaguez, eu lhes dizia, com brava convicção, que era piloto de uma importante companhia aérea do país, e que volta e meia, estava de vôo marcado para os céus de outros continentes.

---

– Mas você é muito novinho para tanta responsabilidade assim...

– Está no sangue, meu amor, está no sangue!

No dia seguinte, ao reencontrar alguma daquelas ninfetas dos bares da noite, eu me ruborizava de vergonha, num desconcerto de fazer dó. O jeito era partir para um novo porre, e tudo retornaria aos vãos da fantasia.

Enquanto isso, lá dentro dos fígados, a cirrose ia cavando a sepultura para enterrar novos amigos.



*EU ACREDITO* nas coisas só pela metade. Porque o resto é absurdo, não se conjuga com a realidade.

As narrativas deste testemunho, que exumam vozes e perfis dos meus antigos fantasmas, trazem à tona os momentos da eldorada alegria vividos, um a um, no entornar dos copos. Ali eu sepultava os meus tédios e as minhas solidões. Porque no fundo de tudo aquilo, ninguém se comunicava com ninguém. Éramos sozinhos, em nós.

A desgraça são os estragos que a bebida faz, desmoronando convívios conjugais, sonhos, projetos alvissareiros, amores, empregos, dignidades e, sobretudo, o maior de todos os milagres: a vida.

Revisitando, de mergulho, os vazios que eu molhava com cervejas, minha alma explodia na erupção de um milhão de lágrimas! Um copo, outro copo, e mais outro

---

copo, por que e para que eu emporcalhava a lucidez dos meus dias?



*DE VOLTA* às águas do perdido paraíso, quando eu respirava nas carnes de um moleque, extremamente resoluto, audaz e atrevido, subi pelo telhado, (na calada da noite) até à borda da caixa d'água de uma pensão da pacata Pires do Rio, e caguei. Noutras palavras, abri as pernas sobre a inócua pureza das águas, e soltei o barro, magnífico. Estava com raiva da minha pobreza e não tinha dinheiro para pagar a hospedagem. Havia bebido tudo em cerveja, com efebos e ninféias, na farra.

Hoje, sem lamentar nenhuma dessas doces (oxalá malucas maluquices) da minha estroinada juventude, lembro-me vagamente de um parente da estirpe dos Nascente, que assumiu o prejuízo, pagou as contas e mandou-me de volta à capital, de trem noturno.



*INGÊNUO* demais para certas obscenidades do mundo, a primeira vez que eu fui a um bordel, na periferia de Goiânia, da década de 1960, foi pelas mãos de um deputado estadual. Lá, ele me mostrou a buceta de uma loiraça de programa, e me perguntou:

- Sabe o que é isto?
- Não! Respondi, envergonhado.

---

– Pois é – prosseguiu ele, com um copo de cerveja na mão – por causa dessa cabeluda magnitude, nós pulamos o muro, e fazemos a revolução sexual do mundo, fodendo, fodendo.

– Ô biscatão! Me traz aí outro copo. E sirva aqui este moleque, que é para ele perder de vez a virgindade. Sair daqui, homem feito, bão de pau, trepador... E tem mais, seu filho da puta, pra ser homem é preciso beber, aprender a beber... Anda, toma logo essa primeira dose, pro seu mundo ficar mais leve, bonito!

Sacanagem. Desde menino, eu sempre me amarrei em mulher peituda. E a sem vergonha daquela putona me mostrava os seus planturosos peitos, esfregando-os na minha cara, com impudicas carícias de: “Chupa, meu neném, chupa! Depois, eu te dou o resto”.

*Bebei, ó humanidade, enquanto é tempo outra taça!  
O dia está fugindo, fugindo.*



**ERA UMA** tarde azulínea, carregada de ventos mansos. Mas o tempo – o que era o tempo, naquele tempo? Se para nós, os errabundos da noite, o tempo prosseguia indiferentemente às batidas dos relógios. Mas o tempo plasma os ossos. Mas o tempo enterra os ossos. O tempo.

No auge da década de 1970, bebíamos transbordantemente, acima da conta. De três a quatro dias, ligados,

---

ininterruptamente, às grandes bebedeiras. Eis que muitos já se encontram ausentes, por causa da cachaça em excesso. Sucessão de porres, um após o outro, até à morte, bem ao estilo suicida de nomes famosos como os de Ernest Hemingway, Scott Fitzgerald, Daylon Thomas, e Edgard Alan Poe, para não me abundar em citações.

Tudo por um copo? Seria isto a razão existencial da nossa vinda ao mundo? Frutos que somos do miraculoso parir de luzes deste planeta? Certo dia, não resisti. Uma crise de vômitos me afastou da fogueira etílica. Ainda não eram cinco horas da tarde, e as golfadas cada vez mais me destroçavam o fígado, o corpo e a alma. No vaso, a minha pressão arterial ia a zero. E eu tremia, sem forças nos músculos, para sequer levantar-me daquela prostração. Findada a agonia dos alojos, a garganta ficava dolorida, inflamada. Eu vomitava tudo, até o ar dos meus pulmões. Assim eu bebia. Assim eu vivia, voltando-me ao copo. Não tinha medo de nada. Bastasse uma latinha de cerveja na mão e, pronto, poderia invadir até os infernos, sem o menor constrangimento com o advento das surpresas; hilariantes ou catastróficas. Bebia como se as mãos do Senhor Onipotente me untassem de poderes divinais entre os mortais da minha aldeia.



*OS EXCESSOS* da embriaguez foram se redundando em grandes prejuízos à minha saúde. Às vezes – e isso já vinha se repetindo em escalas cada vez mais avança-

---

das – ao raiar das segundas-feiras, era aquele desconforto existencial ao abrir os olhos, logo de manhã: saltar da cama e retornar às atividades do cotidiano. O corpo, um mulambo: pedia trégua. E o fígado, um bagaço. Remédio? Ora, recomeçar tudo de novo, ao abrir naquela hora mesmo uma primeira latinha de cerveja; ficando o resto às danosas conseqüências do advir etílico.

De encontro ao sol de uma daquelas amargas segundas-feiras; tremendo, mau hálito de ressaca, eu conduzia a minha mulher ao serviço. E depois, envergonhado até a tampa da alma, sem forças psicológicas para voltar-me ao trabalho, funcionava o automóvel e saía, sem rumo, pelas ruas da cidade, procurando um boteco, desses de fundos de subúrbio, para não me expor publicamente, àquelas horas da manhã, de ressaca e já bebendo. À espera de uma ruptura talvez que pudesse me salvar daquilo: do vício de bebedor de cerveja, que já ia me levando às funduras do inferno.

E confesso. Houve manhã em que, sozinho, a bordo do meu veículo, eu saía pelas rodovias próximas à capital, tentando disfarçar os tormentos daquele mal-estar, com uma nova latinha de cerveja na mão. Dirigia e bebia, até alcançar um certo equilíbrio, dos nervos e da lucidez; e só então conseguiria voltar-me à cotidianidade da vida profissional, reescrevendo meus textos para jornais.

Diabo, quantas vezes eu ouvia da boca de amigos expressões admoestadoras como: “Que trapo, hein, Bié?”

---

Tudo isso é ressaca? Desse jeito, você não chega a lugar nenhum!" Ruborizado de vergonha, caçava logo um jeitinho de vazar-me dali.

Apesar dessas decepções contra minha reputação, que chegavam a preocupar até mesmo as autoridades médicas, do meu círculo de amigos, librei-me do vício, assim inteiro, lúcido. Do contrário, não mais estaria aqui no regozijo desta luz; inventariando a loucura dessa santa e maldita experiência, no mundo do álcool.

É simples. É triste. É belo? Beber ou não beber, eis a questão. Quem tem talento para administrar o vício, que o faça; não se esquecendo que, à certa altura da embriaguez, a possibilidade de retorno é zero. E daí para a morte é só mais um gole. Os exemplos, em níveis assustadores, vêm desde o começo da humanidade. Por exemplo, eu não sabia que a cerveja foi inventada há oito mil anos antes de Cristo. Portanto, morrer de beber não traz novidade nenhuma. Novidade é não ter experimentado, em hipótese nenhuma, o gosto desta urina do diabo. Provando que nenhum porre é mais precioso que o milagre de estarmos vivos.

O médico da psiquê, doutor Walter Massi, em tom de veemente protesto, perguntava ao psiquiatra Roberto Willian Borges:

– Mas que praga é esta, doutor Roberto, que este povo não pára de beber? Isto aqui está parecendo casa de loucos. Só tem cachaceiros. Já começo a pensar que o mundo inteiro está mesmo precisando de uma clínica de repouso. Você vai ver, doutor Roberto. Eu ainda vou

---

mandar construir um Cervejódromo, lá no meio da praça do Bandeirante, com coqueira e tudo, só pra vermos essa raça de pervertidos beber até feder nos ossos.

– Não, não, doutor Walter, acalme-me um pouco! Atravessou, cauteloso, o psiquiatra Roberto, tentando amenizar o nervosismo do doutor Massi, o diretor da Clínica. – Aliás, essa praga tem cura. E o senhor sabe disto, cientista que é no assunto. Ah! Se esses infelizes pudessem tomar consciência do que eu vou falar, agora!

“O alcoolismo é ou não é, doutor Walter, um termo usado para um transtorno caracterizado pelo uso crônico e abusivo do álcool? É doença, portanto, relacionada na CID X (Classificação Internacional de Doenças), à página 69. E, como tal, sem preconceitos, deve ser vista e tratada por médicos psiquiatras, devidamente qualificados para tanto. Negá-lo, como doença, é atitude incompatível com o conhecimento científico. O início, eu sei, é insidioso, acobertado pela benevolência do termo *uso social*, até que se instala o vício, a dependência com suas consequências nefastas, com graves repercussões de ordem médica e interpessoais. Basta lembrar que o físico padece com o comprometimento das funções hepáticas, gástricas, cardiocirculatórias, neurológicas centrais e periféricas, pancreáticas, etc. Na esfera psíquica as manifestações podem chegar até a instalação de francos surtos psicóticos e seus imprevisíveis desdobramentos. O relacionamento interpessoal se desagrega com repercussões familiares, laborativas e no contato social amplo”.

---

– É, de fato, você tem razão. É isto mesmo, doutor Roberto. E você está no caminho certo. Concordou o doutor Massi, virando os olhos para a pilha de livros ali expostos sobre a sua mesa de trabalho, acenando para que continuasse com a sua explicação sobre o alcoolismo:

– Então, vamos lá – retomou a palavra o doutor Roberto – “A etiologia é multifatorial, porém alicerçada em um forte fator genético. Os elementos que compõem as múltiplas facetas, componentes da manifestação deste transtorno, são gatilhos que fazem disparar a predisposição constitucional deste indivíduo. Por isto, explico, o tratamento médico psiquiátrico é fundamental como suporte inicial, com o uso do moderno arsenal terapêutico, em conjunto com a equipe multidisciplinar. Tem-se uma data de início, aquela marcada pela conscientização do dependente químico do álcool, sua colaboração e vontade determinadas. Não se pode determinar um final definitivo de tratamento; a vigilância, principalmente pessoal, deve ser contínua, se possível e necessário, pois cada caso é um em especial. O apoio de grupos direcionados, considero o AA como o maior exemplo.

Gostaria de frisar também a participação desastrosa do álcool em comportamentos violentos, de agressões físicas, assaltos, homicídios, acidentes de trabalho e de trânsito. Inúmeros absurdos históricos estão encharcados pelo álcool. A atenção dos pais ou responsáveis pelos seus filhos deve ser redobrada, pois a faixa etária do início do uso vem diminuindo com o passar dos anos”.

---

De ouvidos atentos, eu estava alí, no consultório psiquiátrico do doutor Walter Massi, ouvindo a científica dissertação do doutor Roberto sobre o alcoolismo.

– É, meus sábios conhecedores da desgraça etílica, me dão licença. A vida me espera. E saí. Atravessei a praça do Ratinho e fui beber cerveja num boteco, do outro lado da rua, defronte a clínica do doutor Massi, meu amigo.

– É, este daí... Que pena... Não tem concerto não. É dono de um brilhante futuro pela frente, no caminho das letras. Mas, se for neste ritmo, a bebida vai destroná-lo, logo, logo! Lamentou um dos médicos, enquanto eu ia me retirando daquele consultório.



*FEIO MESMO* foi quando eu comecei a perder a noção real das coisas. E me interrogava, assim, desapontado: “Que rua é esta? Aonde estou? Quem são os senhores? Meu Deus, me tirem daqui!” Distúrbios da lucidez? Sim. Paranóico por cerveja eu fui perdendo o sentido das coisas. Tanto que, outro dia, por volta das três horas da tarde, fui visto no meio de uma avenida, de tráfego pesado, atirando pedras nos veículos. Por quê? Eu tentava recuperar-me de uma terrível ressaca, não agüentei e, embriaguei-me de novo. Estava bêbado, turbinadamente bêbado, sem sequer saber de onde vinha ou para onde ia.



*E PORQUE* eu bebia era também alvo de humilhações. Só para lembrar. Numa noite de natal, eu e minha mulher, a Nininha, fomos, a convite de um falecido amigo, jubilar o natalício de Cristo, em sua casa, em Trindade, a capital da fé. Como de praxe, levei (eu próprio) um engradado de cervejas, para não dar margens às obscenas interpretações a meu respeito, referente a minha tara por cerveja. Pois gostava de beber, e muito.

Então fomos nós, eu e a minha co-piloto, a Nininha. Um encontro privê para uma meia dúzia de convidados. Lá pelas tantas da noite – percebi que a minha mulher, a Branca, estava na cozinha dando uma de empregada da casa, lavando pratos. Contestei, e fiz de conta que aprovei. Dei cordas, bebi, a fome bateu, conclusão: deu meia-noite e nada de ceia, apenas um prato de farofa (farinha com migalhas de lingüiça) foi servido. Achei aquilo um tremendo absurdo, um acinte. E procurei um motivo para encerrar a festa ali mesmo, atrás de um canto para dormir. Deu errado, tive que me recolher a bordo do meu carro, e ali entregar-me ao sono. Enquanto isso – e nada eu vi – a Nininha continuava humilhada, no fundo da casa, lavando pratos. Isso mesmo. Natal de bebedor...



*ERAM DEZ* horas da manhã, e eu ainda bebia cerveja no bar da praça, em Aragoiânia. E lia poesia para uma meia dúzia de curiosos. A consciência segurava as pontas da realidade.

Vésperas do meio-dia. E o dia era sábado. Pedi outra cerveja. E, daí para frente, não vi mais nada. Afoguei-me nas trevas, inconsciente. Apenas o corpo mexia com os seus órgãos, mecanicamente. Perda total da consciência. Aminésia. Nunca mais dei conta de me lembrar do que eu andei fazendo, do meio-dia daquele sábado, às três da manhã do dia seguinte, domingo. De madrugada, despertei com o coração batendo, esquisito. Os batimentos cardíacos fora de controle, pensei que havia uma bomba dentro do meu peito. A pressão arterial descontrolada, a mil. E depois, como é que eu fui parar na minha cama, sem lembrar-me de nada, absolutamente nada. Quem, meu Deus, havia me levado de volta à minha casa – a chácara Chão de Espera – das redondezas do povoado de Aragoiânia. Quer dizer: fiquei fora do ar exatamente quinze horas. Nunca saberei se desmaiado, se fora de mim, do tempo; ou se em estado de profunda amnésia alcoólica. Sei apenas que, na manhã daquele sábado, eu andei rebatendo minha bebedeira, ingerindo outras dezenas de garrafas de cerveja, até às trevas.

– Branca, ó Branca? Onde está o meu remédio? Anda, me acode, eu vou morrer. Meu coração está maluco, vai explodir... Tomei o remédio – um comprimido para pres-

---

são – e a desgraçada da taquicardia foi, aos poucos, se normalizando, me dando tranqüilidade ao ritmo da respiração. Ah! que desaforo! Um gélido suor escorria pela nuca. E eu fui vendo a vida me voltar à órbita dos olhos, pelo súbito reaparecimento das salivas, em minha boca. Eu já podia molhar meus lábios, com o cuspo da língua, respirar tranqüilo, e acomodar-me, finalmente, ao leito, depois do terrível sobressalto.

Putá que pariu, a que ponto eu cheguei! Pensei que daquela eu não me escaparia. E jurei, de pés juntos, ali sob as cobertas, que a partir daquele susto, jamais colocaria uma só gota de álcool na boca. Merda! “Há mais coisa a admirar no homem do que a desdenhar”, lembrei-me do grande Albert Camus.

Ultimamente, a bebida me deixava deprimido, um trapo, numa tristeza sem limites; com vergonha até mesmo da minha própria vergonha. Criei coragem, força, brio na cara, e dei adeus à costumeira.



*TUDO*, ao começar, é noivado. E, a partir dessa premissa, eu bebia por absoluta opção de lazer. O bar era o endereço da liberdade. E a cerveja, para a qual eu corria cada vez mais sedento, era-me a foz do gozo, fonte das deleitações. Assim eu pensava, assim eu agia, e assim eu engolia copadas e mais copadas de cervejas.

O bar era o caminho para as farras inebriantes, que cheiravam a batom e calcinhas. Mas, com o tempo, fui

---

me debilitando para os exercícios contumazes do copo. Então, dos vinte aos quarenta e poucos anos, bebi de-  
sastradamente muito, até entortar os eixos da lucidez,  
vomitar e perder a razão.

– Que mal faço eu à humanidade, com este copo na  
mão? Antes, porém, detono-o contra mim. Pois o resto  
é resto, calado e morto.

Para se ter uma idéia sobre o quanto eu era intransi-  
gente com relação às minhas loucuras por cerveja – uma  
paranóia sem tamanho – fui capaz (pasmem, só!) – de  
parar uma boate, em pleno bairro de Copacabana, no  
Rio de Janeiro, às três horas da madrugada, porque não  
tinha cerveja. Um escândalo. E para livrarem-me daque-  
la azáfama, um dos garçons, gentilmente, saiu à procu-  
ra da cerveja, aquelas horas mortas da noite. Coisas  
assim.



*DIA DE SOL* arregalado, mês de janeiro, verão. E eu,  
às dez horas da manhã, desabei-me sobre o calçadão  
da avenida Atlântica, nas proximidades do Posto Seis,  
de Copacabana, morto de ressaca.

Naquele sono de pedra, não vi mais nada, dormi até  
às cinco da tarde. Até que, cômico de mim, acordei com  
o buzinaço dos automóveis desfilando pela orla maríti-  
ma: “Que diabo é isto? Eu aqui, e o mar ali, fazendo o  
quê? Que cidade é esta? Que lugar é este? Que mundo  
é este? Porra, hoje é terça-feira?”.



*CERTA NOITE*, no Rio de Janeiro, eu participei de uma cervejada no apartamento do poeta Moacyr Félix. Foi um dilúvio. Encontrei alguém mais impertinente e loquaz do que eu, depois que ficava bêbado: um poeta lá do Maranhão, a cujo nome guardo respeito, um voraz pé-de-cana. Bebia de tudo. E cervejada, no apartamento do ex-editor da heróica Civilização Brasileira, ao lado de outro grande intelectual de esquerda, o Ênio Silveira, era apenas modo de dizer; pois, em encontros como aqueles, corria de tudo, predominando-se a Vodka, de puríssimo sabor soviético.

Reunião de loucos. Aliás, nisso o psiquiatra Roberto Willian Borges tem razão: “A história da humanidade é feita pelos doentes. Os lúcidos, geralmente, são uns homens de índoles frouxas”.

O poeta Luís Sérgio dos Santos, médico e psiquiatra, cujo apelido de guerra era *Psí*, na época, tinha um temperamento perturbado, de parafusos soltos na cabeça – um esquisóide. E vivia aprontando estrepolias. Durante nossas bebedeiras, pelos botecos de Copacabana, de repente, o *Psí* sumia. E súbito, ele voltava, com braçadas de flores, apertando-as contra o peito. “São para minha santíssima mãe, a dona Kaj”, dizia. Acontece, no entanto, que a dona Kaj nunca foi a sua mãe carnal; era, sim: a mulher do poeta Moacyr Félix. E aquela amabilidade não passava de uma adoração ficcional. Era mania dele chamá-

---

la de mãe. E toda vez que ia ao apartamento do Moacyr, presenteva-a, com flores.



*FIGURA* campeã das rodas boêmias, na capital goiana, durante décadas, foi a do doutor Amílcar Sá Peixoto, o Alemão. Advogado, intelectual, bom papo. Apaixonado pela poesia de Pablo Neruda, de Thiago de Mello, de Vinícius de Moraes e de Paulo Mendes Campos.

Velho conhecido dos meios etílicos, ele era um cate-drático na arte de beber, ao lado do seu generoso auxi-liar de copo – o **Escurinho**. Mas sem fazer mal a nin-guém. Adorava confundir a realidade dos fatos com o exagero hiperbólico das suas histórias inventadas em mesas de bar. Um sonhador, esdrúxulo, nos casos que trazia à tona, pela fácil dicção do seu verbo.

É de pacífico dizer que ele, o Alemão, perdera o con-trole em seus abusos de consumo etílico. Viveu bebendo. Morreu bebendo. Dia-a-dia entregue aos exercícios do copo. Viciado em bebidas curtas, destiladas: conha-que, vodka, uísque. Cerveja muito pouco, neres.

O Alemão foi um bôemio alegre e sedutor. Dono de um azulíneo par de olhos, ora ele se parecia com um lorde inglês contemporâneo de Byron, ora com um dândi da geração francesa de Baudelaire. E, por sua palavra, enevuada de álcool e cigarro, alguns casos da vida, que ele narrava aos sequazes da bôemia, ga-nhavam dimensão surrealística, nas fronteiras do ab-

---

surdo. Dizia, por exemplo, que, durante a ditadura militar brasileira, o poeta chileno Pablo Neruda – Nobel de Literatura – o convidou (e ele aceitou) a ir exilar-se em sua mansão à beira do mar, em Isla Negra, no Chile. Lá, ele foi tratado a vinhos, uísque e uvas. Um hóspede em níveis de estadista.

O Alemão era tão bôemio e alcoólatra que, certa feita, ao acompanhar a caravana teatral liderada pelo falecido cineasta João Bennio, à cidade de Posse, no interior goiano, deixou Goiânia com o copo à mão, bebeu quatro dias e quatro noites, durante a viagem; e voltou à capital, de copo na mão. Indo, finalmente, aterrissar-se no bar Canidé, lá da praça da Cirrose, fiel ao porre.

Em Posse, e de posse do copo, onde estávamos a convite da prefeitura daquele município, nós, os acompanhantes da excursão, fomos até à Terra Ronca, conhecer a caverna e seu rio subterrâneo. Um esplêndido local turístico, de incalculável beleza geográfica.

Ali, na boca de entrada da gigantesca gruta, quando o rio desce das suas reentrâncias, ele forma uma piscina natural, de água corrente; onde, por deleite, os visitantes se aproveitam para tomar banhos, e nadarem divertidamente. Os advogados Nilo Benetti e o doutor Amílcar livraram-se de suas roupas e atiraram-se no rio, banhando-se com a água à altura da cintura.

O Alemão segurava um litro de uísque enquanto o doutor Nilo, o copo. E, revesadamente, bebiam. Ambos estavam hospedados no mesmo hotel, ocupando um só

---

quarto. Esquecidos da parceria da hospedagem, um deles, muitíssimo preocupado com a quantidade de bebida que iriam consumir, disse ao outro:

– Ó companheiro, vê se não se esquece do nosso encontro de hoje, logo mais às 5 horas da tarde, lá no bar de Barbada, para tomarmos aquele porre! Estou lhe dizendo isto porque não sei se vou lhe encontrar depois.

– É, pelo jeito, você já está com os miolos encharcados de muita pinga, bêbado. Pirou de vez. Tá certo, eu não me esquecerei do encontro nosso, de hoje à tarde, lá no bar da Barbada. Eu vou sim, tá! Me espera lá.

A preocupação deles em continuar bebendo não fazia o menor sentido. Principalmente porque o bar da Barbada era defronte ao hotel onde estavam hospedados, do outro lado da rua. Qual dos dois estava mais bêbado? Se ocupavam ainda o mesmo veículo?

O Alemão se gabava todo quando alguém o chamava de intelectual da esquerda engajada. Ele inventou então a seguinte fantasia ao redor da sua própria pessoa. Dizia que, certa feita, no apogeu do arbítrio militar brasileiro, ele e mais uma meia dúzia de especialistas em guerrilhas urbanas, seqüestraram um avião em Brasília e, de posse dos pilotos, os fizeram voar até Havana, em Cuba, a ilha do Fidelão, onde foram buscar apoio militar e exílio.

O Alemão – um pródigo inventor de boas maxambetas – contou que, ao desembarcar no aeroporto internacional de Havana, uma frêmita multidão de barbudos comunistas o esperava. E, ao pisar o solo cubano, acenou e disse:

---

– My pueblo! Misturando o inglês e o espanhol na sua pronúncia de saudação aos boinas-verdes da ilha de Fidel.

O Galeão do olho azul, louro, bem vestido, galhardo, era filho de renomado jurista goiano. E foi tragicamente devorado pelos excessos do álcool. Bebia como um demente e fumava como um réprobo. Centenas de vezes o acompanhei em suas rodadas etílicas pela vida: porque sua presença me contagiava de alegrias. Era um gentleman de impecável finura.

Nos últimos meses da sua epopéia, pelo copo das ilusões, eram já flagrantes os sinais de estragos fisionômicos, notadamente no rosto, onde o nariz sofrera nítida deformação: ficou verde como uma azeitona. E, lentamente, se esboroava.

A devoção e a tara pela bebida o conduziram à decadência. O grande boêmio já não se trajava mais como um diplomata, fugiu dos coquetéis. E foi ficando cada vez mais macambúzio, solitário, fora de cena, trêmulo, e bebendo escondido atrás dos balcões. O Alemão, finalmente, arruinou-se. O vício, a dependência química, o levaram para a morte, moço, ainda no viço dos seus cinquenta anos.

Ah, que Deus o queira bem, nas alturas, em paz, com as estrelas.



---

O TELEFONE tocou. Não atendi. Disparou a campanha. Chamou de novo. Era o jornalista Ulisses Aesse, do *Diário da Manhã*:

– Poeta, como foi mesmo o acidente que matou por afogamento aquele garoto lá na piscina do Jóquei Clube de Goiás, neste final de semana?

– Hein? Como? Ô cara, eu não estou em condições psicológicas para falar sobre isso agora, não. Liga lá no Jóquei. Liga!

Eram três horas da tarde de uma terça-feira consagrada ao trabalho, e eu estava no algar da bebedeira. Tinha saído para um rebate, e voltei-me pior, para casa. E no meio da sala, sozinho, eu me arrastava como a monstruosa barata do Franz Kafka, o Grego Samsa da *Metamorfose*.

Sofri tanto naquele instante, que tive ganas de morrer. Algo de mórbido no espírito. Vomitei. E pelos olhos de Deus, eu me senti como um verme nas funduras daquela humilhação. Nem o calor dos meus lábios era digno de um sorriso.



O *PUBLICITÁRIO* e poeta Jaécio de Oliveira Carlos foi o anfitrião. Ventava muito, assaz. E o areento horizonte das praias era coberto de banhistas. O sol luzia pelas arfantes cabeleiras dos coqueirais, com suas exóticas belezas cobrindo o azul das orlas. Mar, céu e praias, tão confusos!

---

O solícito hospedeiro abriu, então, as portas de sua vivenda em Aracajú, para receber o bardo, filho do cerrado, atroz. Razão: uma noite de autógrafos na capital sergipana, com farta cerveja, camarões e uísque, às luzes das câmaras fotográficas e televisivas.

Um percalço de percurso, no entanto, arruinou-me a euforia: uma nefasta dor de dente infernizou a minha cara, logo quando, às vésperas, eu me ornava para o propalado evento. Mas a dor, cada vez mais dor, na raiz do nervo dentário, doendo, doendo, em ritmo de doídas ferroadas – ai que doloroso foco de dor! – espatifava o meu *sense of humour*. Nem mesmo os coparrões de cerveja, um após o outro, dava jeito. A dor, ali, insistia, teimosa, picante, aviltante; hedionda, enfim.

— Jaécio, cochichei-lhe aos ouvidos, em meio ao estrepitoso vozeirio de gentes, não agüento mais! O quê que eu faço, me diga! Sair daqui, fica meio acintoso, não? Abandonar os convidados, este povo da cultura sergipana, no auge deste momento? Não dá. É dose pra cavalo. E, ademais, estou no maior senagração do mundo... Uma dor de dente, insuportavelmente agora, neste instante? Não dá. É brincadeira! Sacanagem!

E aí entrou um repórter, de microfone em punho, puxando-me pelo ombro; assim, deste modo, inquirindo-me:

– Qual é o tema do livro? É um romance? Poesia?

– É... É... O Jaécio, o relações públicas da noite, lhe explicará tudo, palavra por palavra, o que é o livro, seu

---

conteúdo (...) E, por favor, me dê licença, um instantinho só, eu vou ao banheiro e já volto.

Larguei, na noite, os convidados, o coquetel, a sessão de autógrafos, e saí correndo, pelo calçadão da praça, tonto de dor, sem rumo e, desgraçadamente, arrasado. E entrei no primeiro bar que vi à minha frente, uma choparia florida de gente bonita, bebendo e falando alto. E pedi logo uma garrafa de cerveja, enquanto o suor, aos borbotões, causticava-me as faces. O garçom foi alígero, chegou logo, com a cerveja. Peguei-a, pelo gargalo e, num furioso gole, engoli-a quase toda; para ver se ficava logo bêbado, e livre daquela insuportável dor de dente. Aliviei-me um tico; pedi outra garrafa, e, aos poucos, a dor foi se aquietando, a ponto de eu poder voltar ao local do lançamento do livro, dar entrevistas e autografar a obra.

O bom astral serenou-me o semblante.

Vencida a pauta cultural da noite, alvejada pela terrível dor de dente, passamos para a questão do lazer-erético. E fomos parar num populoso boteco defronte ao mar. Ventava muito, assaz. E caímos, de mergulho, no êxtase da cerveja. O discurso, ali, de pé de mesa, rodava na frequência do seguinte evocativo temático: mulher, bebida e poesia. Até que, súbito, outra nova ferroadada de dor, para acabar de vez com os regozijos da noite, em gestação.

O dia seguinte era sábado (aliás, já era sábado, quando ainda entornávamos o mel, naquela praia). Tínhamos que ir a Maceió. O Jaécio, meu fraterno estalajadeiro,

---

tinha negócios lá. E eu, cavaleiro das andanças etílico-poéticas, ia junto, deliciar das brisas das Alagoas.

– Jaécio, meu valoroso amigo, escuta. Se eu lhe contar, você não acredita. A dor voltou de novo: mórbida e voraz. Acaso você tem um serrote ali dentro carro? Anda, tem? Então, me dê, eu vou cortar esta dor. Ele riu, falando:

– Você está é fodido, cara. Só mesmo um dentista... Mas, a estas horas!

E saímos, naquele sábado azul de sol, à procura de algum analgésico, de uma farmácia, ou de um dentista.

– É... tá difícil! Só se comprarmos xilocaína, ponderou o Jaécio, do alto de sua elegante paciência.

– Grande, eu disse, façamos o seguinte: vamos logo pra Maceió. Quem sabe, no caminho, a custo de cerveja (ou sorte, seja lá o que for), a gente elimina este mal. Vamos, senão continuo atrasando a sua viagem.

O Jaécio, sereno, ao volante. A paisagem do agreste arenoso, e, com o movimento do veículo, ia-nos descortinando as lavouras dos canaviais espessos, homens e foices, na lida. O destino era a capital das Alagoas. A bordo do automóvel eu ia bebendo cerveja e folheando uma revista de sacanagem, de mulheres peladas. Tudo para ver se me despistava de mim mesmo, tentando desnortear o latejo infernal daquela dor, comendo minha boca. Doía tanto que eu parecia um corpo parado no ar, de tão duro, estático, enervado. Sim, era daquilo mesmo que eu precisava, de anestesia.

---

Ah! Sozinho naquele quarto de hotel! A minha pressão arterial descontrolou, quase sofri um desmaio. Fiquei tonto, desacordado, suando frio, com mãos e nuca formigando.

O Jaécio, já de valise em punho, tinha partido para, em Maceió, na praça, cumprir sua pauta de negócios.

E eu, uma anta em matéria de diagnósticos clínicos, nada sabia discernir sobre o que ocorria comigo naquele instante: se era fruto da desnutrição, ressaca, bebedeira exagerada, ou se por causa daquela irresistível dor de dente.

Por volta do meio-dia, daquele sábado, após uma tristonha caminhada, sozinho, pela praia, a ver gaivotas famintas batendo as asas e gritando, voltei ao hotel. O Jaécio já estava lá me esperando. E o bondoso anfitrião me pôs no carro e me levou diretamente a um cirurgião dentista.

– Tudo normal, com a sua estrutura dentária. Nenhuma cárie que possa comprometer a saúde dos seus dentes. É o que se pode diagnosticar, pelo que vimos, preliminarmente. Em todo caso, eu vou lhe passar este remédio. Aliás, é pr'agora, toma! Nervoso, rebati-lhe:

– Mas, doutor, e a cerveja? Como é que eu faço?

– Ah! Espera umas horinhas só... Não tem nada não. Toma por cima.

O Jaécio partiu para uma lauta feijoada e eu fui junto. E fiquei por ali, olhando o mar, ao redor da mesa, macerado pela dor. Sobretudo, oprimido, por sentir, a poucos centímetros da minha boca, aquele ciope, estupidamente gelado, convidativo e espumoso.

---

Flagrantemente inquieto, levantei-me e fui caminhar pela praia, enquanto o anfitrião se desfrutava do saboroso chope, na companhia de alguns colegas da malha comercial. Intelectual ele era mesmo só nas conversas comigo, quando o assunto era poesia, jornal, essas coisas bafejadas pela alma.

E sentado sobre um pequeníssimo combro de areia, de olhos fixos na imensidão do etéreo, numa daquelas movimentadas praias do litoral alagoano, a sombra de um vulto, obviamente desconhecido, se aproximou.

– Engraçado, eu estou vendo uma coisa muito esquisita em volta da sua cabeça. Ouvi aquilo, e assustei-me, assombrado. E ele, o homem ou a sombra, (naquele instante não havia mais sombra, nem vulto, nem sol), prosseguiu, assim dizendo: Parece-me que conheço você. E foi logo me questionando: Há algo de errado com a sua saúde, não há?

– Sim, o senhor tem razão. Estou sofrendo de uma endemoniada dor de dente. E, ao que já fizemos, não há remédio que a cure. Põe fim nesta desgraça. Perdão. Odeio pronunciar esta palavra, este palavrão. Ninguém soube explicar a causa desta dor.

– Eu sei, e explico, respondeu-me ele. Isto é fruto de macumba que fizeram contra sua viagem ao Nordeste. E veio exatamente do seu convívio nupcial. Enfiaram algumas agulhas num par de meias e esconderam-no debaixo de uma trouxa de roupas sujas. O feitiço.

– Ah... Larga de bobagem! Eu não acredito nisto. Contestei-lhe, cético.

---

– Pois então, e a partir de agora, esta dor vai sumir, quer ver? Me conte apenas o seu nome completo e sua data de nascimento.

Expirados alguns instantes, o estranho visitante, que saiu do fundo de uma súbita aparição, retomou a palavra e voltou a falar:

– O seu casamento é um fracasso. Há uma nuvem de inveja que impede o equilíbrio dele. Tudo o que você faz é tripudiado, odiado. E foi, como um áugure de bondosas visões proféticas, inventariando, peça a peça, o jogo da minha vida. Mais tarde, quando percebi, não havia mais dor. Convidei o homem para tomar uma cerveja. Aliás, ele próprio, me ofereceu cerveja. Bebemos e falamos, às fartas, até o advento do crepúsculo, na gritaria das gaivotas.

À noitinha, me despedi do amistoso feiticeiro, que nunca mais eu vi, neste planeta. Soube apenas que era proprietário de uma fazenda à beira do mar das Alagoas, e alto funcionário de carreira do Banco do Brasil.

Ouvi da obra de Homero estas palavras: “Não conheço visão mais doce para os olhos de um homem que sua própria terra...”. E de volta, eu voltei ao teto residencial – na capital dos goyazes – refeito, sóbrio, sem o menor vestígio de álcool na boca.

A primeira atitude minha, já em casa, foi correr até ao quarto dos fundos do apartamento (que servia de dispensa) e abrir a tampa do cesto de roupa sujas. E pronto. A verdade estourou nas minhas ventas, bem ali, rente à ponta do meu nariz. Lá estava, de fato, no fun-

---

do daquela caixa de vime, o par de meias, trespassado por uma imensa agulha, dessas de sapateiros, de costurar couros.

O bruxo branco, cordial e amigo, da praia, tinha razão, quando, naquelas distâncias, me advertiu sobre as possibilidades de um bruxedo armado contra o meu destino. Pois a obra da credice negra estava ali, exposta à luz dos meus olhos.

Diante do que vi, perdi o controle, e me irritei: “Tirem esse feitiço daqui! Que desgraça é esta dentro da minha casa?” E, nervoso, saí: fui ao bar do Lolinho, consertar os estragos da minha alma, e tomar uma cerveja. O resto, eu entreguei às mãos do porvir.



*PÁGINA* a página, eu fui copiando a literatura da vida. Sem a menor transgressão dos fatos. Os fatos me saltavam do âmago da existência, para dentro da linguagem escrita; obedecendo a uma lógica de paixão – um atrás do outro, os fatos – como que, num encaixamento cinematográfico, reconstituindo a fragmentação da luz.

Por causa do sol, eu bebia? Por causa da rotina, eu bebia? Por causa do quê, eu bebia? Se no topo da juventude, todo e qualquer ato de loucura tinha sabor de romantismo! Então, era-me romântico o suicídio, copo a copo? Era-me romântico proclamar a liberdade, praticar o epicurismo, menosprezando a lucidez?

---

Ser um homem de virtudes, só para estar em paz com os preceitos (chulos e caducos) da sociedade? Revolta? Desrazão de tudo? Niilismo? Deus estava morto? Meu Deus, onde eu estava naqueles dias de obscurantismo imposto pelo álcool? E se eu disser que havia, além dessas danosas conseqüências, dias, semanas e meses, de geniais alegrias, ao convívio com a boêmia? Estaria eu florendo a verdade só para justificar que a melhor coisa deste mundo era estar bêbado? Eu e meus motivos, para beber e ser Quixote? Na realidade, uma coisa era estar ali, todo cômico de si, aparentemente sóbrio, airoso, dono de exultante euforia, de copo na mão, sorvendo umas e outras, e mais outras... Outra era o dia seguinte: abrir os olhos e ter que contabilizar, à luz da consciência, os estragos da noite anterior. Neste particular, afirmo: a vida de um bebedor é uma tortura, principalmente na hora do reencontro com o tribunal do seu íntimo.

Das badaladas reuniões sociais às portas para o inferno. Sim, para um alcoólatra, há começo, mas não há fim. Basta o primeiro copo para que todo o resto, no futuro, desenvolva-se sem o pêndulo da razão, em ritmo ominoso, detestável.

Estar bêbado era estar feliz? Estar lúcido era estar infeliz? “O homem é a única criatura que se recusa a ser o que é”, assevera Albert Camus, cuja revolta está no fulcro do seu pensamento filosófico.

Ah! Ser feliz! Ah! Estar sóbrio! Ah! Estar bêbado! Qual o significado existencial de tudo isto? Se a brevidade da

---

existência buscava se explicar no *carpe diem* de Horácio: “Goza o teu dia enquanto dura”.

Novamente, volto-me à tona da ferida, perguntando-me assim, contundentemente: eu bebia para dar vazão à liberdade? Ser o centro das atenções? Estrangular o tédio, a mesmice da vida? Bebia, bebia, cada vez mais, bebendo, sem nunca me dar conta de que – se mais longe eu fosse – o monstro roedor acabaria comigo, jogando-me debaixo da terra; tamanha a força dos danos armazenados nos ocultos das minhas entranhas, feitas de carnes, emoções e ossos.

Felizmente, saí-me inteiro das invernosas carraspanas. E não posso negar, sobretudo, que vivi, na alma, momentos irrepetíveis de ruidosas alegrias; muitas das quais, transbordadas em lágrimas.

O jubiloso tilintar dos copos poderia, de repente, acabar-se numa triste enfermidade. Ou até mesmo em morte, dependendo da estrutura orgânica de cada um.

Aí a lógica perdia a razão.

Mas foi principalmente em mesas de bar que conheci grandes figuras humanas, das quais umas tantas já se foram, prematuramente, para a mansão subterrânea dos mortos, por causa da bebida consumida em excesso.

Se estou vivo é porque algo melhor do que eu me devolveu à luz da consciência, me fez dar um *NÃO* à loucura de viver peregrinando por aí, de bar em bar, sem rumo.



A *DESCOBERTA* da poesia foi, para mim, a descoberta da vida. Depois é que veio a escalada dos prazeres, dentro da boêmia. O tempo da irresponsabilidade poética. Que doçura! Durou tanto que foi pouco. Houvesse mais combustível de juventude e a festa estaria de pé, no ápice dos seus fervores. Por isso, enumero agora, nas lembranças, tudo aquilo que me foi deleitável, ou desatinado.

E nada do que fiz foi para ser redimido. Tampouco para me queimar nos mármore do inferno. Não. Não peço desculpas a ninguém, por eu ter sido gloriosamente um boêmio. Valeu o quanto durou. Fui um homem desesperadamente apaixonado por cerveja. Tanto que brincava com os amigos toda vez que me perguntavam se eu era um homem casado. Eu respondia: tenho três mulheres; a primeira é metafísica, filha da alma; e chama-se Poesia; a segunda é filha da cevada, água cor de ouro, e chama-se Cerveja; e, por fim, a de carne e osso, que tem tolerado o bafo de fedentina dos meus porres. Uma santa, portanto.



*EU SERIA* um crápula comigo mesmo se negasse os belos momentos que respirei, nos olhos e no coração, ao degustar, deliciosamente, tulipas e mais tulipas de chope gelado, pelos botecos das praias da zona sul do

---

Rio de Janeiro, pelos bares dos hotéis de luxo, a bordo dos boings 737, pelas orlas marítimas e por todos os cantos do litoral brasileiro, onde se podia ter acesso à cerveja. Eu andei, eu vivi, eu bebi. Sem contar, no ébrio roteiro deste périplo, a esticada que fiz até Buenos Aires, passando por Montevideu, via Porto Alegre, sempre de cerveja na mão, na bagagem ou no colo.

Que tara contumaz eu tinha por aquela bebida! Comer para mim era prejuízo. Viajei mundos, namorei, conheci monumentos, praias, igrejas, florestas, museus, navios, livrarias, bares, boates, bordéis, teatros, clubes e hotéis; tudo em nome da poesia, e, naturalmente, ao ritmo da cerveja.

Passado hoje o eufórico período das bebedeiras, entregue às emoções cervejísticas, não lamento nenhum dos meus atos; mesmo porque jamais eu quis vencer na vida pelos caminhos do atalho. Jamais fui apegado às conquistas materiais. Se, por um lado, cobicei o verbo ter, por outro, cobicei-o, simplesmente, por um lugar para se viver. E isto sempre me foi o suficiente, me aprazia, me apraz. O mais, entreguei aos ditames da sorte. E bebi o quanto pude, epicurísticamente, como se cada momento fosse, de fato, o último da minha vida. Tudo no presente, tudo: convoquemos Baco, “com suas danças, coroas de flores, mulheres”, a triunfamos no “instante do prazer”, pois “ninguém sabe nada do amanhã”.

E se agora eu narro este testemunho, não será para criticar quem bebe. Muito menos para aplaudir quem não bebe. Mas, sobretudo, para falar sobre quem já be-

---

beu. E este “quem” sou eu, um ex-tarado por cerveja, militante das pândegas étlicas.

A rigor, não havia rigor para se beber. Bastasse que o líquido – o rio do lúpulo – estivesse gelado. Arrisco-me aqui a relembrar os pontos daquela epopéica aventura pelo ventre dos copos, por onde eu andei para beber. De velórios às festas de aniversários, eu bebia. A bordo dos boings 737, em gabinetes de trabalhos parlamentares, em bordéis, em portas de açougues, em balcões de mercados, dentro dos automóveis, dirigindo; em sessões de cinemas; em lojas de luxo; pelos corredores dos shoppings; dentro dos ônibus, pelos bares das rodoviárias e dos aeroportos; pela solidão linear dos meios-fios, a passeios pelas praias do Atlântico, de Norte a Sul; pelos coquetéis, churrascadas políticas, solenidades, convenções, pelas bordas das piscinas; excursões, viagens, pescarias, em cima das carrocerias de caminhões, pelas sedes rurais das fazendas, pelos barrancos dos rios e em suas pedreiras, debaixo de cachoeiras, em cima das cercas, nos matos, dentro de submarino e de canoas, boates, botecos de subúrbios e de beiras de estradas; – onde quer que eu fosse, de copo em punho, – um beberaz positivo, alegre e insaciável.

E inserem-se aí, neste profuso roteiro de opções para se beber, feéricas paisagens, urbanas e marítimas, de cidades como as do Rio de Janeiro, São Paulo, Florianópolis, Salvador, Aracajú, João Pessoa, Fortaleza, Recife, Maceió, Santos, Brusque, Barreiras, Ibotirama, Macaúbas, Camburiú, Blumenau, Porto Alegre, Monte-

---

vidéu e Buenos Aires, onde, em nome da poesia, embebedava-me de tudo, bombardeando os neurônios com cerveja. Um mundo, enfim, que se festejava entre os fascínios da literatura e o descortinamento das novas aventuras.

Eu era um jovem em núpcias com as emoções, de nada tinha medo, bastasse a presença da cerveja, e eu iria a qualquer lugar, a bordo de qualquer veículo ou embarcação. Era o tempo de ser feliz e beber cerveja, muitas e muitas cervejas, ao som de boas gargalhadas e músicas, esbanjando liberdade e saúde, entre as mulheres e o sol.

Era uma coisa sem controle. De tal maneira que, para me tirar da mesa de algum bar, só se fosse com a ajuda de um caminhão. Assim mesmo teria que levar o bar junto, na carroceria; do contrário, não sairia, nunca.

Como tudo foi brando no começo! Eu era um morigerado em assuntos de cerveja. Anjo nunca dantes corrompido. E tinha paciência para esperar a hora do reencontro com o primeiro gole. Com o tempo, essa disciplina foi se esvaindo, acabando; eu fui me transformando num dependente químico, incontrolável. Noutras palavras, já não bebia mais para alegrar o espírito; mas, sim: para me embebedar até as últimas conseqüências, o fundo do poço. Daí para frente, não havia mais poesia na gestação dos fatos; havia demonismo trovando com alcoolismo.



AS GAIVOTAS, barulhentas no grasnido dos seus grasnares, rasgavam a oquidão da tarde, como se, uma atrás da outra, enfeitasse aquela véspera de crepúsculo, já fosforejante ao fim do dia.

Empanturrado de cerveja, continuei bebendo. O lugar – a praia da Enseada, no Guarujá – deliciosamente vivível, e longe das parlandas infernais. Anoiteceu tão depressa, que já surgia brotação de estrelas sobre o mar, irascível, naquelas horas.

Saí correndo do bar, defronte à praia, e fui de cabeça contra a rebentação das marés. Dei um mergulho e, com aquela afoiteza de louco, submergi-me à brabeza das ondas. O mar estava agitado, de ressaca. E eu levei um coice e fui brutalmente cuspidos para fora das encapeladas ondas.

– Moço, ei moço! Como é que o senhor tem coragem de enfrentar o mar a estas horas da noite? Que estupidez é esta! O senhor não tem juízo, não? Quer morrer... É? Falou-me, repreensivo, um transeunte ali daquele mundo.

– É prá cortar o efeito da cerveja no corpo. Clarear os zói. Renascer de novo e voltar-me à empreitada do copo. E obrigado, hein, grande, pelo conselho!

Praticamente nu, trajando apenas um pequeno *short* que quebrava a nueza do corpo, sofri de tremedeira, frio. Voltei ao bar, onde jaziam alguns dos meus pertences (uma toalha, uma camiseta e dois livros) – e, naquele brumal todo, pedi outra cerveja.

---

– Ah! Idéias em desalinho! Por certo aquele homem tinha razão. Coisa de Deus, a gente não morrer numa dessas estapafúrdias. Pensei.



*TODA VEZ* que eu, pela manhã, me aprontava vestindo o paletó cinza, fosse qual fosse o dia da semana, era sinal que iria partir para o crime da pinga. Zanzar pelo ócio. De repente, eis-me ali, defronte ao Café Central – uma das mais antigas e frequentadas cafeterias do centro da capital, na avenida Anhangüera, esquina com a rua 7 – todo empertigado, vaidoso e tagarela: pê-pê-pê-, pêpêpê! Que conversa de bêbado é igual peido de mula, nada regula.

Súbito, apareceu um bebedozinho, manco da perna esquerda, maltrapilho, e respirando aquele bafo horrível de cachaça. Enjoado, o infeliz me pedia dinheiro para tomar uma dose da branquinha, rebater. Nervoso, re-truquei:

– Num me enche o saco!

O falecido Alano Rodrigues de Oliveira, lá do cartório da rua 7, e meu amigo de infância, estava lá, de prosa comigo. Arquitetávamos uma cervejada para mais tarde.

Solidário com o farroupilha, já de cara cheia, o Alano desaprovou o meu gesto:

– Faz isso não, poeta. Num judia não, cara. Tem pena dele. E ademais você está sendo injusto. Ele é nosso coleguinha de ofício, por que não? E bebe

---

igualzinho a nós mesmos. Que diferença faz, só porque é pobre?

– É mesmo. Você tem razão. – E caímos na risada.

– Vai, convida ele pra tomá uma. Assim, você aproveitada e lava a sua consciência.

Eram três horas da tarde, de uma gorda terça-feira. E a grande máquina dos homens estava na rua, lutando pela sobrevivência.

Pensei seriamente naquela ofensa. “Ah! Eu sou assim mesmo! Mestre em falar coisas sem pensar. Por isso, às vezes, fico trovejante, mas sem maldade. E quando caio-me na razão, morro de remorso”. Então, por causa daquela desfeita, decidi perdoar a minha consciência, e convidei o mendigo a sair comigo, pelos bares lá do setor Oeste; e beber cerveja pelo resto da tarde, saboreando um churrasquinho de carne de porco e lingüiça.

O homem se embebedou demais, ficou chato, agressivo, e queria, na marra, ir embora comigo, dormir na minha casa. Mexer com bêbado dá nisso; é fria: a gente acaba vendo lobisomem pela greta.



*O WILTON HONORATO* Rodrigues, empresário do comércio lojista goiano e padrinho do meu primeiro tálamo nupcial, toda vez que chegava às reuniões do Clube de Diretores Lojistas de Goiânia, nas noites das terças-feiras, a primeira pergunta que fazia aos companheiros de diretoria era?

---

– Cadê o *arco*? Cadê o *arco*? Sem o qual não há como administrar idéias.

*Arco*, na linguagem do sentimental guerreiro das noites boêmias, era uma deformação semântica da palavra álcool, que o Honorato fazia por pura brincadeira e ludíbrio. Eu era o assessor de imprensa do CDL, na década de 70, em cuja presidência estava o lojista Joaquim Mota Filho.

Após o toque da sineta anunciando o fim das reuniões, caíamos todos na sessão do rega-bofes, onde corriam soltos o uísque, a cerveja e o tira-gosto. Dentre algumas personalidades ilustres da elite cultural do jornalismo goiano, que sempre abrilhantavam aqueles encontros estavam os “papas” da crônica social: jornalistas Arthur Rezende e Lourival Batista Pereira, o LBP.

O maior de todos os boêmios do time daquela diretoria do CDL era o joalheiro Célio Campos de Freitas, o Célio Gordo, lá da loja *A Jóia*, da avenida Anhanguera. Gostava deveras de um conhaque macieira e, como meu amigo, me presenteou com um relógio Cuco, de parede. Jóia de estimação que resiste luas e trovões, sob o teto da minha vida, comigo, onde quer que eu esteja, até hoje.



*OUTRO PORRE*, que quase me engoliu pela goela do abismo, foi o daquela manhã de sábado, na praia de São

---

Vicente, em Santos. Pedi ao Alberto, meu irmão, que nos preparasse uma caipirinha, com pinga, limão e mel. A entradeira para uns chopes.

O rapaz, um biriteiro contumaz, e que vivia de cara atolada na boresca – a malvada da azulinha – comprou ali mesmo, num daqueles armazéns da orla santista, um litro de Bacardi (Casa Blanca de Cuba), e meteu brasa na feitura da batida: exagerou no rum, com suco de limão, umas pedrinhas de gelo e açúcar. Me deu um copo, transbordando de cheio. Bebi.

– Hum... repugnei-me. Fiz careta e cuspi. Quero mais. E, ávido, engoli outro copo. Minha cabeça começou a girar, fui ficando tonto, bêbado. De repente, as pernas bambearam, e eu caí-me prostrado sobre a areia. Não vi mais nada, apaguei-me. O pifão foi brabo, do cão. Isso, no acontecido, era de manhã, antes das dez horas. E a praia, abarrotada de banhistas, fervilhava. E o sol, em fráguas, ardia. Não vi mais nada. E só fui me despertar daquele pileque, ali no limiar da noite, quando o crepúsculo se agonizava, purpurento, lá longe no pico das montanhas. A água do mar tocava em minhas pernas. Abatido moralmente, naquele execrável enjôo de ressaca, e ainda zozzo, virei-me sobre a areia, e vi, ali, estacado perto de mim, o vulto de uma bela mulher, de seios fartos, e pele cor de bronze, me cutucando com a ponta de uma sombrinha:

– Moço! Moço! Ei, moço, levante-se daí. Essa praia é muito perigosa, à noite. Além das ondulações furiosas do mar, que empurram suas vagas até àquele muro-de-

---

arrimo, há muitos bandidos e marginais, que tomam conta do pedaço.

E depois, você está praticante nu. Vem, vamos. Dê um mergulho naquelas ondas. Está se sentindo mal?

– Não! Não! Onde tem um bar aqui por perto? Eu quero é tomar um chope. Cadê meu irmão, minhas coisas, a roupa?

Eu estava um cadáver, em pandarecos, olhos vermelhos, inchados. E a prestimosa sereia dos trópicos me ajudou a erguer-me sobre os joelhos. Ganhei prumo e saí andando.



*QUANDO* se pára de beber a mudança é radical. Muito se sofre para se chegar aos extremos desta ruptura. E não há meio termo: ou bebe-se até morrer, ou não se bebe para viver. Eis o trauma.

A travessia para os convívios com a sobriedade, na margem de cá da vida, deve ser para sempre, sem retorno.

Todo vício é traiçoeiro, armadilha de riscos. E, livrando-se, pois, das garras dessa cilada: a lucidez devolve a lucidez. Dorme-se e sonha-se mais leve, longe dos sonhos maus, surto dos delírios. Porém, passa-se a ter medo, medo de ser traído até mesmo por um copo de refrigerante. A consciência bate pesado. E é preciso se adequar, (custe o que custar), às exigências psicológicas, sociais e humanas, da nova realidade. E isso custa caro, muitíssimo caro. Senão, vejamos.

---

Deixar bruscamente o convívio da fantasia para, de repente, cair na retidão da mesmice, torna-se doloroso e impraticável para quem, até então, era usuário do etílico, um dependente químico. Fora disso, a vida, então, vai mais devagar, equilibrando-se entre um raciocínio e outro, o não e o sim. São, a meu ver, mudanças de hábitos, de ambientes, de pessoas, que acabam afetando o comportamento psíquico. Com riscos, seríssimos, de cair, inclusive, numa trágica depressão. Daí o desabafo:

– Eu, fora da sociedade, derrotado, camisolão?

Ao que parece, para se livrar de uma vez por todas, da infelicidade do vício, só há um remédio: ser médico de si mesmo. Dar as costas para o mal e ficar de frente para o infinito. Recompor-se, enfim, à ordem natural das coisas. E deixar que tudo flua conforme quis o destino. Já nos ensinava o grande Shakespeare: “Os acontecimentos estão de pé. Eles ganham o rumo que bem quiser”.

O desejo insaciável nos leva à ruína. Interrompe e mata o projeto de qualquer sonho. Parei de beber por mim mesmo. Não porque o padre ou o doutor me pediram. Parei porque tive vergonha e pena de mim. E vi que o paraíso não era aquele. Eu me ia, extraviado, transviado, pelos caminhos da serpente, arrastado pelo copo das ilusões. Até que um dia, numa tarde de sexta-feira, eu cheguei, aos mulambos, num desses bares chiques da vida, e pedi um chope. Alguns conhecidos levaram um susto:

– Mas o que é isto, poeta? Você está um caco! Ao ouvir tal sentença, me desmontei por dentro, fiquei tris-

---

te, desmoralizado. E fiz o que fiz: atirei o copo de chope violentamente contra o chão; e, ali, decidido, decretei o fim da odisséia ética, naquele preciso momento:

– Não bebo mais. É ponto final!

Uma cortina de lágrimas desceu pelas faces do meu sofrido rosto, e chorei um pranto aniquilador. A dor me devolveu à luz.

## SENTENÇAS



– Suba, tavarneiro vil, e bebamos. Aqui começa o paraíso.



Aquilo ali não era propriamente uma nádega. Era uma popa de navio. No que Thel caiu na risada.



Não lamento nenhum dos meus atos. Ao contrário, se pudesse faria-os acontecer novamente, com a mesma inocência e erupção de sempre. Mesmo porque em tudo que faço, imprimo a alma da poesia, a incongruência e a serenidade.

---

Bebemos tanto, num daqueles porres, que, no dia seguinte, nenhum de nós lembrava se, de fato, estivemos juntos.



Coisas de bebedor. Preocupado, aos extremos, em proteger o meu carro, estacionei-o na garagem, tranquei o portão por dentro e joguei as chaves no meio da rua.

Há tanto horror dentro do homem, que eu prefiro ficar de fora.



Eu era um homem apressado, aflitivo, sem tempo para ficar comigo.



Um dia fui ao cinema com a minha namorada, estava tão bêbado, que me esqueci da sua companhia. Deixei-a lá, sozinha, em plena sessão da tarde, e voltei para o bar.



O dia airoso, eu vi. E partimos para a carraspana, eu e o artista plástico Omar Souto, enquanto os pastos da noite estavam vazios. E após o tenebroso porre, que

---

durou um esticado fim de semana, de sexta à tarde a segunda de manhã, cada um de nós tomou seu rumo, sumiu. E caímos numa amnésia alcoólica tão inexplicável que, dias depois, ao nos reencontrarmos, na rua, nenhum de nós lembrava-se de mais nada, absolutamente, de nada. Sequer que estivemos juntos, sexta, sábado e domingo, na farra. Deu branco total na memória. A luz saiu do ar.



Aquilo ali tinha o sabor de uma eternidade estacionada no âmago das coisas. Nada de mal nos aconteceria, exceto, pois, a ruptura das correntes do nosso júbilo.

O gozo pelo gozo, no presente. Assim eu vivi. Assim eu bebi. Como se a eternidade dependesse dos meus gestos: um sorriso, uma fúria... Ah! O tempo do doidinho: o tempo do *bebinho* – esta página eu já virei. É passado e nada mais.

Quem sabe um dia tudo isto pode acabar em literatura. Conjecturava eu, em meio aos alaridos dos copos.



A mesma sociedade que, um dia, exorcizou a minha presença de bêbado – chamando-me de beberrão intragável – vive agora a me fuzilar com sarcásticas ironias: “Ficou velho depressa, hein, poeta, que camizolão, hein? Aposentado, fora de moda!”

---

Ora! Se eu bebia, era um sujeito socialmente marginalizado. Agora, longe do vício, sou um bosta n'água?



Caiu a tampa da minha alma, e correu bilis. Vergonha de mim mesmo.



De alegre quixotesco, fui aos poucos me transformando num capetinha de rua, por causa da impulsividade alcoólica. Tanto que, um dia, numa sexta-feira à tarde, tomei um murro na cara. E até hoje não sei porque.



Apagado, fora de mim, por causa da morbilidade etílica, (nunca saberei como consegui chegar em casa, lá na Chácara Chão de Espera) – com o rosto escalavrado e sangrando, estenderam-me sobre a cama. Ao acordar, eis que vi, para nefasto susto meu, uma jaracuçu, tranqüilamente enroscada no caibro do telhado, exatamente sobre a minha cabeça.

– Corre, Branca, uma cobra! Uma cobra! Traz o facão. Chama a dona Maria. Ela é quem sabe como matar esses bichos.

---

Todo homem tem que ter de quem fugir, mas principalmente para quem voltar.



Eu tenho amigos no céu e no inferno.



O corpo hospeda a vida. A vida faz a viagem.



O Doca, o Forde, o João Batista, o Zé Bordel, o Borginho, o Waldomiro Santos, o Chiquinho, para onde foram as almas desses infaustos beberrões, consumidos pelo álcool?



Conversando com a jornalista Suely Arantes, amiga de velhas labutas de imprensa, ela me disse: “Mas, Gabriel, escrever um livro só sobre o que você já bebeu, não dá. É pouco. Para caber os barris de chope e as garrafas de cerveja, consumidos por você, só mesmo nas páginas de uma imensa enciclopédia”.

---

Com os bebedores, eu sou solidário. Ir com eles para o naufrágio, nunca!

O beber e o não-beber é muito complexo. Cada um sabe o estômago que tem.



Escrevi este livro totalmente desacreditado no meu ofício de escritor. Qualquer que seja o desentupidor de pias, ou consertador de torneiras, ganha mais, muito mais, do que qualquer homem de letras deste país. A Arte pela Arte é inútil, não serve para nada.



Eu nunca vi maldade nas pessoas. E nisso, levo ferro.



Os homens do poder são todos uns mentirosos. Nunca foram amigos de ninguém.

E se preciso for, vendem até as vísceras da própria mãe, para permanecerem no trono.



Só conheci um líder popular neste planeta, que nunca esnobou poder: Cristo.

---

Entre biriteiros, harmonia e fidelidade, só nos primeiros copos.



Bebedor, que honra as calças, vai bêbado pro cemitério.



Para quem já bebeu, um aviso.  
A bebida é a peste que dorme no sangue.  
Um dia ela acorda.



O poder é a mais nítida imagem de todas as ilusões.  
É a história do retrato que sobe. É a história do retrato que desce.



O porre de licudez é mais violento de agüentar.



Eu vivo fugindo daquilo que procuro.



Depois que parei de beber, toda hora eu vejo lobisomem.



IMPROVISO DE MESA DE BAR

*O CÃO DE ASAS*  
(Para Gabriel Nascente)

Ergo-te,  
torço-te;  
mas quem és tu,  
anjo macabro?

E o diabo já  
me disse:  
– Afasta-te, oh!  
Homem maldito, que  
de tanta mágoa e  
pranto falho  
em desafio.  
E quanto mais  
me consagro,  
mais me martirizo  
em fantasia.

Sugo, e só sei  
sugar de teu  
martírio em  
agonia (...)

*Aliny Di Vhirgo*

OBRAS DO AUTOR



## POESIA

- Os gatos.** Ed. Cerne: Goiânia, 1966.
- Reflexões do conflito.** Ed. Oriente: Goiânia, 1970.
- Menino de rua.** Imprensa da UFG: Goiânia, 1970.
- Viola do povo.** Ed. Oriente: Goiânia, 1972.
- Colméia de anônimos.** Livraria Martins, Editora: São Paulo, 1973.
- Um balde cheio de flores para Manuela não chorar.** Ed. Oriente: Goiânia, 1974.
- Os passageiros.** Ed. Cultura Goiana: Goiânia, 1975.
- Menestrel de rua.** Ed. Oriente: Goiânia, 1976.
- Exilados do sol.** Ed. Goiás: Goiânia, 1977.
- A nova poesia em Goiás (Antologia dos poetas goianos).** Ed. Oriente: Goiânia, 1978.
- Colheita (A voz dos inéditos).** Unigraf: Goiânia, 1979.
- Pastoral.** Ed. Oriente: Goiânia, 1980.
- Águas da meia ponte.** Ed. Civilização Brasileira/Massao Ohno: Rio de Janeiro, 1981.
- Chão de espera.** Ed. Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 1984.
- Crônica da manhã.** Ed. da Universidade Católica de Goiás: Goiânia, 1985.
- Madrugada nos muros.** Ed. Líder: Goiânia, 1987.
- Janelas da insônia.** Ed. O Popular: Goiânia, 1988.
- Trono de areia.** Ed. Líder: Goiânia, 1989.
- A valsa dos ratos.** Ed. Luzes: Goiânia, 1992.
- A ponta do punhal.** Ed. Cerne: Goiânia, 1993.
- Ventania.** Fundação Cultural Pedro Ludovico, Gráfica Cerne: Goiânia, 1995.

---

**Sandálias de pedra.** Incursão poética ao Minimalismo. Editora Kelps: Goiânia, 1996.

**A lira da lida.** Prêmio Nacional "Cruz e Sousa de Literatura", Florianópolis-SC, 1996.

**Goiás, meio século de poesia.** Ed. Kelps: Goiânia, 1997.

**Os aventais da púrpura.** Ativa Ed. Goiânia, 1997. Prêmio da Bolsa de Publicações Hugo de Carvalho Ramos.

**El llanto de la tierra.** Seleção de poemas traduzidos para o castelhano por Dilermando Rocha, do Centro de Estudos Brasileiros de Buenos Aires. Edição de Sérgio Ramón Fuentealba e Cecília Zuñiga Sanhuesa, Concepción, Chile, 1999.

**O anjo em chamas.** Gráfica Central / Kelps, Goiânia, 1998.

**A taça derramada.** Ed. Kelps, Goiânia, 1999.

**A lira dos cinquent'anos.** Ed. Kelps, Goiânia, 2000.

**A torre de babel.** Ed. Kelps, Goiânia, 2000.

**S.O.S. para amar o Meia Ponte.** Ed. Kelps, Goiânia, 2002.

**Boa-noite, crepúsculo.** Editora da UFG, Goiânia, 2002.

**As tintas do teu pranto.** Editora da UCG, Goiânia, 2002.

**A dança do relâmpago.** Editora Kelps, Goiânia, 2003.

## OUTROS

**Um dia antes de mim** (novela). Ed. Da Universidade Católica de Goiás: Goiânia, 1986.

**Sentinelas do efêmero** (entrevistas literárias). Ediouro S.A, Rio de Janeiro, 1992.

**A cova dos leões.** Romance, Ed. Kelps. Goiânia, 1998.

**A escalada poética de Gabriel Nascente.** Seleção de estudos sobre a poesia de Gabriel Nascente, organizada pelo Prof. Manuel de Jesus Oliveira. Ed. Oriente: Goiânia, 1972.

OPINIÕES CRÍTICAS SOBRE  
A POESIA DE GABRIEL NASCENTE



(...) e onde fui encontrar a marca de uma personalidade poética intensamente mergulhada no drama do mundo contemporâneo.

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE, RJ, 1970

Para certa poesia reinante, sofisticada e cerebral, exangue de lirismo, desafiando-nos com o nevoento mistério de um transcendente mundo interior que só os eleitos e iniciados penetram, policiada por uma crítica que, com rigor científico, a expulsou do seu campo emotivo para integrá-la na matemática de rígidas estruturas verbais, os poemas de Gabriel Nascente, imprevistos e alucinantes, explodem como brados de protesto e irreverência. Uma espécie de Fernando Pessoa da quadra atômica, não raro pedestrenante demagogo, mas original, ingênuo, espontâneo e sempre artista.

O impacto de seus versos resulta da atmosfera social da qual deflagram. Era da comunicação, sua forma agressiva e contundente é uma linguagem de processo. *Colméia de anônimos* (Livraria Martins Editora, São Paulo, 1973) causará inquietação e pânico no melancólico arraial dos decadentistas (...) O pecado deste poeta é a sua lateralidade pessimista, mas esta resulta de um ângulo da tragédia cósmica atual que, pisando com pés humanos as estrelas, destrói mitos, sonhos e deuses.

MENOTTI DEL PICCHIA, SP, 1973

A poesia de Gabriel Nascente tem esse acento antigo e patético dos profetas ou dos alucinados, gaguejando num tom de maldição e de terríveis presságios. Parece-me a voz eterna da humanidade preocupada com problemas elementares e por isso insolúveis dos homens e de suas mesquinhas coisas.

Num mundo profundamente dominado pelo utilitarismo e pelo egoísmo, Gabriel Nascente é ainda uma força da natureza – vento ou nuvem – gritando coisas próprias desses homens que ainda muito jovens possuem um acervo tão grande de ciências e conhecimentos que ninguém sabe explicar como e quando as pode acumular. Num tempo em que a poesia é construída como se constrói um relógio, ele faz poemas como quem come com a mão.

Seu vulto, sua maneira de ser, sua arte lembram-nos Castro Alves ou Rimbaud.

BERNARDO ÉLIS, GO, 1972

Poeta Gabriel, chegou hoje aqui na floresta, os seus *"Aventais da Púrpura"*. Abri o livro, dei com estes três primeiros versos "Um galo esparrama a treva". / E punge longe o silêncio / pelas fendas do mistério". Fechei o livro e vim logo, no silêncio da madrugada na floresta, dizer que estou feliz com a felicidade que a sua poesia me dá. É verdade: "As águas da alcova / são de fogo". Viajo hoje de manhã para o rio Andirá, onde tenho a casa que mais me sabe. Vou levando os *Aventais* comigo.

Um abraço do seu companheiro.

THIAGO DE MELO, AM, 1998

O que vejo em seu trabalho é a ânsia pela verdade, o atordoamento que lhe causa a meditação sobre a vida, patente na sua própria declaração LXXXVII – “Aqui estou à espera da estrela / que possa caber no peito dos homens”. À espera da Verdade todos nós nos encontramos. *O Chão de espera* traz as pegadas dos andarilhos que somos.

NAPOLEÃO MENDES DE ALMEIDA, SP, 1985

Espantam-se os que confrontam a vasta bibliografia de Gabriel Nascente com a idade quase menina do poeta. Quem lhe conhece (e reconhece) o talento tem torcido os dedos em figa para que ele pare de publicar com tanta sofreguidão. Ou lhe tem puxado imaginariamente as orelhas nos botecos pelo simples fato de ele ser um gênio que amanheceu nos anos 60/70 – portanto, no auge do arbítrio – como se inconformado, embora vivesse em plena belle époque – quem sabe reencarnando a figura de um Paula Nei mais fecundo e consistente, quem sabe revivendo a despreocupada boêmia e criadora de um Emílio de Menezes sem banha e sem encilhamento.

Gabriel Nascente é um produto típico – melhor seria dizer atípico – desta geração sacrificada, já que, se em 1964 não passava de criança imberbe, seu estro só veio estalar nos negros anos subseqüentes. Em outras palavras: em pleno fascismo, e este, como se sabe, não costuma hierarquizar suas vítimas, ceifando, mutilando, tolhendo e massacrando tudo com a brutal eficiência de mil demônios ensandecidos.

A irrupção de seu talento se dá, pois, no momento em que o fascismo caboclo cava fundo um fosso entre as gerações, esterilizando culturalmente as mais jovens.

Seguindo o conselho de Robert Frost (“É o mundo quem julga se você é um poeta ou não”). Gabriel Nascente, ao revisar e reunir aqui (refere-se a *Águas da meia ponte*,

Civilização Brasileira/Massao Ohno Editores, Coleção Poesia Hoje, Volume 48, RJ, 1981) o que de melhor produziu, informa, que a sua poesia deixa de ser explosão de fogos-fátuos na noite da nossa insônia, para se fazer constelação, poderosa invasão de luz, manhã de sol faiscando na sensibilidade de cada um. Por quê? Porque Gabriel Nascente é antes de tudo poeta, irremissivelmente irmão dos anjos – e um poeta que sabe cultivar a metáfora e outras belas e cada vez mais raras figuras de estilo.

ANTONIO JOSÉ DE MOURA, GO, 1981

Aqui e ali, em seus poemas, pontos luminosos indicando as alturas a que atinge o seu espírito recriador; e, igualmente, aqueles instantes de baixo astral, em que forças borônticas parecem dominar o espírito, que se confunde e amesquinha com as chulices do cotidiano – mas, mesmo assim, consegue o poeta superar-se, sem perder o ritmo e a beleza, sem deixar de dar o seu recado.

Apontam os críticos esta nova fase de Gabriel Nascente, em que o poeta amadurece, afia melhor o seu instrumento, vence com mais facilidade a luta tremenda com as palavras, para produzir textos que podem ser tidos como definitivos.

TORRIERI GUIMARÃES, SP, 1982

Nesta altura do campeonato, quando você já pôs o time todo no campo (e os reservas), já varou tantos campeonatos, é um faixa preta incontestada, está com trinta e tantos “books” no campo... Você, sob qualquer consideração, justa ou não, é um santo. Embora se faça passar por um vira-lata sem dono. Como qualquer poeta da província ou d’Além mar. Você sim, tem dono, são as gentes e essa terrinha de Goiás, que muito estimam você, que não se deixam enganar por palavras minhas.

Você é um vigoroso ser que tem uma vigorosa poesia, que me parece muito leal ao seu tempo, o que é essencial. Você não é um emotivo, não é um educador: é antes um mais discursivo, admoestador, agitador. Mas que garra, que decisiva e vital participação! Você sempre foi um anjo estuprado pelos demônios do mal. Uma virgem num bordel.

JOSÉ GODOY GARCIA, DF, 1996

Li com sincera e crescente admiração os poemas de seu livro mais recente, *Janelas da Insônia*.

É uma obra madura, na qual, porém, você revela grande juventude espiritual e moral: ela é toda viva, calorosa nos sentimentos vigorosos que revela, tanto de bem-querer quanto de repulsa. Tenho comigo que, infelizmente, o avançar do tempo nos enriquece a capacidade de refletir sobre o que nos cerca, mas diminui ou embota nosso tonus emocional. Isso não se passa com você, embora aqui e ali aflore um colorido algo melancólico: *Janelas da Insônia* é um livro denso e tenso, full of sound and fury, mas – ao contrário do que escreveu o imortal Bardo de Stratford-on-Avon, signifying much!

ÊNIO SILVEIRA, RJ, 1988

Muito grato pela visita de sua bela poesia, dessa *A lira da lida* cujo primeiro poema já diz bem da força e da finura de sua Lira. Há, neste livro, pelo menos, uma dezena de poemas que o situam entre os poetas mais significativos de nossa modernidade. Composições como “As rugas do outono”, “Compêndio dos esquecidos” ou “As faces da faca” não me deixam mentir.

IVAN JUNQUEIRA, RJ, 1998

Que magnífica *Madrugada nos muros*. Que forte poesia! Que avalanche! Que relampejar surrealista do verbo!

Invejável. A vassoura dando coice na miséria. E o corpo saindo em devaneio como um boi saindo para os enigmas da morte. É isto: desordenadamente a vida nos arrasta.

Ainda outro dia eu dizia ao O GLOBO a propósito de uma pergunta idiota sobre a sucessão de Drummond: não há sucessão; essa questão é falsa e anti-drummondiana. O que há é uma dezena de bons poetas espalhados por esse País que deveriam ser melhor conhecidos do público. Não só porque os poetas merecem, mas porque o público os merece.

É o seu caso, Gabriel, em sua renascente poesia.

AFFONSO ROMANO DE SANT'ANNA, RJ, 1987

Custei mas posso dizer o meu presente! ao apelo que você faz com *Chão de espera*. Inteiramente de acordo com a sua poesia, bárbara, raivosa, revoltada e Chico. Gostei muito do seu livro. O título mostra que em você ainda há esperança. Eu me contento em ir escrevendo meus livros, onde de vez em quando brota um palavrão, uma obscenidade, uma escatologia que são a forma de protesto

que ainda resta aos 80 anos que completei a 5 do mês passado. O meu chão é o de des espera. Acredito em mais nada vendo os 130 milhões que dizem que somos, 130 milhões de cadáveres, dando a podridão de seu lombo ao relho. A gente de minha idade está na hora de passar o facho aos mais novos. Receba o meu, meio apagado e sobre-o e acenda-o com sua mocidade.

PEDRO NAVA, RJ, 1983

Após a leitura de todos os livros anteriores de Gabriel Nascente – cujos momentos mais altos geraram e impuseram o rumo destas reflexões posso e me empenho em afirmar que ele é um poeta que colhe a manhã em seus dedos porque pagou o preço de escrever “como se catedrais doessem à porta dos crepúsculos”.

(...) Gabriel Nascente em seu escolhido destino de poeta sabe o que é ficar “na direção de mil janelas”, pois “o ventre que me pariu / chama-se praça”. Seu olhar é longo, vivo, ágil, inquieto, turbulento, e se fragmenta – ora como chuva amorosa, ora desordenado como a areia de estátuas demolidas – sobre os vários aspectos do cotidiano do mundo e da natureza. Nesse cotidiano é que vai colhendo sombra de ossos, sóis desfalecidos, sorrisos paralisados, velas queimando à beira dos esquifes, fomes do ser humano, ou a sonoridade das enxadas e dos braços transformando a Terra à imagem e semelhança do sofrimento e das esperanças do Homem.

Gabriel Nascente, você é realmente um dos maiores poetas deste nosso país!

MOACYR FÉLIX, RJ, 1981

Com tua poesia límpida, ligada á terra e à gente. Por isso viva, cheia de infância e resitência, duração. Gostei de ler teu livro que se bebe com avidez de um copo de água pura ou se come com a precisão de um pão saído recém do forno. Labareda ou flor dentro do copo, sua palavra sabe da vida e dos irmãos.

CARLOS NEJAR, RS, 1980

Sua poesia não é apenas bela pelo que tem de forma; ela encanta e desperta aplauso pelo que encerra, pelo conteúdo. Desejo que continue a escrever assim e ajude o nosso povo a caminhar.

NELSON WERNECK SODRÉ, RJ, 1984

Cada livro seu me dá mais confiança no dia de amanhã. Porque poetas com a sua visão, sua pugnacidade, seu combate permanente é que fazem o amanhecer. E não deixam o sol se apagar, nem a lua sumir de seu luar para que possamos ver as faces do crime, as mãos dos fascínoras, a vergonha desses homens que se amacaram no poder para aumentar sua fortuna e diminuir a nossa (que nunca tivemos). Seu poema *Que país é este* precisava ser distribuído em volantes, de mão em mão, porque é um duro manifesto. E que tem feito você com seu poema senão manifestos contundentes, bofetadas na cara dos demagogos, dessa legião do povo? Mas o que mais me impressiona em você, na sua poesia, na sua disposição de luta é que você é incessante, não desanima, nem devolve o facão à bainha. Suas armas estão sempre em sua mão e são manejadas com esse privilégio que é o verso ardente, labareda. Olha: seu encontro com Brecht me leva a dizer

que você e ele são pelo menos parentes. Por fim, depois de um belíssimo passeio por Recife, volto à sua dedicatória para dizer que aquele verso “o sol operário dos meus dias” vale por quantas obras foram escritas para dizer isso mesmo... mas nunca o conseguiram. É um verso que vale por um comício, como diria Oswald de Andrade. Parabéns por tudo. E nunca se esqueça do velho admirador, com você sempre...

JORGE MEDAUAR, SP, 1988

Sua poesia continua viva e atuante, e testemunho disto é *Pastoral*, que recebi há pouco, e onde encontro muitas confirmações do seu engenho criador, sempre alerta diante da vida. Obrigado, poeta, pela mensagem generosa dos seus versos.

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE, RJ, 1980

O seu *Ventania*, sem dúvida alguma afastará para bem longe o cisco dos poemas epidérmicos de uma multidão de poetastros, que não trabalham como você, no eu profundo da linguagem e da vida. Parabéns por mais este tento.

ASSIS BRASIL, RJ, 1996

A sua poesia, que sempre apreciei, foi um prazer. Ela continua forte, inspirada, engajada e, principalmente, bela. A sua beleza multiplica a eficácia do engajamento. Isso não é para qualquer poeta.

NELSON WERNECK SODRÉ, RJ, 1988

Lendo-o, *Manuela* não se sentiria menos triste... Mas talvez sua intenção, ao contrário do enunciado, será antes a de abrir os olhos de *Manuela* para tudo que é vida, e o canto amargo, que não é único no livro, pois o rosto em pânico, as prisões do ser, a toada do desespero, enchem o balde de flores dramáticas, procura trocar em lucidez e consciência o pranto feminino. Enfim, seu livro deixa impressão funda – e foi a que me ficou da leitura imediata.

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE, RJ, 1974

... Sua *Crônica da manhã* – uma boa amostra da sua poesia, feita também de indignação oportuna diante do que há de brutal neste mundo.

OTTO LARA RESENDE, RJ, 1989

Em mãos, e já nos portais da alma, o teu *Trono de areia*. Excelente coletânea, onde o teu verso, mantendo o seu vigor inaugural, cresce em fatura e maturidade. A rispidez da lança e a pureza da semente mantêm-se, mas já temperadas pela chama holocausta da forja. Embora os “búfalos (continuem) mordendo as nuvens”, ao poeta há de caber sair “pelas manhãs libertando (suas) rebeldias de anjo”, “reconstruindo-se em metáforas de sonhos” e “recosturando suas entranhas” (RP-66).

Vai em frente, anjo anunciador, que nasceste para perturbar as gentes com tua palavra forte, generosa e bela.

ANTONIO CARLOS OSÓRIO, DF, 1990

Começemos com dois livros do poeta goiano Gabriel Nascente: *Os aventais da púrpura* (Goiânia: Ativa, 1997, 160p.) e *A lira da lida* (Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1997, 176p.). O primeiro nos mostra um poeta que, embora sempre se distinguindo pela veia combativa, sabe cuidar da poesia enquanto pura expressão verbal, ou seja, não se preocupa em expor e condenar apenas, e sim em construir uma obra poética. Para tanto, curiosamente, excele neste livro pelo emprego exaustivo da metáfora e das imagens inusitadas. Os exemplos enxameiam por todo o livro e seria fastidioso enumerá-los. Digamos apenas que semelhantes metáforas nunca aparecem como um fim em si, o poeta não se compraz em criá-las para encher olhos e ouvidos do leitor. Assim, pelo contrário, funcionam como suportes da visão do poeta em relação ao mundo como ele o vê, algo um tanto caótico, porém assimilável e passível de mudança. Vale-se Nascente de figuras da mitologia grega (Orfeu, Jacinto, Sísifo), da Bíblia (Salomão), e da pessoa de outros, já clássicos (Keats), para estabelecer os parâmetros do livro: uma reflexão sobre a existência e sobre a função da poesia. Nascente se inclina para o poema curto e incisivo,

muito bem elaborado, e suas imagens afinal compõem um discurso cuidado que abre vastas perspectivas de interpretação da sua poesia.

Um aspecto dessa poesia será o uso de paronímias, por vezes aliteradas, que Nascente emprega para realçar as imagens: “Tordilhado fui tordo”. (pág. 24). Em *A lira da lida*, tal aspecto surge desde o título, mas não só não é gratuito como o poeta, sem insistir nele, se ocupa mais em elaborar uma poesia (Lira) que surja do esforço (Lida) em obtê-la. Vemos aqui Nascente muito mais preocupado com o acabamento do poema, sem abrir mão de suas imagens e metáforas, que formam um conjunto bem mais coeso que no livro anterior. Diga-se de passagem que ambos os livros, quando inéditos, foram premiados: *Os aventais da púrpura* obtiveram o 1º lugar no Concurso Literário Hugo de Carvalho Ramos, em 1997; e *A lira da lida* ganhou o Prêmio Cruz e Souza de Literatura, seção Poesia Nacional, no mesmo ano, conferido por um júri do qual fiz parte juntamente com Affonso Romano de Sant’Anna e Alcides Buss. Mantendo esse pendor para a imagem inusitada, a metáfora quase surrealista, Nascente retorna à prática da poesia humana que já o distinguira desde *Chão de espera* (nova edição, 1981). Seus poemas onde ele cuida de “imprimir estesia nas palavras” (p. 26) são igualmente o lugar em que a poesia é feita “de carne, tumulto, execrações” (p. 80). Num estilo a um tempo agressivo e intimista. Gabriel Nascente faz vigorar sua poesia voltada para si mesmo e para a vida exterior, num conjunto de união perfeita e bem acabada.

FERNANDO PY, RJ, 1999

A sua poesia é de uma riqueza lexicomagística, de uma limpeza, de uma liberdade exata admiráveis. Há versos ou estrofes suas que valem mais e são mais prenhes de poesia do que livros inteiros que por aí se publicam.

ALEXEI BUENO, RJ, 1998

Cumprimento-o pelo Prêmio Cruz e Sousa e pelas opiniões consagradoras transcritas nas abas do volume de *A lira da lida*, às quais não me atrevo, por dispensável, acrescentar o que quer que seja. Cordialmente.

JOSÉ PAULO PAES, SP, 1998

Um aspecto que me parece bastante válido para o conjunto de obras de Gabriel Nascente (seis livros em apenas oito anos) é a constância com que ele o está construindo. Daí a possibilidade de se falar da sua confiança no poético, na sua fidelidade a si mesmo e (por que não) na sua total indiferença aos que, camuflada ou provincianamente, tentaram ou ainda tentam desmerecer as suas conquistas pessoais e intransferíveis.

Não se trata de um poeta de iniciação tribal. Neste sentido, aliás, é o poeta mais solitário de Goiás ("Eu sou / uma solidão / que anda"). Daí também a sua força produtiva: escreve para si, para a Poesia e para esse além de si que é o povo, na sua mais alta concepção antropológica e poética.

GILBERTO MENDONÇA TELES, RJ, 1975

Unamuno, num ensaio em que diferencia eloquência e ênfase, defendendo esta, mas mostrando que a confunde com a primeira, adoraria estes versos de Nascente: *Ó desordem imensa de homens intimados / à melancolia sádida das palavras! / Ó desajeitados serventes do mundo! – Plebeus, sorrisos de mocambo. / Ó pés tão íntimos da terra, / operários do destino.*

Gabriel Nascente é o Evtuchenko do Brasil. Porque ele ganhou o direito de dizer as verdades, dizendo as próprias.

FERNANDO MENDES VIANNA, DF, 1970

Desde os dezesseis anos (*Os gatos*, 1966) vem Gabriel Nascente violentando os espíritos, conflitando opiniões, de qualquer maneira se impondo em nosso palco literário, se não pela forma ainda inacabada, ao menos pela indiscutível multivalidez de seus achados, pelo nervo, pela consistência de sua expressão poética. É uma força. Força que se afinou progressivamente através de *Reflexões do conflito* (1969), *Menino de rua* (1970), *Viola do povo* (1972) e do inédito *Colméia de anônimos*. Não se trata portanto de um anônimo, de um obscuro que o artifício de um apadrinhamento amigo procure valorizar. Nem sua poesia precisa disto, pois já se pode proceder honestamente à avaliação estética e humana de seus versos, como um de seus críticos neste livro (refere-se a *Escalada poética de Gabriel Nascente*, de Manuel de Jesus Oliveira, Editora Oriente, Goiânia, 1972) intentou, concluindo que esse “importuno” adolescente é um espírito “fadado a construir uma grande e inabordável edificação”.

Quanto ao desencontro de opiniões, a não-aceitação unânime de seu alcance, as interpretações mais ou menos geralmente endossadas de que sua obra não passaria de retardada expressão de um derrotismo “fin-de-siècle”, certo é que muitos não souberam ver que o “menino de rua”, por exemplo, é uma visão, uma constatação de ordem

social, e não uma pessimista, amarga, angustiada e trágica revulsão do poeta sobre si mesmo, ressumando tédio e íntimo desespero – o que, aí sim, o delimitaria como um tardo fruto do mais ronceiro romantismo. Muitos não souberam perceber que Gabriel se arma de uma visão não só de ver, mas de somar e relacionar os elementos que o cercam e absorvem. E o faz manipulando como instrumento *essa ferramenta fundamental que é a vida*. Assim a sua amarga consciência do poema, se expressa a revolta do feto em vir a um mundo de ódio conturbado pela bomba, também exprime a visão do momento em que, superada a ameaça da destruição da Poesia, *cada homem levará / uma estrela para o plantio, / o amor será geral, / todas as mãos estarão dadas / na construção do novo dia, / e uma manhã tão grande / como a alegria de um menino / se estenderá sobre o mundo*. Elementos de força assim, jovem e indomável como Gabriel Nascente, são garantia suficiente de sobrevivência da poesia.

DOMINGOS FÉLIX, GO, 1972

Este Gabriel não é – positivamente – o anjo do bem, mas sendo anjo do mal anda fabricando suas peças de bondade como esta viola (refere-se a *Viola do povo*, Ed. Oriente, 1972) que não dá ao povo: antes a devolve sem polí-la em demasia, mas suficientemente afinada para que todos nela possam tocar, pois a todos ela tocará, sensível que é, sensíveis que são: o poeta, a viola, o povo – agora seu dono.

Se a doença da poesia moderna é não incomodar a ninguém esta viola, este Gabriel, desse mal não sofrem. Viola e poeta continuarão inoportunos durante muito tempo. Ainda bem.

REYNALDO JARDIM, GO, 1972

Comecei por *O Anjo em Chamas*, atraído pela ilustração de Omar Souto e pela raridade em encontrar um livro composto a quente, em linotipo, o que me lembrou o nosso (in)comum Amigo e Editor Taylor Oriente, Quixote de tantas liças. Tanta coisa já se escreveu sobre Rimbaud, e agora vem você dizendo coisas inteiramente novas. O poeta das Iluminações com certeza deve estar muito feliz.

Não é fácil para um poeta ser também mão leve na prosa. Ao adentrar *A Cova dos Leões*, logo se percebe que romance também é sua praia. Realmente anda faltando algo de novo no gênero. Pra lá de válida a sua incursão, a sua nova experiência.

Os catarinenses é que foram premiados ao lhe darem o Prêmio Cruz e Sousa com *A Lira da Lida*. Não lhes restava outra saída. E com isso o Brasil inteiro saiu ganhando. A edição ficou um primor, com gabarito para atingir todos os pontos do orbe.

ADOVALDO FERNANDES SAMPAIO, GO, 1998

Não só como o rapsodo, mas como artesão de imagens, Gabriel é a voz mais ferozmente autêntica de nossa época. (...) Gabriel Nascente, sem dúvida, é a mais permanente presença poética na língua portuguesa falada no Brasil. Há trinta anos exterioriza os grasnidos de uma alma inquieta, como se sozinho carregasse as litâneas de uma geração de defuntos.

AIDENOR AIRES, GO, 1993

De uma coisa tenho certeza: quando passar o último expresso de superfície, levando em suas canseiras os despojos da memória, ainda restará a perenidade da obra poética de Gabriel Nascente.

JOSÉ MENDONÇA TELES, GO, 1994

A cosmovisão de Gabriel Nascente é singular, por isso mesmo incompreendida, mas nunca incompreensível. A sua “dor-de-ser”, o seu desespero manifesto, a sua maneira interjectiva de exprimir o mundo que o cerca, conferem à sua poesia certa originalidade: ele retrata o próprio homem sensível, o vate que “gane para a eternidade”.

ÁTICO VILAS BOAS DA MOTA, GO, 1970

Gosto muito de sua poesia, que consegue – com economia verbal – mostrar a brandura e a beleza das coisas (O caminho para o pão / é trigo). E com humor inteligente.

MIGUEL FLORIAN, SEVILLA, Espanha, 2000

Seu livro sobre Rimbaud: *O anjo em chamas*, é belo, flamejante e de intensa adesão à chama do poeta.

LUCIANA STEGAGNO PICCHIA, Roma, 1999

Li o seu *Madrugada nos muros*. Sua poesia me agrada porque vibra, participa, vive – de um lado – e mostra – de outro lado – uma alta qualidade. Já conhecia a que nível ela pode chegar mas os versos de “Na Fazenda Dulcinéia” e de “Natal”, mostram-me que ela é ainda ascendente.

NELSON WERNECK SODRÉ, RJ, 1987

Não preciso dizer a você que fiquei comentando aqui alguns dos poemas, de uma densidade verbal rara, de uma força vocabular madura e contida, destilando a tragédia pública e a ela colocando a sensibilidade de um poeta maduro. Não vou lhe dizer qual o poema de que mais gostei, pois eles formam uma unidade gestaltiana impossível de se separar em partes. Um universo mágico e trágico, mas elaborado em linguagem das mais condensadas e verbalmente fortes (permita-me este termo agora desprezado pelos corifeus da crítica universitária) atingindo a dramatização desse seu universo doloroso e vibrátil.

CLÓVIS MOURA, SP, 1985

Essa sua linguagem, própria, pessoal e inimitável faz de você o poeta não apenas do protesto goiano, oriundo dos problemas regionais, mas o poeta que desdobra a sua poesia como continente de uma angústia maior, cósmica que lhe dá uma dimensão universalista.

CLÓVIS MOURA, SP, 1988

Gabriel Nascente é o maior poeta vivo de Goiás. Trouxe ao mundo versos que voam nas alturas de Pablo Neruda e Venícius de Moraes, porque chegam molhados de alma, com a inspiração em chama, e não a poesia pensada ao seco dos sentimentos. Nem é um desses antológicos de um verso só na vida, mas um caudal que se despeja entornado de oceanos.

O poeta Gabriel Nascente parece ter relação sexual com as palavras, que se entregam aos seus poemas derretidas como mulheres fazendo amor. Ele não vive aqui aonde está. Sua cabeça viaja mundos lá onde as estrelas se esfrelam de luz ou talvez ali mesmo no coração do menino que nunca será velho nesse Gabriel que não escreve sua poesia, mas a poesia é que escreve o Gabriel.

BATISTA CUSTÓDIO, GO, 1999

No segmento da tradição discursiva da Geração-60, pelo menos 10 poetas realizaram textos épicos de alto nível. Nada semelhante a Homero ou Virgílio, Dante ou Milton, Camões ou Tasso, mas em perfeita consonância com a realidade da épica e com o “horizonte de expectativa” do nosso tempo.

Gabriel Nascente abre o ciclo com *Menino de rua* (1970) revisto e reeditado (1984) com o título de *Chão de espera* (mudança poetizante porém desprovocante), em que disseca o cotidiano grotesco dos abandonados e explorados, sem pouso e sem rumo, numa realidade em que apenas a linguagem poética consegue infundir alguma esperança.

PEDRO LYRA (In *Sincretismo / A poesia da geração-60 – Introdução e Antologia*, págs. 107 e 108, Topbooks, Fundação Rioarte, 1995)

A sua monumental *Torre de Babel* trata-se de uma poesia afinal otimista, sábia, culta. Parabéns. O seu berço, a cidade de Goiânia, revelou-se nestes últimos anos uma extraordinária usina de literatura.

LUCIANA STEGAGNO PICCHIA, Roma, 2000

Belo e opulento *A Torre de Babel*, cujos poemas já comecei a degustar. Você faz muito bem em não cogitar de salvar a humanidade, mesmo porque ela não quer ser salva, como cheguei a pensar quando era adolescente. Não só por sua densidade cósmica, mas também por seu teor de lirismo e de meditação sobre a vida e a linguagem, julgo ser este seu melhor livro de poesia. Mas é bem de ver que a vida ainda não terminou. E muito menos o seu estro.

IVAN JUNQUEIRA, RJ, 2000

Neste inverno carioca, pude aquecer-me por bons momentos com *A taça derramada*, obra de grande intensidade poética do consagrado goiano Gabriel Nascente.

Sorvi, degustei, amei.

O poeta derruba mitos temáticos de forma inusitada. Vai fundo nas teses e antíteses e transfigura a palavra arqueológica. Faz escavações na morada dos deuses e traz o poema lapidado à luz e o entrega aos mortais privilegiados.

Gabriel Nascente é um mestre.

EDIR MEIRELLES, RJ, 1999

Não é comum que um poeta brasileiro lance um livro com o requinte desse *A Torre de Babel*, do goiano Gabriel Nascente. Em suas 593 páginas comprime-se a poesia de um dos mais fecundos poetas em atividade em nosso país, com dezenas de livros publicados, inclusive um romance e uma novela. Seu Lebensraum literário, porém, é mesmo a poesia. E poesia é o que esbanja *A Torre de Babel*. No autobiográfico poema "O discurso dos cinquent'anos", afirma: "Sou filho de marceneiro / e aprendi poesia, no outono, / com o gemente assovio das cigarras: / cordas de metais que ardião na solidão dos ventos (...)". Sem a "angústia da influência", mal calvinista diagnosticado por Herold Bloom, Nascente louva com poemas os poetas que ama: Shakespeare, Laforgue, T.S. Eliot, Nerval, Whitman, Pessoa. Sobre este último, canta: "Bendito Fernando Pessoa / eu me encharco da robusta / metafísica dos seus versos (...)". Seu poema "A torre da ereção", contraparte da outra torre que dá nome ao livro, é uma saudável contribuição à lira de Eros. Enfim, a loquacidade poética de Nascente não cabe num único estilo. Como Mário, é múltiplo, mesmo na poesia ligeira.

NELSON PATRIOTA, RN, 2000

Um conjunto de poesia, é a justa definição para evocar uma obra considerável, através da qual cavalga-se por toda a geografia íntima de um homem, para quem a Poesia, tal como para Paul Valéry, poderia ser um "infinito estético". A menos que uma linguagem reinventada. Reencontros com os deuses antigos sobre as encostas de uma HYMETTE,\* oferecida às musas.

\* *Hymette – Montanha de uma península da Grécia Central.*

JEAN-PAUL MESTAS – Cadernos de Poesia – JALONS nº 68 –  
2000 – Nantes-FRANCE. Tradução de Heloisa Helena de Campos  
Borges.

Não poderia deixar de fazê-lo com a sua *A Torre de Babel*, exemplo de poder poético e anímico erguido no meio desta selva de ninharias que invade os suplementos literários. Parabéns pela beleza e o fôlego de seu livro.

ALEXEI BUENO, Rio de Janeiro-RJ, agosto de 2000

Fiquei orgulhoso de você, vendo essa *A Torre de Babel*, um livro lindo com poesia para encher a alma e os dias. Em 97 ajudei a dar-lhe o Prêmio Cruz e Sousa de Literatura, já que era da comissão julgadora. Vejo agora que aquela decisão era acertadíssima.

No Brasil, a sua literatura não está restrita ao eixo Rio-SP. Não! Está aí, do Oiapoque ao Chuí. Com charme e graça.

ALCIDES BUSS, Florianópolis, Agosto de 2000

Recebi o livro do Gabriel Nascente. Belo trabalho. Vou escrever umas linhas ao autor. Pelo seu bilhete e pela cronologia do poeta chego à conclusão que a lucidez deste século ficou nas mãos dos loucos. O Gabriel tem fôlego de inventor, colhe metáforas de todas as árvores, tem imaginação ora controlada, ora delirante. Cavalga a palavra com facilidade, leva-a ao cocho quando tem fome. Quando é alada, dá-lhe alpiste.

FÁBIO LUCAS, São Paulo-SP, dezembro de 2000

Agradeço-lhe, muito, o envio de *A Torre de Babel* (Goiânia, Kelps, 2000), coletânea inesquecível de belos poemas.

De onde vem o poder verbal do poeta, sua forte originalidade? Em primeiro lugar, a meu ver, da decisão estética, presente em vários poemas. Fugindo ao cerebralismo e à fria e limpa construção poemática, o autor de *A Torre de Babel*, numa espécie de ascese iniciática, entrega-se totalmente à embriaguez da imaginação e cultiva, em atitude de protesto ou de desafio, o permanente efeito de estranhamento.

Diz: “Sou poeta no escuro” (em “A iniciação do íntimo”). No poema “O diálogo do acaso”, o eu-lírico se confessa “flautista/do caos”. E destaca: “Oh santíssimo parto de horror/arranco espinhos do teu pranto/Amor”, do poema “O dançarino do caos”.

Como bom inquiridor, Gabriel Nascente cuida da natureza da expressão poética. E a manifesta, copiosas vezes, em metalinguagem. Assim, em “O dançarino do caos”: “Tu, operária de mil/ cítaras, canta comigo nesta/boca de amaro gosto:-/a solidão está no osso” O efeito-catarso se denuncia frequentemente.

Aprecio no poeta as imagens grotescas, cheias de sugestões: “Passo batom no sofrimento e pronto!”

“O espólio” traz um roteiro de emoções: “o céu está colmado de emoções”, observa o poeta, que cultiva o efeito de estranhamento com assiduidade, colhe metáforas ousadas, às vezes, luminosas. Sabe explorar o grotesco sem cair na vulgaridade, pois o seu texto é culto, assimila furor e maestria, esta fruto da experiência literária.

Deste modo, *A Torre de Babel* representa elevado momento da expressão lírica no país.

FÁBIO LUCAS, São Paulo – dezembro de 2000

“(...) O pêndulo da vida é meu verso”, diz o poeta no poema *Um sorvete com Deus*. Em *As sentenças do alento*, enuncia: “(...) Em cada vocábulo uma/bandeira do meu sangue.” E no *Editais à praça* assinala: “Declaro a quem interessar possa/que vivo maritalmente com as palavras./ E que a poesia me faz refém/do seu engenhoso afã de quimeras.”

Estes são versos soltos da primeira parte – *Fardos* – de *A Torre de Babel*, do poeta goiano Gabriel Nascente, publicado pela Kelps, 2000. A esta primeira parte devem se reunir *Almas na vitrine*, *Dardos*, *O cálice oculto (poemas bíblicos)* e *Excertos do paraíso perdido* para se completar a monumental obra poética do autor.

Dicção de linhagem órfica e delirante, a poesia de Gabriel Nascente não teme o peso das palavras e não se atemoriza perante as ondulações de ritmo nem perante a convocação alucinada das imagens. Ao seu estuário temático tudo conta se possuir, evidentemente, as contradições da realidade, sobretudo da realidade contemporânea, com sua característica e perversa inversão de valores. Daí, seu tom às vezes irado e às vezes profético já sinalizado por Bernardo Élis em nota de contracapa. Daí sua quase obsessiva recorrência ao motivo da própria criação poética, principalmente no livro primeiro, como uma espécie de antídoto vigoroso e patético ao pragmatismo e à massificação do mundo contemporâneo.

Não são poucos os poemas nem são poucos os versos em que a poesia, no seu imperativo e no seu milagre de existir, se impõe como ícone semântico de uma voz dilacerada que, a seu turno e por conta mesmo do seu ideário estético, não abdica de tecer, na melodia dos versos, as sobras de paisagens, de sonho, de afetos, memória e recordação que a indústria cultural, como bem o diz Alfredo Bosi, em *O ser e o tempo da poesia* “não conseguiu manipular para vender”.

Diríamos, pois, que no território intrínseco da poesia de Gabriel Nascente, há essa polarização entre o sublime e o grotesco, entre essência e aparência, entre o patético,

trágico e lírico do olhar poético e o prosaico, mundano e vulgar do olhar consumista, elaborando, sobretudo no baialado das imagens e das imagens tantas, as tensões primais e emblemáticas de sua visão de mundo. Uma visão de mundo eivada daquela idéia estética, mas também ética, de qua a arte, e no seu caso específico, a palavra poética, redime os desconcertos do mundo.

Num texto intitulado *O discurso dos cinquent'anos*, fala o eu poético que é “apenas um homem/em experimentos com a vida./ Um vôo da obra inacabada.” Mais adiante continua: “(...) estou vivo./ absolutamente engrenado no fulgor/deste milagre: estou vivo, repito. (...) E venho de uma geração, cujos entardeceres/enloqueciam nossas mentes, a ponto de/esquecermos a hora do fim, e seus trágicos badalos do silêncio.” A conclusão do poema se cristaliza neste verso fatal: “Que briga terrível – a poesia me venceu”.

Pois bem, poeta do seu tempo, mas sobretudo poeta da poesia, Gabriel Nascente parece advir daquela linhagem do visionarismo pré-romântico que vai desemborcar, já no pleno reino da modernidade, nas estepes oníricas do surrealismo, responsável, ao fim, por uma taxa imagética de ingerências semânticas radicais, a exemplo do que podemos observar em certos volteios da poesia de um Jorge de Lima e de um Murilo Mendes, poetas com os quais Gabriel Nascente se revela visíveis afinidades.

À tonalidade profética e utópica de sua poesia, respingada aqui e ali das águas eróticas e sensuais, some-se o dialogismo intertextual com as altas vozes da lírica ocidental, clássica e moderna, assim como a reescrita de motivos gregos e latinos e; em particular, do discurso bíblico, para se ter uma idéia da complexidade de *A Torre de Babel*.

Aliás, o título da coletânea não é gratuito. Dentro da tradição cristã, a expressão e o episódio da torre de Babel possui uma simbolização múltipla correspondente às simbolizações de outras culturas. A idéia de vigilância e de

proteção junta-se também, por exemplo, o viés do chamado mito ascensional no sentido de se evocarem ou de se projetarem os motivos de grandeza, altitude e divindade. Ora, tais sentidos se coadunam perfeitamente com a idéia geral de poesia que atravessa a pluralidade poemática de *A Torre de Babel*.

Na altura dos seus cinquenta anos e autor de uma vasta obra poética, da qual podemos destacar títulos como: *Os gatos* (1966), *Colmeia de anônimos* (1973), *Exilados do sol* (1977), *Janelas da insônia* (1988) e *A taça derramada* (1999), entre outros, Gabriel Nascente consagra-se como uma das vozes mais representativas da poesia brasileira contemporânea.

HILDEBERTO BARBOSA FILHO, João Pessoa-PB, Janeiro de 2001

Antes que o tempo passe demasiado, eis-me a lhe agradecer a gentileza do envio de seu último livro, *A Torre de Babel*, que já ao primeiro olhar impressiona pelo título, pela ilustração e pelas seiscentas e tantas páginas! Infelizmente só pude percorrê-lo em diagonal, depois de ler seu magnífico prefácio, onde você reflete sobre a sua arte poética. Um dia vou fazer um ensaio abrangente de tua produção poética. Há muito já que descobri que voce é realmente poeta... Vejo pelas datas das Obras que já lá vão mais de 30 anos de poesia. É preciso que isso seja registrado em um estudo. Ele está nos meus projetos... um dia sairá. Estou atolada em compromissos acadêmicos, mas uma hora acabarei chegando em bom porto!

NELLY NOVAES COELHO, São Paulo-SP, agosto de 2000

*A taça derramada*, de Gabriel Nascente (Goiânia: Kelps, 1999). O poeta goiano é um daqueles que, sem esforço, se movimentam habilmente no terreno das palavras; com isso, quero dizer, que Nascente maneja com segurança um vocabulário variado, em que não raro está presente o erótico e o lúdico, entrelaçando-se a estes uma profunda noção do sentido social e da posição que ele, poeta, deve assumir diante do mundo. Nascente põe o sentimento do amor a serviço de sua poesia, e esta a serviço de sua integração no cosmo, como veremos no seu ciclópico poema universalizante, *A Torre de Babel*, que futuramente analisaremos. No livro presente, o que se nota de imediato é um poeta versado na mitologia grega e que aproveita as entidades mitológicas para fazer uma reflexão sobre a existência, seja nos embates amorosos, seja na pura meditação sobre as perdas ou a inutilidade das coisas. Aliás, é impossível deixar de perceber um certo sentimento de nulidade e frustração, não diante da vida, mas da miséria do nosso país. Em vários trechos, as imagens, – diga-se de passagem que Nascente sempre se mostrou um grande criador de imagens e metáforas – indicam, sobretudo, frustração e negativismo, como, p. ex., em “Ventania” (p. 43): “O vento foi tão forte / que derrubou estrelas”, ou em “A morte da rolinha” (p. 44): “A luz ficou de costas”. A própria expressão de *taça derramada*, do título, aponta para algo perdido e que não se consegue reaver. Seja como for, a poesia de Gabriel Nascente permanece firme em seu posto de uma das mais inteligentes e instigantes do Brasil de hoje.

FERNANDO PY, Petrópolis, RJ, fevereiro de 2001

Muito lhe agradeço a gentileza de seu generoso gesto, ofertando-me mais dois livros seus. Andei varando madrugadas para lê-los, levado sempre pelo prazer dos encontros e reencontros com uma literatura que se renova e inova continuamente.

Lembro-me de você desde quando, encontrando-me com o Resende, na Brasil Central da Avenida Araguaia, você entrou, eufórico, acompanhado de um leitor que adquiriu *Os Gatos* e recebeu seu autógrafo. E nunca mais parei de seguir, com vivo interesse, a sua trajetória, marcada de fidelidade à arte e de total dedicação, o que faz de você um dos poucos escritores profissionais de verdade.

*A Taça Derramada* já convida desde a capa, com o belo – e muito bem escolhido – quadro de Ismael Nery. Essa “Mulher com Ramo de Flores” casa-se, à perfeição, com os poemas que o livro encerra. Todo um universo em 84 páginas. Primor de síntese e de emoção. A nota biográfica e a relação das obras do Autor como que não põem fim à poesia dos textos precedentes, porque lembrar um ou outro (digamos logo: todos) título de livro seu é uma forma de retomar um tempo que insiste em voltar; a leitura de tal e tal livro, em tal e tal época, em tal e tal circunstância é renovar a alegria de situações que não se perderam, felizmente.

*A Torre de Babel*, uma obra-prima de arte gráfica e bom-gosto, não é a torre da separação nem da confusão, mas o mirante de onde se descortinam os longes mais remotos e as ternuras e descobertas mais próximas, ao alcance das mãos, ainda que por vezes insistam em ser fugidias. A torre das milhares de vozes. É um livro-rio, um livro-mar: toda uma poesia que se faz grande para oferecer-se inteira, íntegra, inconsútil, sem divisões. Total e plena, sem interrupções. Um livro que, por ser tão diferente, lembra (só por lembrar) *The Cantos* de Ezra Pound.

Você construiu toda uma obra com dedicação e entrega totais. Seus milhares de exemplares que estão em toda a parte, mostrando o ser humano em sua grandeza e in-

dignação, em suas constatações, em sua essência, certamente têm feito com que o mundo mude, em alguma coisa, a cada instante. Magia e encantamento que só um mago, um malabarista das emoções, um prestidigitador de incontidas ternuras e vivências, de gritos e sobressaltos, faz acontecer.

ADOVALDO FERNANDES SAMPALO.

Goiânia-GO, outubro de 2000

Ao receber seu livro, fiquei me lembrando de um pensamento de Maimônides, que guardei de um livro que estou lendo: *Um pensamento, uma palavra, um ato podem inclinar a balança do indivíduo – e de todo o universo – para o lado do mérito*. Quanta sabedoria!

Enfim, o que importa: li, com real interesse, o alentado volume que você me trouxe, e nele vejo um poeta com múltiplos recursos. Nem sempre “torrencialmente lírico”. Às vezes também contido, com o pé no estribo, domando a emoção com rédea curta. Poderia, sem dúvida, devolver-lhe o paradoxo que você me endereçou. Igualmente, “Jaz (de pé) sua poesia, entre as melhores deste país”.

DARCY FRANÇA DENÓFRIO, GOIÂNIA-GO, DEZEMBRO DE 2000

Estou aqui perplexo, atônito, pensando em sua volumosa e brilhante produção. Pensei que fosse a reunião das “obras completas”. Não, é mais uma pedra (fundamental) no seu edifício poético.

Um diálogo rico em tradição. A gritar revificado em seu peito goiano, no Planalto Central de sua fúria poética.

Você é mesmo de uma estirpe rara hoje em dia quando produzem uma poesia raquítica e minguada.

AFFONSO ROMANO DE SANT'ANA,

Rio de Janeiro-RJ, Setembro de 2000

## VÓRTICES DO RELÂMPAGO

Inobstante o caráter visceralmente percível de todas as reflexões que se propuseram a elucidar o misterioso fenômeno da criação poética, parece hegemonicamente consensual a idéia segundo a qual, para além de uma imantação de certas invisíveis potências do espírito humano, ela sinaliza também, inequívoca e paradoxalmente, para a fragilidade e incompletude desse mesmo espírito em face da materialidade bruta do mundo, e do ontológico desconcerto que insiste em pairar sobre tudo, adiando, para um incerto e imprevisível futuro, um projeto de utopia eternamente acalentado pelo homem. Criar, portanto, à luz dessa perspectiva, se constitui numa confissão de insuficiência e num desejo de superação.

A criação poética de Gabriel Nascente, que há mais de três décadas vem sendo gestada lenta e maturadamente à luz de peculiaríssima dicção, move-se numa perspectiva irresistivelmente dialética e bifronte. Fazendo da poesia a sua inapagável chama de fé e esperança, ele confere ao seu verbo uma tonalidade densamente profética, com o objetivo maior de devolver à poesia uma posição de destaque, esse que ela já não mais ocupa no *telos* da modernidade, substituída que foi pela retórica farsesca das ideologias e pelo discurso massificador da indústria cultural, entre outras instâncias amesquinhadoras do homem.

É por esse patamar que flagro, no vigoroso imaginário poético de Gabriel Nascente – no livro *A Dança do Relâmpago*, publicado em 2003 – aquela dimensão de resistência apontada pelo mestre Alfredo Bosi, em seu magistral ensaio *O Ser e o Tempo da Poesia*. A nostalgia de um paraíso perdido, e o pós-revolucionarismo de matiz pragmaticamente engajado, e o autodebruçar-se sígnico de obsessivas sondagens metalingüísticas compõem a tríade de um construto poético impregnado de indisfarçável ânsia participativa.

Longe das cláusuras absenteístas das torres de marfim, a poesia de Gabriel Nascente cartografa o diagnóstico exa-

to de um mundo sem aura, daí a confissão, sem concessão ao disfarce metafórico, presente no corrosivo poema “A Escada do *Spleen*”.

*“A vida foi ao shopping  
comprar remédio:  
o mundo está podre”.*

O shopping, templo moderno do bem-estar e do consumo desenfreado, finda convertendo-se no ícone privilegiado de uma sociedade que hipertrofiou o ter em detrimento do ser, tornando-se, pois, incapaz de ocultar o seu congênito estado de enfermidade espiritual.

No poema da “Desolação (À Guia do Que Virá)”, marcado, em toda a sua tonalidade épica, por visíveis ressonâncias bíblico-apocalípticas, o poeta investe contra as múltiplas formas de desumanização do homem, mormente a guerra, que, com seus “tonéis de pólvora e mísseis de ódio”, tritura homem e natureza, reduzindo-os, depois, à falência do pó e à ruína das cinzas.

Aqui, nesse desolado espólio de perdas e danos, a poesia sem embargo da sua inegociável integridade estética, recupera a sua transcendente e permanentemente necessária consciência antropológica, que a convida e impele a pensar o homem em suas angústias existenciais e impasses históricos – não simplesmente para em seu (des)favor erguer um muro de lamentações, mas para arriscar as possibilidades, ainda que precárias e remotas, de sua redenção.

É quando o poeta faz do desconcertantemente belo paradoxo de Jean Cocteau, a sua epígrafe permanente: “A poesia é indispensável, se eu ao menos soubesse para quê”. E denuncia que “o homem perdeu o homem/ não há homem dentro do homem”, constatando que “perdemos a química do amor, perdemos”, “a metafísica das flores, perdemos”.

Na fulgurante poesia de Gabriel Nascente, presente na epifânica e órfica dança de ziguezagueantes relâmpagos

verbais, à positividade do desejo, se contrapõe à negatividade das interdições, daí emergir, quase em tom elegíaco e portador de áspero realismo, “Um Debalde Testemunho”:

“Já não sei mais  
colocar o mundo  
na poesia,  
nem como jogar  
a esperança  
sobre os ombros”

Diante dessa constatação imperiosa, ao poeta, artesão consumado do sonho, resta, tão somente, o edifício das palavras, o seu “Muro de Arrimo”:

Ergui uma parede de livros  
para amparar o espírito.  
A chuva me sopra poemas  
de abalos sísmicos no peito.

E as andorinhas  
me levam (de volta)  
à infância  
defunta  
dos tambores”

**Pão selvagem** (título, aliás, de um dos seus mais celebrados livros), para Gabriel Nascente a poesia é o refúgio para aplacar a fúria da passagem do tempo, a solidão ontológica do homem, a interdição solene da morte, e o irracionalismo supremo e triunfante dos conflitos bélicos que, permanentemente, conspiram contra a já frágil paz mundial.

Desidealizando a paisagem contra-utópica da cidade moderna, com um realismo crítico à Cesário Verde, genial poeta do realismo português, Gabriel Nascente, em “O Co-

ração do Caos”, expõe as dimensões desumanizadas de uma cotidianidade urbana marcada pelo mais ostensivamente visível sentimento disfórico. Nessa territorialidade inteiramente desauratizada, Deus some, a cidade se animaliza, e a subjetividade, emparedada, não logra transcender a condição de uma agônica ilha cercada de solidão por todos os lados.

Aqui, mais uma vez, o lirismo de Gabriel Nascente amplia o compasso e, para além dos recessos intimistas da alma, assume uma nítida feição social, acumpliciando, em uma mesma ambiência semântica, a perplexidade e a denúncia; a desolação diante do ser, e as cultivadas expectativas em torno do incerto devir.

Poeta do tempo, do seu tempo, e de um tempo novo que a arte insiste em construir com a sua libertária e utópica palavra desarticuladora de ideologias, Gabriel Nascente vem, com a férrea e difícil missão de um poeta em tempos de crise civilizatória, dando o seu recado e cumprindo bem o seu ofício: se não pode colher estrelas, acende o relâmpago da poesia e, assim, torna menos escura a histórica noite dos homens.

JOSÉ MÁRIO DA SILVA é professor de teoria da literatura da Universidade Federal de Campina Grande, na Paraíba.



## CRONOLOGIA

*(vida e obra de Gabriel Nascente, em curso)*



1950 Verão, 23 de janeiro, nasce às 18 horas em ponto, hora do ângelus, no Hospital Santa Luiza de Goiânia, Goiás, Gabriel José Nascente, quarto filho de Antônio Estrela Nascente e de Antônia Barbosa Nascente. Seus avôs paternos, José de Paula Nascente e Aurora da Costa Estrela Nascente foram de origem rural, nascidos e criados no eito, da Fazenda Ouro Fino, município da cidade ferroviária de Urutaí, Goiás. Pai e avô foram homens dedicados à dura lida das serrarias. Antônio Estrela Nascente, marceneiro de esmerado talento, desfrutava também de brilhante inteligência para as questões das ciências aritméticas. Já os avôs maternos, Antoniro Barbosa de Faria e Liberalina Pinto Barbosa, também originaram-se da faina camponesa, com raízes na Fazenda Mata de São Pedro, município da antiga cidade de Pouso Alto, hoje Piracanjuba, Goiás.

A infância do menino Bié foi literalmente vivida em contato com a rudeza operária da marcenaria do seu pai Tunico Nascente (Seu Tunico), erguida sobre rijos troncos de aroeira, à rua 75, nº 3, defronte à Escola Técnica Federal de Goiás, no antigo Bairro Popular, de Goiânia, onde funcionou ao longo da década de 1950. Ambiente propiciado ao fluxo de operários e estudantes, principalmente, onde o pequeno vate desenvolveu sua infância ao lado dos seus sete irmãos: Glênior, Vera, Tânia, Gláucio, Alberto, Marco, Paulo e Marcelo. Antônio Estrela Nascente pertenceu à saga de pioneiros da construção da nova capital goiana.

1956 Matriculado no Instituto Araguaia de Goiânia, aos seis anos de idade, onde fez o jardim da infância e o primário.

1958 Faz primeira comunhão na Igreja Nossa Senhora Coração de Maria. Morre, prematuramente, aos 36 anos, seu pai Antônio Estrela Nascente, a 28 de dezembro, vítima da doença de Chagas, deixando numerosa prole (de oito filhos) e esposa na orfanidade. A partir daí, com a morte do pai, o cérebro do então garoto se transforma numa caixa de tumulto, buscando aventuras arrojadas à sua tenra idade. Passa a dividir o tempo entre serviços braçais na marcenaria do seu tio José de Paula Nascente, e peraltices esdrúxulas, na infância.

- 
- 1962 Aos doze anos fabricou, em estrutura de madeira revestida com lâminas de duratex, um submarino, o qual conduziu em carrinho de rolimã até às turvas águas do rio Meia Ponte – cachoeirinha da Usina do Jaó – local onde atirou o submersível às águas, com um colega a bordo (Joãozinho, que anos mais tarde se suicidaria com fortes doses de formicida, às margens do córrego João Leite, em pleno matagal), experiência essa que, por um fio, acabaria em tragédia, caso não aparecesse um pescador, no preciso momento em que o “aparelho” ganhava profundidade, levando ao afogamento seu piloto, que, felizmente, voltou à tona, a salvo. Por causa disso, e também por outras travessuras de rebeldia na adolescência, o Bié da 75, foi alcunhado de *cientista louco*.
- 1963 Arquiteta (e lidera) uma fuga para a África, aos 13 anos de idade, comprando uma cartucheira de dois canos, calibre 22; arma que foi experimentada, à plena luz do dia, no brejo do bosque do Botafogo, coberto de folhagens, regos d’água e lama. Projeto que culminou com a prisão de alguns de seus integrantes (todos menores), e a fuga do seu líder, o poeta, para a vizinha cidade de Anápolis, escondido na carroceria de um caminhão, munido apenas de alguns livros escolares, um canivete, uma lanterna e alguns centavos em dinheiro.
- 1964 Aprovado nos exames de Admissão ao Ginásio Industrial da Escola Técnica Federal de Goiás – ETFG.
- 1965 Escreve seus primeiros poemas e torna-se companheiro de classe do poeta Aidenor Aires. Um ano mais tarde, o etefegeano reúne material suficiente para sua estréia literária, e publica o livro de poesias *Os gatos*, em 1966. Por paixão a tão louco projeto, o departamento pedagógico da ETFG o encaminhou ao consultório psiquiátrico do dr. Walter Massi. Diagnóstico: a doença era mesmo a poesia. Inscreve-se numa corrida de bicicleta (categoria adulto) e chega vitorioso ao pódio, aplaudido pela multidão de populares, no dia 24 de outubro, data consagrada ao aniversário de Goiânia. Não percebendo os acenos do fim da

---

competição ciclística, o arrebatado atleta continuou correndo, sem se dar conta de que já era campeão.

- 1966 Sobe, pela primeira vez, ao palco da Escola Técnica Federal de Goiás e interpreta o poema *Nordeste*, de sua autoria. Apresentação que lhe rendeu calorosos aplausos. Naquele mesmo ano, vive o papel de vice-bruxo na peça teatral "A bruxinha que era boa", de Maria Clara Machado, e mergulha na ficção de Franz Kafka, lendo-o apaixonadamente.
- 1967 11 de janeiro, lançamento do seu primeiro livro de poemas *Os gatos*, na antiga livraria Bazar Oió, de Goiânia, quando reuniu numerosas autoridades, intelectuais e amigos, autografando mais de uma centena de exemplares. Primeiras leituras da poesia de Augusto dos Anjos, Guerra Junqueira, Antero de Quintal e Edgar Allan Poe. Conhece o professor, poeta e crítico literário Domingos Félix de Souza, o qual, a partir daquele ano, lhe orienta no caminho das letras, ajudando-o pessoalmente a publicar seus livros. Também é deste ano a viagem que o jovem poeta empreendeu sozinho, ao Rio de Janeiro, onde se fez hóspede do renomado poeta brasileiro Moacyr Félix – outro guia intelectual de sua obra poética ao longo dos anos futuros. Com ambos os Félix, sedimentou fidedigna amizade, que perdura. Em dezembro, recebe o diploma de formando do Ginásio Industrial da ETEG.
- 1968 Entra pela primeira vez na redação de um jornal, o semanário *Cinco de Março*, onde conhece e trava amizade com o jornalista Batista Custódio e tantos outros da linha de combate às atrocidades militares deflagradas contra a liberdade de imprensa em todo o país, durante o período da recessão imposto pelo Golpe de 1964. Naquele ambiente de jornal impresso à base de linotipo, o poeta estreado aprende, na prática, suas primeiras noções de jornalismo. Tenta adaptar para o teatro o texto da novela *A metamorfose*, de Franz Kafka. Já enturmado à equipe de redatores daquele jornal, ensaia seus primeiros passos de repórter, escrevendo textos e matérias.

- 
- 1970 Conhece os editores Irmãos Oriente (Taylor e José Modesto, o Zezinho, ambos falecidos) e publica pela Ed. Oriente o livro *Reflexões do conflito*, poemas em parceria com o poeta Aidenor Aires. Nesse mesmo ano, sai pela Imprensa da Universidade Federal de Goiás, o livro, também de poesias, *Menino de rua* – composto nas oficinas do jornal *Cinco de Março*, e impresso com papel cedido pela Ed. Oriente. Em novembro, o poeta Carlos Drummond de Andrade aplaude retumbante, por carta, o aparecimento do livro *Reflexões do conflito*, onde, segundo ele, encontrou “a marca de uma personalidade poética intensamente mergulhada no drama do mundo contemporâneo”.
- 1971 Deixa Goiás, numa espécie de auto-exílio, na busca de novas perspectivas para os seus planos de vida transferindo-se para a grande São Paulo em companhia do poeta e jornalista Brasigóis Felício. Ali, após meses de penúria e desempregado, é recebido pelo poeta Menotti Del Picchia, da Academia Brasileira de Letras, que lhe arranja emprego na hoje extinta Livraria Martins Editora; tornando-se amigos. Escreve os poemas de *Colméia de anônimos*. Nos meses em que viveu (sobreviveu) na paulicéia desvairada, partiu para o corpo a corpo, vendendo pessoalmente seus livros na Feira Hippie da Praça da República bem como em restaurantes, choperias e boates, da populosa capital. Retorna à Goiânia, em caráter de visita, durante os festejos dezembrinos, e decide não mais voltar para São Paulo. Novamente desempregado, refugia-se numa fazenda às margens do rio Claro, no sudoeste goiano, onde se entrega desesperadamente à leitura das obras de Albert Camus.
- 1972 É publicado pela Editora Oriente, *Viola do povo* (Cadernos de Poesia I), com patrocínio do Centro dos Professores de Goiás. Obra, inclusive, lançada no Bar do Mercado Central de Goiânia, com pastel e chope para o povo. Meses depois, veio à tona, pela mesma editora, o livro *A Escalada Poética de Gabriel Nascente* – seleção de estudos sobre a poesia de GN, organizada pelo professor Manuel Jesus de Oliveira. A revista *Hispano-Americana*, em

---

sua edição de nº 15, publica o poema *Reminiscências da terra*, de sua autoria, na seção *Un Minuto para la Poesia*.

- 1973 Sai, pela Livraria Martins Editora, de SP, capital, o livro *Colméia de anônimos*, com prefácio de Menotti Del Picchia. É eleito Patrono do Clube de Leitura do Centro de Formação de Professores Primários de Morrinhos-CFPP, pelos bolsistas daquele Centro. Indicado pela Secretaria de Educação e Cultura do Estado para representar Goiás no Primeiro Concurso Nacional de Poesia Falada, em Salvador-BA. E ali, no Teatro Castro Alves, interpreta o poema *O dia do julgamento*.
- 1974 Aparece a 1ª edição de *Um balde cheio de flores pra Manuela não chorar*, pela Editora Oriente. É homenageado pela Prefeitura de Goiânia, com o título de "Personalidade do Ano 74". O jornal *Rio Negro*, o diário mais antigo e de maior circulação da Patagônia, General Roca, Argentina, de novembro de 1974, dedica meia página à poesia de Gabriel Nascente, com notas e traduções de Natalio Kisnerman. Conhece o poeta Vinícius de Moraes, em Goiânia, e o acompanha durante três dias, em sua digressão etílico-teatral. Entrevista o romancista Jorge Amado durante as filmagens de um documentário sobre sua obra, no Mercado Modelo de Salvador, cidade baixa. A convite do Cerimonial do Governo do Estado de Pernambuco, visita Recife, e tem como anfitrião o poeta Marcus Accioly. Foi chamado a integrar a comitiva que acompanhou um cônsul japonês, numa caçada de baleias pelos mares do nordeste. "Ora vejam: – noticiou o jornalista José Elias, em sua coluna Comunicações de *O Popular*, edição de 1º de dezembro de 1974 – nosso menino de rua, às voltas com os problemas existenciais, convocado a participar de aventura tão fantástica como a caça à baleia, em suntuosos barcos japoneses".
- 1975 - Sai, pela *Pd. Araújo* – Livraria e Editora Cultura Goiana, o livro *Os passageiros*, poemas. Atravessa o Mar del Plata em direção a Argentina, onde cumpre missão cultural no Centro de Estudos Brasileiros de Buenos Aires e vê uma seleção de poemas de sua autoria vertidos para o castelhano pelo professor e poeta

- 
- Dilermando Rocha. Trabalho este que resultou na publicação do livro *El llanto de la tierra*, 24 anos depois, na cidade de Concepción, no Chile. Em Buenos Aires, o poeta frequenta a sede da Agrupación Gremial de Escritores Argentinos. Sua passagem pela capital portenha foi saudada em versos pelo autor de *El agua mansa*, Dilermando Rocha. De volta ao Brasil, é recebido pelo poeta Carlos Nejar, em Porto Alegre-RS, e tornam-se amigos. Visita o escritor Érico Veríssimo, em sua casa, para entrevista jornalística. Participa, a convite do professor e poeta Gilberto Mendonça Teles, em agosto, no Rio de Janeiro, da tradicional reunião sabática, do sorvete com bolachas, na biblioteca do escritor Plínio Doyle, onde conhece Carlos Drummond de Andrade, Juscelino Kubitschek, Mário da Silva Brito, Homero Homem, Alfonsus de Guimaraens Filho, dentre outros.
- 1976 Nasce a 17 de janeiro sua filha Vanessa Rodrigues de Almeida Nascente. Candidata-se à cadeira de número 14 da Academia Goiana de Letras, aos 26 anos, e provoca polêmica entre os intelectuais goianos, na imprensa. Apesar de obter apenas um único voto, tumultuou a candidatura do seu concorrente. É publicado nas páginas 21 e 22 da Antologia, das ediciones *Figaro*, ano IV, nº 5, de Buenos Aires, como único figurante da poesia brasileira.
- 1977 Inicia correspondências com o poeta Ronald Cláver, de Belo Horizonte, MG; e com ele publica *Exilados do sol* – um livreto, em duplex, artesanalmente confeccionado. O jornal *O Globo*, do Rio de Janeiro, em sua edição de 10 de junho, o chama de “um fenômeno literário”. Também o jornal *O Aspep* – Órgão da Associação dos Servidores Públicos do Estado da Paraíba, em sua edição de agosto, o trata como “um dos maiores fenômenos poéticos de Goiás”.
- 1978 Lança, em meio a móveis e eletrodomésticos, o livro *A nova poesia em Goiás*, antologia dos poetas goianos, editada pela Oriente. Nasce o seu filho Thiago Estrela Nascente. Viaja, em companhia do seu editor José Modesto Oriente, para João Pessoa, na PB,

---

onde recebe da Academia Paraibana de Poesia o título de “Embaixador da Poesia Brasileira”.

- 1979 A revista *Encontros com a Civilização Brasileira*, número 13, da Editora Civilização Brasileira S/A, RJ, publica vários poemas seus. Lança a antologia dos poetas bissextos: *Colheita (A Voz dos Inéditos)*, em edição da Unigraf.
- 1980 Publica, pela Editora Oriente, *Pastoral*, poemas, com prefácio de Moacyr Félix. É citado por Assis Brasil em *O Livro de Ouro da Literatura Brasileira (400 Anos de História Literária)*, pág. 223, Grupo Ediouro / Editora Tecnoprint S.A., RJ.
- 1981 Sai, pela Civilização Brasileira – Massao Ohno / Editores, do Rio de Janeiro, *Águas da meia ponte*, também prefaciado por Moacyr Félix. Volume 48 da Coleção *Poesia Hoje*. Recebe o Troféu Tiokô, da União Brasileira de Escritores, Secção Goiás, como o autor que mais se destacou na área de literatura no ano de 1980. Entrevista, no Rio de Janeiro, os escritores Pedro Nava, José J. Veiga, Edilberto Coutinho e Moacyr Félix.
- 1982 Sai, pela Editora Civilização Brasileira S/A, RJ, *Chão de espera*, (segunda edição do livro *Menino de rua*, revisto e ampliado), volume 64 da Coleção *Poesia Hoje*, daquela editora. Conhece Maria D’Lourdes Silveira, com quem celebra união conjugal.
- 1984 Obtém premiação no I Concurso Nacional de Poesia *Vinícius de Moraes* para servidor público, e é publicado em antologia do referido certame, pela Editora Nova Fronteira. Recebe, ainda, o Troféu Júri Popular *Vinícius de Moraes*. Vence o Concurso Literário Cinquentenário de Goiânia, patrocinado pela Prefeitura. Concorre à presidência da União Brasileira de Escritores, liderando a chapa Combate; é derrotado.
- 1985 *Crônica da manhã*, poemas, é publicado pela Universidade Católica de Goiás.

- 
- 1986 Aparece o seu primeiro livro de prosa, *Um dia antes de mim*, novela, publicado pela Universidade Católica de Goiás.
- 1987 Lança, pela Editora Líder, *Madrugada nos muros*, poemas. E ganha, pela segunda vez, o concurso de poesias promovido pela Prefeitura de Goiânia, no transcurso do aniversário da capital goiana. Conhece pessoalmente o líder do Partido Comunista Brasileiro, Luís Carlos Prestes.
- 1988 Publica *Janelas da insônia*, poemas, pela Editora O Popular. É eleito por aclamação o primeiro presidente-fundador do Conselho Municipal de Cultura, do qual ainda é membro. A convite do professor Ático Vilas Boas da Mota, empreende viagem a Macaúbas, no sertão da Bahia, onde é homenageado pela Fundação Cultural Professor Mota, ao lado do médico e artista plástico Getúlio P. Araújo. É selecionado pelo VII Prêmio Scortecchi de Poesia e publicado na antologia *Lauréis*, volume IV, da João Scortecchi Editora, São Paulo, 1989.
- 1989 A Editora Líder publica *Trono de areia*, poemas.
- 1990 Entrevista o poeta Ferreira Gullar.
- 1992 A Ediouro S/A, do Rio de Janeiro, publica *Sentinelas do efêmero* (Entrevistas Literárias). Participa da *Antologia da Nova Poesia Brasileira*, organizada por Olga Savary, Fundação Rio/Rio Arte, Editora Hipocampo. Distribui cerca de dez mil exemplares do livreto *A valsa dos ratos*, durante as eleições de 92, quando então disputou uma cadeira de vereador por Goiânia, e perdeu.
- 1993 *A ponta do punhal*, poemas, é publicado pelo Cerne/GO.
- 1994 Candidata-se à presidência da Associação Goiana de Imprensa-AGI, mas não chega a duelar o voto porque sua chapa não obteve registro.
- 1995 Sai, pela Fundação Cultural Pedro Ludovico / Cerne, *Ventania*,
-

- 
- poemas. É antologado, simultaneamente, por duas publicações de âmbito nacional: *Poesia Sempre*, revista semestral de poesia, ano 3, número 5, da Fundação Biblioteca Nacional / Departamento Nacional do Livro; e *Síncrismo – A Poesia da Geração 60*, com introdução e organização de Pedro Lyra. Fundação Cultural de Fortaleza / Fundação Rio Arte / Editora Topbooks, RJ. Lança, em caráter pioneiro em todo o país, a idéia de se publicar fragmentos de poesia, nas contracapas (parte interna) dos talões de cheques. O Banco do Estado de Goiás S/A aprovou e executou o projeto.
- 1996 É o primeiro goiano a ganhar o maior prêmio literário de poesia, de todo o país: o *Prêmio Cruz e Sousa de Literatura*, da Fundação Catarinense de Cultura, Santa Catarina, com o livro de poemas *A Lira da lida*. Por esta premiação o poeta recebeu dez mil reais, mais a publicação da obra. E lança, pela Editora Kelps de Goiânia, *Sandálias de pedra*, uma incursão poética ao minimalismo.
- 1997 É premiado pelo concurso literário da Bolsa de Publicações Hugo de Carvalho Ramos, com o livro de poemas *Os aventais da púrpura*. Recebe 20 salários mínimos, mais a publicação da obra. E lança, pela Editora Kelps, *Goiás, meio século de poesia*, antologia de poetas goianos. Participa, com substanciosa colaboração, da antologia *A poesia goiana no século XX*, organizada por Assis Brasil, publicada pela Imago Editora, do Rio de Janeiro.
- 1998 Pela Editora Kelps, publica mais dois novos títulos: *A cova dos leões*, romance e *O anjo em chamas*, poema dramático sobre a vida e a obra de Arthur Rimbaud.
- 1999 Lança, pela Editora Kelps, *A taça derramada*, poemas. É publicado, em Concepción, no Chile, o livro *El llanto de la tierra* (Prantos da Terra), seleção de poemas traduzidos para o castelhano pelo também poeta Dilermando Rocha, do Centro de Estudos Brasileiros de Buenos Aires, na década de 1970. Em edição de Sérgio Ramón Fuentealba e Cecilia Zuñiga Sanhuesa. Por iniciativa do ministro Elias Bufaiçal, a Federação do Comércio em Goiás o
-

- 
- homenageia, lavrando em monumento de aço escovado um poema de sua autoria. E a Assembléia Legislativa do Estado de Goiás lhe outorga a Comenda Prof. Colemar Natal e Silva, e o Troféu Cora Coralina, pelo seu conjunto de obras.
- 2000 É aprovado pelo Conselho Editorial do Centro Editorial e Gráfico da Universidade Federal de Goiás-CeGRAF, o livro inédito de poemas *Boa-noite, crepúsculo*, o qual foi publicado pela Coleção Vertentes daquela editora.
- Vence o concurso literário da Bolsa de Publicações Cora Coralina, com o livro de poemas *O pão selvagem* (inédito), promovido anualmente pela Agência Goiana de Cultura Pedro Ludovico Teixeira. Também, neste mesmo ano, vence o concurso literário da Bolsa de Publicações Wilson Cavalcanti Nogueira, da prefeitura municipal de Pires do Rio, GO, com o livro inédito, *A Dança do Relâmpago*, poemas.
- São publicados três poemas seus na AUGUSTA (Revista Semestral de Poesia) nº 2, Cabo Branco, Paraíba, 2000. O diretor fundador da revista é Ascendino Leite.
- 2001 O livro *A Torre de Babel* foi indicado como finalista ao Prêmio Jabuti, da Câmara Brasileira do Livro, de São Paulo, ao lado de poetas consagrados como Lêdo Ivo, Manoel de Barros, Carlos Nejar, etc. E neste mesmo ano, a referida obra obteve o segundo lugar no Concurso Nacional de Poesia "Centenário de Henriqueta Lisboa", promovido pela Academia Mineira de Letras, de Belo Horizonte-MG.
- Menção Honrosa do "Prêmio Joaquim Norberto poesia editada", da União Brasileira de Escritores do Rio de Janeiro. É um dos entrevistados pelo professor italiano Giovanni Ricciardi no livro *Auto-retratos de escritores goianos*. É cumprimentado pelo Papa João Paulo II pela publicação de seu livro *As tintas do teu pranto*.
- 2002 A Revista Internacional Caderno de Poesia Jalons, editado pelo poeta Jean Paul-Mestas, em Palais de Parcs, Nantes, França, em seus números 67, 68, 72 e 73, publica e comenta poemas e livros de GN. Também, em Porto, Portugal, a revista *Palavra em Muta-*

---

ção, do editor e poeta Antônio José Queirós, publica poemas de GN, nos números 1 e 2, consecutivamente. E já, em Céspedes, Camagüey, Cuba, a poesia de GN passou a ser divulgada pela Rádio Flórida, na voz do jornalista e poeta Arcílio Rainel Peláez Conde. Recebe, em Goiânia, a visita dos poetas holandeses Marco Nijmeijer e Jana Beranova, que o convidaram para o próximo encontro internacional de poetas em Haarlem, capital da Holanda setentrional. Menção honrosa no concurso nacional "Prêmios Literários Cidade do Recife 2001", da prefeitura do Recife, com o livro inédito de poemas *A memória do pó*.

2003 Vence, pela segunda vez, o concurso literário da Bolsa de Publicações Hugo de Carvalho Ramos, com livro inédito de poemas: *Tempestade na proa*. Além da publicação da obra, por conta da Prefeitura de Goiânia, o autor recebeu também 20 salários mínimos em dinheiro.

Este livro foi impresso  
na oficina da ASA EDITORA GRÁFICA LTDA.  
No papel: off-set 75g  
Rua 15 Nº 117, Qd. 20 Lt. 13  
Setor Marechal Rondon Goiânia - GO  
CEP: 74.560-420  
Fone: (62) 211-3958  
Formatado por  
M&A Comunicação Visual Ltda.  
Fone: (62) 211-3458

---

A revisão desta obra é de total  
responsabilidade do autor.